

MEMÓRIA

DA IMPRENSA

Edição nº 5 | setembro 2024 | www.abi-bahia.org.br



Associação
Bahiana de
Imprensa



Profissão: repórter Contra os males da mentira.

ARTIGOS | Desmistifique-se a lenda. Notícias falsas. Internet: liberdade e extremismos.

ENTREVISTAS | Cristóvão Rodrigues, Fernando Vita, Helô Sampaio,
Raimundo Machado e Tasso Franco.

REPORTAGEM | História da Imprensa de Vitória da Conquista.

NOVEMBRO
NOS CINEMAS DE SALVADOR

acelen GOVERNO DO ESTADO
BAHIA APRESENTAM

A VOZ DE JORGE RAMOS

O ARQUITETO DA REPÚBLICA

ATOR CONVIDADO **RICARDO BITTENCOURT** ARGUMENTO **NELSON CADENA** ROTEIRO **PEDRO NOBREGA, FERNANDA MIRANDA, PEDRO SPREJER**
PRODUÇÃO EXECUTIVA **BIANCA LENTI, MAURÍCIO MAGALHÃES, MAURÍCIO XAVIER** DIREÇÃO DE PRODUÇÃO **OLIVIA BUARQUE**
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA **BENTO MARZO** TÉCNICO DE SOM **FILIPE GOMES** MONTAGEM **TATTIANA GOUVEIA**
TRILHA SONORA ORIGINAL **RODRIGO LIMA** DIREÇÃO **FERNANDA MIRANDA, PEDRO SPREJER** DIREÇÃO GERAL **BELISARIO FRANCA**

PRODUÇÃO



APOIO

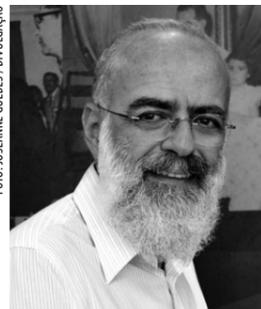


PATROCÍNIO



Palavra do Presidente

FOTO: JOSEANNE GUEDES / DIVULGAÇÃO



Ernesto Marques
Presidente da Associação
Bahiana de Imprensa

N o começo, seriam documentários sobre três temas que viabilizariam gravar 30 entrevistas, mas os projetos não foram aprovados no primeiro edital da Lei Aldir Blanc. A opção foi assumir todos os riscos de manter o propósito de eternizar pelo menos 30 depoimentos de comunicadores e comunicadoras da Bahia. Começando pelo risco de a empreitada resultar em prejuízo financeiro. De fato, as 3 primeiras edições foram deficitárias, mas surpreendentemente “lucrativas” — considerando que o lucro almejado não era dinheiro. Acumulamos e estamos a acumular um patrimônio precioso, mas de valor intangível.

O superávit é um grande aprendizado: merecemos o mesmo tratamento dispensado às nossas fontes. Publicamos histórias de vidas fantásticas, através de pesquisas, entrevistas e isso nos consome muito tempo e energia criativa. Por que não fazermos o mesmo com jornalistas e radialistas, se sabemos das coisas incomuns, aventuras e perigos, vividos por quem tem por ofício, a dor e a delícia de contar histórias?

A 4ª edição foi consequência do sucesso das três primeiras, e também da exposição e do catálogo do decano dos repórteres fotográficos, Anízio Carvalho. O tempero de atualidade do número 4, conectado às comemorações pelo aniversário da ABI, foi determinante para os ajustes ao projeto editorial destas próximas cinco edições. Neste número 5 da revista, além das entrevistas, a capa anuncia o tema que pauta três artigos; incluímos ainda um ensaio fotográfico e uma viagem histórica pela imprensa regional, começando pelo Sudoeste dos coronéis conquistenses — violentos na política e virulentos na palavra impressa em seus jornais.

Na estreia, ainda em fins de pandemia, o lançamento do número 1 foi virtual. Nas edições seguintes, fizemos questão da conversa, do abraço e da alegria do encontro de gerações. Com a presente edição de setembro, serão mais cinco neste formato, lançadas em manhãs de sábado, quando somente um plantão será justificativa para não marcar presença. Começaremos sempre com um debate sobre o tema da edição com os autores dos artigos e convidados, seguido de uma roda de conversa com os entrevistados de cada edição. Encerraremos contemplando Kirimure numa *jam* organizada por coleguinhas multitalentosos. No lançamento desta edição, o “Tributo a Jorginho”, reverenciando a vida

de Jorge Ramos com a alegria que ele tinha como marca, tendo a presença de seus antigos mestres, colegas dos velhos tempos de EBC e egressos da Facom, de diferentes “fornadas”, que foram seus focos — como este que vos escreve.

Além das entrevistas deliciosas, este número 5 é um convite à reflexão sobre o maior dilema ético experimentado pela humanidade desde a descoberta da fissão nuclear como possibilidade tecnológica de promover ou exterminar a vida. Muniz Sodré não exagera quando fala na reconfiguração antropológica da vida humana neste primeiro quartel de século XXI, quando nossos corpos se convertem, virtualmente, em tela.

Muito antes do embate com o poderoso multi-bilionário Elon Musk, na abertura de um congresso da Ufba, Muniz Sodré advertiu: “A internet não é alimentada por uma doutrina utópica, mas pelo *big data*, que está em mãos de empresas privadas com tendência monopolista”. Para o professor, “a real articulação no mundo virtual não se faz com direitos humanos, mas com a volatilidade voraz do capitalismo financeiro”.

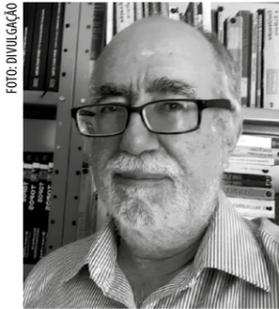
Fechamos esta edição no auge do enfrentamento do Judiciário brasileiro contra empresas abertamente determinadas a se sobrepor aos estados nacionais. Ao mesmo tempo, o uso de ferramentas de inteligência artificial e o manejo solerte dos algoritmos transformam desinformação em negócio e novos milionários se fazem agredindo instituições, assassinando reputações e virando o sistema eleitoral de ponta-cabeça.

São tênues os limites entre a necessidade imperiosa de combater a desinformação, o discurso de ódio e intolerância e a garantia do pleno exercício das liberdades democráticas. Há quem defenda a tese da liberdade de expressão como direito absoluto e preponderante sobre qualquer limite cogitado para coibir abusos. Há quem conteste este antagonismo com a advertência sobre riscos de a liberdade sem limites ser, em aparente contradição, a maior ameaça às liberdades democráticas, cujo pressuposto é o respeito à naturalidade do contraditório e à diversidade demasiadamente humana.

A comunicação de hoje talvez nos ensine a desaprender, cogita Muniz Sodré. Esta revista e o momento de reflexão proporcionado no evento de lançamento são uma nanoscópica contribuição para que tal hipótese não se realize.

Boa leitura e até a próxima edição, em dezembro!

Apresentação



Biaggio Talento
Editor

Em tempo de eleições, o número 5 da Revista Memória da Imprensa da ABI tem como um dos seus motes a disseminação de notícias falsas que tantos males provocam à Nação. Os jornalistas que expressaram suas opiniões nas edições anteriores sobre o assunto formaram um raro consenso (em se tratando da categoria) de que somente o bom jornalismo pode combater as chamadas *fake news*. Na presente edição, os artigos de Aguirre Talento, André Curvello e Leonardo Nascimento tratam do assunto com as visões de suas experiências. A revista abre espaço também para uma reportagem de Fábio Sena e Isabela Sena sobre a história da vibrante imprensa escrita de Vitória da Conquista, terceiro município mais populoso da Bahia.

Nesta edição, as cinco entrevistas com comunicadores que vivenciaram o desenvolvimento do jornalismo baiano a partir da década de 1960, mostram que a profissão, como modo de vida, podia prescindir de melhores condições econômicas a depender do ambiente de onde se trabalhava. Os jornalistas Cristóvão Rodrigues, Fernando Vita, Helô Sampaio, Raimundo Machado e Tasso Franco revelam o que havia de encantador no dia a dia das redações de jornais e rádios baianos, onde a busca pela notícia, pelo furo e pela melhor imagem conviviam com brincadeiras, piadas e os casos engraçados protagonizados por personagens curiosos que circulavam nesses ambientes. Documentava-se a história, ria-se muito e tudo acabava nos bares próximos aos jornais, em especial o Cacique, situado na região da Praça Castro Alves, cercanias das principais redações.

O *revival* desse clima faz lembrar da “minha” turma com carinho e tristeza, ante o passamento de um dos integrantes da “confraria toda terça”, Jorge Ramos, o nosso Jorginho, que nos deixou em abril. Foi ele quem arregimentou o grupo para reuniões semanais, depois do expediente, no Porto do Mo-

reira. Nesses encontros, falava-se do momento político do Brasil a partir do final da década de 1980 e, principalmente, de jornalismo, do dia a dia de cada um dos integrantes. E Jorginho, escriba juramentado como era, teve a ideia de escrever atas, relatando o conteúdo das conversas, exagerando sempre que possível, caricaturando com habilidade as situações hilárias.

Ele próprio não se fazia de rogado a confessar suas estrepolias. Uma delas, das mais engraçadas, foi quando abalroou um sujeito na Avenida Joana Angélica. O caso foi parar nos tribunais pois o atropelado, a quem Jorginho não se negou a ajudar, queria ser indenizado. Ocorre que a vítima levou para o julgamento apenas uma testemunha do acidente, um vendedor de jaca que colocava seu balaio na calçada da Joana Angélica. Mas o depoimento foi um fracasso. A tudo que perguntavam ele respondia que não havia visto ou não sabia de nada. Num dado momento, o juiz resolveu fazer graça: “Me responda pelo menos se o senhor vendia jaca dura ou jaca mole”. Resultado: com a ajuda da verve do advogado-jornalista José Rodrigues, Irecê, venceu a tese da “negativa de autoria” e Jorginho safou-se pra contar a história e deve curtir as lembranças desta e outras histórias onde estiver, abraçado com seu amigo Irecê.

A edição também premia os leitores com o ensaio fotográfico “Romaria noturna”, de Valter Lessa, cujo depoimento foi publicado no 1º número da revista. As entrevistas do quinteto Cristóvão Rodrigues, Fernando Vita, Helô Sampaio, Raimundo Machado e Tasso Franco foram gravadas em vídeos pela equipe da Associação Bahiana de Imprensa e integradas ao acervo da entidade. O material publicado neste número 5 da revista é um fragmento editado para caber no espaço da publicação, um projeto que segue firme com o objetivo de contar a história da comunicação da Bahia através do testemunho dos seus personagens.



auditório
**SAMUEL
CELESTINO**



Associação
Bahiana de
Imprensa

**TRAGA SEU EVENTO PARA O
CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR.**

Um espaço multiuso, climatizado, ideal para encontros corporativos e atividades culturais.



Fotos: Paula Fróes

Quem passa por aqui se encanta com essa vista!

FAÇA A SUA RESERVA

(71) 9 8426-1460 | secretaria@abi-bahia.org.br



Salvador, Edifício Ranulfo Oliveira, Rua Guedes de Brito, 1 - Praça da Sé

1798 - 2024

226 anos da Revolta dos Búzios

“Homens, o tempo é chegado para a vossa ressurreição, sim para ressuscitáveis do abismo da escravidão, para levantáveis a Sagrada Bandeira da Liberdade.”

A liberdade consiste no estado feliz, no estado livre do abatimento, **a Liberdade é a doçura da vida**, o descanso do homem com igual paralelo de uns para outros, finalmente a Liberdade é o repouso e bem aventurança do mundo.”

(Papéis Revolucionários de 1798)

— 1798 —

REVOLTA DOS BÚZIOS

UM FILME DE **ANTONIO OLAVO**

PRODUÇÃO **Portfolium**
LABORATÓRIO DE IMAGENS

DISTRIBUIÇÃO **ABARÁ FILMES**

EXPEDIENTE

Conselho Editorial da ABI
Ernesto Marques, Jaciara Santos, Luis Guilherme Pontes Tavares e Florisvaldo Mattos
Coordenação de Comunicação: Joseanne Guedes
Coordenação Editorial: Ernesto Marques e Jaciara Santos
Editor: Biaggio Talento
Projeto Gráfico: Editora Bamboo
Revisão: Guido Guilherme Krieger
Impressão: Grasb

Tiragem: 1.000 exemplares
Distribuição: Gratuita
Contato: ascom@abi-bahia.org.br

MEMÓRIA DA IMPRENSA é uma revista histórica da Associação Bahiana de Imprensa que apresenta depoimentos de decanos da comunicação no estado e suas contribuições para o desenvolvimento da mídia nos últimos 70 anos, revelando as peculiaridades e momentos marcantes da atividade jornalística ao longo do tempo. As opiniões, dados, fatos e conceitos expressos nas entrevistas e artigos são de responsabilidade exclusiva de entrevistados e articulistas e, necessariamente, não expressam a posição da revista e da Associação Bahiana de Imprensa.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente: Antônio Walter dos Santos Pinheiro
Vice-Presidente: Sérgio Augusto Soares Mattos
Secretária: Heloisa Sampaio
Suplentes:
Wilson Midlej
Raimundo Vieira

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Ernesto Marques
1º vice-presidente: Luis Guilherme Pontes Tavares
2º vice-presidente: Suely Temporal
1ª secretária: Amália Casal
Diretor de Finanças: Antônio Matos
Vice-diretora de Finanças: Sara Barnuevo
Diretora de Defesa DI/DH: Mara Santana
Diretor de Cultura: Nelson Cadena
Diretor Social: Nelson José de Carvalho
Diretor de Patrimônio: Raimundo Marinho
Diretora de Comunicação: Jaciara Santos
Suplente: Luiz Fernando Lima

CONSELHO CONSULTIVO

Titulares:
Suzana Alice Pereira
Joaci Góes
Emiliano José
Suplentes:
Jolivaldo Freitas
Luiz Nova

CONSELHO FISCAL

Titulares:
Simone Ribeiro
Pedro Daltro
Romário Costa Gomes
Suplentes:
Valter Xéu
Valber Carvalho

CONTATOS

Assessoria de Comunicação:
☎ 71.98791-7988 - ascom@abi-bahia.org.br
Secretaria:
☎ 71.98426-1460 - secretaria@abi-bahia.org.br
Administrativo:
71.98425-9463 - administrativo@abi-bahia.org.br

ASSOCIAÇÃO BAHIANA DE IMPRENSA

Rua Guedes de Brito, nº 01, Edif. Ranulfo Oliveira,
2º andar, Centro Histórico de Salvador - Bahia
CEP 40.020-260

Sumário



Entrevistas

Cristóvão Rodrigues	8
Fernando Vita	14
Helô Sampaio	22
Raimundo Machado	28
Tasso Franco	38

Ensaio Fotográfico

Romaria noturna	44
-----------------------	----

Artigos

Desmistifique-se a lenda	52
<i>Aguirre Talento</i>	
Notícias falsas, uma ameaça crescente à democracia	54
<i>André Curvello</i>	
Internet: liberdade e extremismos	56
<i>Leonardo Nascimento</i>	

Jornalismo no interior

O cotidiano de Vitória da Conquista nas páginas dos jornais.....	58
--	----



FOTO: CNOVALENTE

Cristóvão Rodrigues dos Santos é um dos comunicadores essenciais para quem quer conhecer as histórias da rádio e TV na Bahia. Tendo feito apenas o curso primário, devido às circunstâncias da vida, tornou-se autodidata e mestre em termos de comunicação. Contribuiu para isso o fato de poder circular desde os 11 anos no Alto do Gantois, área vizinha à instalação da TV Itapuã, a primeira emissora da Bahia, integrante do grupo Diários Associados do empresário Assis Chateaubriand. Brincava no canteiro de obras da emissora

com os amigos e, quando a TV entrou no ar, no final de 1960, foi convidado a participar dos programas infantis e nunca mais deixou o meio. Destacou-se na Rádio Sociedade da Bahia, integrando as lendárias equipes esportivas até chegar à direção da primeira emissora de FM da Bahia, a Itapuã. Com uma estratégia arrojada de pesquisas para sondar o gosto dos ouvintes, levou a emissora a liderar a audiência durante anos. Conviveu com inúmeros personagens da comunicação e conta algumas de suas histórias nesta conversa com Ernesto Marques e José Pacheco.

Botava no ar o que *as pessoas queriam ouvir*

Como você chegou a este planeta de comunicação?

Nasci em Valença, no dia 5 de maio de 1947. Filho de mãe solteira, 14 filhos pra criar. Vim pra Salvador trazido por uns parentes, com 11 anos de idade, para estudar. Cheguei aqui depois da Copa do Mundo de 1958, e, para entrar na escola já era difícil, porque estava em julho e as turmas já em andamento. E como ia ficar sem estudar procurei um emprego. Fui trabalhar no Armazém de senhor Domingos, no Alto do Gantois. A família dele, gente da melhor qualidade, Testemunha de Jeová. Moravam colados no candomblé de Menininha e tinham um excelente relacionamento com o pessoal do terreiro. Tive a ventura de conhecer as três maiores mulheres da Bahia, na minha visão. Mãe Menininha, primeiro; Irmã Dulce, segundo; e Maria da Vovó, (risos) terceiro. Só tenho o curso primário. Com 11 anos, a TV Itapuã estava sendo construída, perto do Alto do Gantois. E eu costumava brincar com a molecada dentro da construção. Era do Diário das Emissoras Associadas, foi inaugurada em 19 de novembro de 1960. E ali conheci uma das figuras mais emblemáticas do Brasil, que é Assis Chateaubriand, que foi lá inaugurar a Itapuã. A TV abriu numa sexta-feira. Na segunda, conheci o diretor de um programa de televisão, Frederico José de Souza Castro (Fred Castro) que me chamou para fazer um teste para teatro infantil. Comecei na televisão assim.

Com que idade?

Tinha 13 anos. Fiz teatro infantil, na Itapuã, ao vivo, nem existia VT. Depois, mais velho, fui convidado pelo jornalista Francisco Aguiar da Silva, editor da TV Itapuã e o seu sub Carlos Elísio de Souza Libório, para ser montador. Montava os filmes em celulóide que iam para o ar do jornalismo, cujo principal programa era o Repórter Esso. Depois, Libório me indicou para a equipe de esportes da Rádio Sociedade, onde tive o prazer e a ventura de trabalhar com Genésio Ramos, Ivan Pedro, Carlos Libório e Paulo Souto, o ex-governador da Bahia, que era redator no programa de esportes.

Que programas apresentou na TV Itapuã?

Um programa de sábado à tarde, chamado Poder Jovem. O Ao Pé da Fogueira, que era sobre quadrilhas de São João. Uma coisa que ficou muito gravada nas minhas primeiras participações em jornadas esportivas na rádio foi cobrir um jogo da seleção de Valença contra a de Nazaré das Farinhas. E do estádio até a Estação Ferroviária da Leste, em Nazaré, levava 15 minutos. De lá, mandava os boletins pra Rádio Sociedade. Um boletim, uns 15 minutos antes de começar o jogo, outro no intervalo da partida e um boletim final depois que terminou o jogo: Nazaré 3, Valença 3. Assim comecei minha vida efetivamente no rádio. A Sociedade cobria todos os jogos do campe-

onato baiano. Eram cinco jogos por domingo e sempre sobrava para eu ir num lugar desses. Em Vitória da Conquista, fiz uma “pegadinha”, sem querer, com José Ataíde Costa, da Rádio Cultura da Bahia. Ele não viajava. Ficava ouvindo a Rádio Sociedade que ia pra todos os estádios e quando tinha gol o repórter da Sociedade gritava, no caso eu, gritava, “gooolll!”. E Zé Ataíde interrompia quem estivesse narrando na Fonte Nova e entrava gritando gol também [como se estivesse em Conquista]. Aí, pênalti que Piolho centroavante do Conquista foi cobrar. Eu avisei, “Ô Genésio, pênalti do Vitória da Conquista, vai cobrar Piolho, gooolll...” E Zé Ataíde, aqui, replica: “Gooolll, gol do Conquista, Piolho, de pênalti”. Quando olho pro campo, Ataíde já tinha narrado os detalhes que ele não viu. Mas não foi gol, foi fora! Então, entrei depois completando, “Genésio, olha, houve invasão da área, vai bater o pênalti novamente. Atira Piolho. Pra fora!”. E foi difícil pra Ataíde consertar isso.

Como foi aquele episódio do boicote da imprensa ao Vitória em meados dos anos 60?

Isso foi quando [o jornalista] Cléo Meireles foi agredido por capangas de Nei Ferreira e a imprensa se fechou contra o Vitória. Não transmitia os jogos do Vitória. Não falava do time.

Você lembra o que indignou tanto o presidente do Vitória, Nei Ferreira?

Essa história tem várias versões. Entre elas que Cléo Meireles namorava uma namorada de Nei e que o motivo da surra não seria nada de futebol. E, sim, esse problema aí. Foi um atraso muito grande para o jornalismo e o futebol da Bahia de um modo geral porque o Vitória, segunda força, e você não narrava jogo do time. Não falava do rubro-negro.

Como se resolveu isso na época?

Com o tempo foi indo, foi indo, se distensionando.

Conte sobre essa transição que você falou que começou na TV Itapuã, depois foi para a Rádio Sociedade, onde começou a fazer esporte. Quando é que você vai para o jornalismo impresso?

Libório era subeditor do Jornal da Bahia e redator do programa de esportes da Rádio Sociedade e, na verdade, na redação da Sociedade estava praticamente toda a redação do esporte da Bahia. Porque Genésio Ramos, chefe da equipe de esportes da Rádio Sociedade, era o editor-chefe do Jornal A Tarde.

Então naquele tempo havia essa dobradinha do impresso com a rádio.

Sim, as pessoas se entendiam bem. Sendo que a Rádio Sociedade comandava isso porque o Diário das Emissoras Associadas era a grande empresa de jornalismo no Brasil criada por Assis Chateaubriand, que também teve a ventura de conhecer.

Como foi esse contato com ele?

Meu melhor contato com Assis Chateaubriand foi quando, numa viagem do Nordeste pro Rio, [ele] resolveu descer em Salvador. Chegou nos Diários Associados antes das 10 da manhã sem avisar ninguém. Mandarin, o porteiro, o barrou: “Você não pode subir”. Ele: “Eu vim ver Odorico”. “Dr. Odorico Tavares ainda não chegou. Então o senhor vai ter que esperar para ver se ele quer falar com o senhor”. Aí chega Leite, o cidadão que tomava conta das máquinas dos Diários Associados. E Leite olha Chateaubriand na portaria barrado (Risos). “Dr. Assis, o senhor aqui, o que é que está fazendo?”. “Vim ver Odorico, mas o jovem aqui não me deixou subir”. (Risos). “Como é que você não deixa subir Dr. Assis, Mandarin?”, não sei o quê. “Desculpe Dr. Assis”. “Calma, que se tem alguém certo aqui é ele que não me conhecia e não podia deixar subir qualquer um para a sala do diretor-geral da empresa”.

Você viveu a crise também, dos Associados, devido à dissolução...

Sim. Pouco antes de Pedro Irujo comprar os Diários Associados, algumas pessoas, como eu, recebiam, por exemplo, o salário em relógio. Fez publicidade de relógio, pagou em relógio. Então cada um ficava dizendo “vale o salário, não vale o salário”. Essa crise se prolongou durante muito tempo até que Irujo comprou a TV Itapuã e a Rádio Sociedade. Os jornais ele não quis. Se fala que houve interferência de Antonio Carlos Magalhães para que Irujo comprasse para não fechar uma base de emprego, televisão com rádio. A partir daí ele recupera o grupo.

No tempo dos Diários Associados, você é um personagem da inauguração da FM da Bahia, a rádio 97.5, em novembro de 1976.

Particpei. Fui o locutor. David Raw era o diretor dos Diários Associados na Bahia, já em decadência total. Então ele resolve fazer a Itapuã FM, que era uma concessão que tinha a Rádio Sociedade, mas não usava.

Começou de maneira bem rústica?

Não. Vários técnicos consertaram um velho transmissor RCA, canadense e esse equipamento colocou a Itapuã FM no ar, que antes se chamava 97.5. Passou a se chamar FM Itapuã no momento em que Irujo assume os Diários Associados.

Há um episódio curioso da inauguração, ela funcionava num prédio...

Funcionava num prédio onde morava uma namorada de David Raw e a rádio, na verdade, era um gravador, dois toca-discos e dois microfones. Não tinha locutor, não tinha nada. Uma fita que rodava a hora certa de 15 em 15 minutos. E fui o locutor que transmitiu a inauguração da rádio. David Raw leva para a inauguração o governador, o prefeito, o ministro das Comunica-



◀ No tempo de repórter de campo, da Rádio Sociedade, no Estádio da Fonte Nova, anos 1970.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



◀ Entregando o “disco de ouro” a Luiz Caldas, um dos criadores da axé music.

ções, coronel Euclides Quandt de Oliveira. Fez o coquetel no saguão do prédio, embaixo. E aí, o coronel: “Quero conhecer o estúdio”. (Risos). David Raw tenta enrolar e ele insiste, “não, quero ver tudo”. “O lugar é apertado”. E sobem o coronel, o governador e os assessores mais próximos. Quando chega lá em cima, entra todo mundo e o coronel se assusta com o que vê. Aí David Raw diz assim: “Coronel, aqui o senhor tem a prova viva de que rádio não é pra se ver, é pra se ouvir!”. (Risos). Que figura mais fantástica esse cara!

E o estilo do então radialista França Teixeira?

Ninguém fazia no Brasil. E depois o Brasil inteiro imita ele. Hoje, praticamente, em todo lugar do Brasil tem um França Teixeira. Trabalhei com ele na Rádio Sociedade, fazendo parte da equipe de produção. Ele tinha um programa às quintas-feiras chamado “França Teixeira, profissão repórter”. Ele levava qualquer figura. Entrevistou Leonel Brizola, antes de Brizola voltar para o Brasil. Fez entrevista na TV Itapuã, ele no exterior, só com as fotos de Brizola. Era um visionário com relação a isso. França Teixeira revolucionou o rádio.

Você tem outro nome que atingiu o patamar que França não atingiu, Fernando José, candidato a prefeito.

Fizemos a cabeça de Pedro Irujo para contratar Fernando José. E Irujo começou a ter Fernando José como se fosse um filho. Tinha determinadas pessoas que Pedro Irujo gostava, que quando ele gostava sai de baixo. Por exemplo, Waldir Pires. Por isso que digo: Fernando José só foi prefeito porque Waldir quis. Se Waldir tivesse dito, “Pedro, tire Fernando José”, ele tirava. Irujo bancou 60% da campanha de Fernando José à prefeitura, Irujo também entrou pesado. E teve a visão política de Mário Kertész, que queria primeiramente Gilberto Gil. Mas Mário é uma pessoa extremamente inteligente, viu que Gil não ganhava a eleição.

Quem vetou Gil foi Waldir Pires?

Waldir vetou, mas Gil não foi o candidato porque perderia. Fui a primeira pessoa a chamar Fernando e dizer: “Se você quiser, vai ser prefeito de Salvador”, porque era eu quem ficava com as pesquisas.

Como foi aquele momento da Itapuã FM quando você assumiu a coordenação com Pedro Irujo e afirmou “a gente colocou a Itapuã FM em primeiro lugar com base em pesquisa”.

Bom, sempre fui atento à imprensa, de um modo geral. E acompanhei o maior homem de pesquisa do país. O homem que lançou o Ibope no Brasil, Homero Icaza. *El brujo*. Vi que esse cara foi quem disse pra Brizola que ele seria governador do Rio de Janeiro. Quem o trouxe à Bahia foi Mário Kertész. E aí eu disse a ele, “olha, nós temos um departamentozinho de pesquisa aqui, que eu já faço pra Itapuã FM, sou primeiro lugar aqui”. Mas aprendi muito com ele. Toda programação da Globo era baseada nas pesquisas de Homero. Por exemplo, personagens que morriam no meio da novela. Era personagem que a população não gostava. Ele tinha esses dados. Agora, uma coisa que eu conto foi que ganhei de Homero. Pra ele, Fernando José estava com mais de 35% da pesquisa. E a nossa pesquisa dava 33% pra Fernando, no máximo. Por que Fernando José ganha a eleição? Porque não tinha segundo turno. Então não deu pras outras forças se juntarem contra [o candidato de] Mário. Fernando José era um homem de rádio, todo mundo gostava dele, mas não estava preparado para ser político.

Quem fazia pesquisa aqui?

Quando assumi o departamento da Itapuã, contratamos sete pessoas para fazer pesquisas diárias sobre gosto de Salvador. Que horas as pessoas gostavam de ir à praia, que horas gostavam de tomar cachaça, e estratificado por idade. É por isso que a gente alcançava até 60% de audiência.

O que era a FM neste momento, quando você assume a rádio e o que é que você mudou na programação, de acordo com a pesquisa, para agradar a este público?

Botar no ar o que as pessoas queriam ouvir. Muitas vezes, amigos meus ficavam aborrecidos comigo quando eu tirava do ar determinada música. Vinha pesquisa e dava o que a gente chamava de rejeição. Fazia uma pergunta simples: “Que música você não gosta de ouvir no rádio?”. Música tal. Quando o percentual passava de 50% do público de rádio, eu tirava.

As pesquisas apontavam um espaço para música baiana dentro do rádio?

Aí está o grande segredo. A música baiana atrapalhava a programação da rádio Itapuã FM de segunda a sexta. O público não gosta de ouvir música nova. O público gosta de ouvir música que ele sabe cantar. Quando chegava no verão, no carnaval, era muita música de baiano, muita música nova, não tinha espaço pra tocar todo mundo e a Rádio Itapuã despenca na audiência. Pra azeitar este meio de campo, criei uma jogada que era tocar pesadamente música baiana sábado e domingo. O problema é que a música baiana é uma coisa muito forte. É comportamento.

Você tem uma importância na Axé Music. Tanto que você aparece com merecido protagonismo no filme de Chico Kertész que conta a história do Axé. E a Itapuã FM tem um papel importante. Naquele altura, no boom do Axé, final da década de 80 e todos os anos 90, o que todo mundo dizia é que música baiana vai fazer sucesso se Cristóvão Rodrigues botar a mão.

Ledo engano.

E aí se dizia que, além de sua sagacidade, para entender essa coisa do público, tinha de pagar jabá a Cristóvão para uma música fazer sucesso.

Um dia Pedro Irujo me chamou e eu: “Sabe por que sua rádio é o primeiro lugar? É a primeira independente de tudo porque, na sua rádio, nem o que o senhor quer, eu toco como também não toco o que quero. Porque no dia que começar a receber de um, vou ter que receber de dez! Posso ganhar dinheiro pra cacete, durante um tempo, mas depois deixo de ser primeiro lugar. Toco o que o público quer”. Certa feita fui chamado ao Rio pelo presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Disco, Manolo [Manuel] Camero: “Cristovinho, quanto você quer?”. Curto e caceteiro. “Olha, Cristóvão, a gente se conhece, vamos encurtar a conversa: quanto você quer para parar com essa porra do Olodum? Quando você toca um Olodum desses, deixa de ficar tocando Roberto Carlos, Fábio Júnior”. “Manolo, você está enganado”. Levei a programação da rádio. Mandava para o Ecad [Escritório Central de Arrecadação e Distribuição], para que pudesse distribuir os direitos autorais, de acordo com o que era executado. “A música mais tocada em minha rádio é Sapato Velho, Roupas Nova”. E por que a música deles toca tanto? Mostrei as pesquisas. Para eu tocar uma música lá na rádio



FOTO: CAIO VALENTE

Certa feita fui chamado ao Rio pelo presidente da Associação Brasileira dos Produtores de Disco, Manolo Camero: “Quanto você quer para parar com essa porra do Olodum? Quando você toca um Olodum desses, deixa de ficar tocando Roberto Carlos, Fábio Júnior”.

precisa que o cantor seja muito conhecido, já tenha um sucesso antes.

Como era seu relacionamento com Pedro Irujo?

Excelente. Até no dia em que ele me demitiu continuamos amigos (Risos). De vez em quando me chamava para almoçar.

Por que ele o demitiu?

Por que Luís Pedro perdeu a eleição [de governador da Bahia, em 1990]. E aí, Irujo foi muito claro. “Luís Pedro não vai dar para política. Mas nas minhas empresas só posso botar ele para dirigir as rádios e ele disse que com você ele não manda. Vem trabalhar comigo aqui”. E eu: “Sou fraquinho para ficar carregando mala. Sou radialista, está tudo bem”.

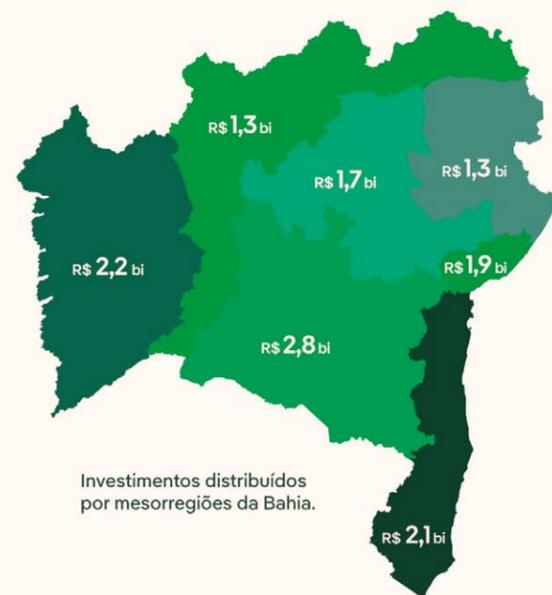
Você também criou as vinhetas para os locutores.

Uma outra jogada que a gente acertou muito foi nas vinhetas cantadas pros locutores. Certa feita fiz uma sacanagem com uma das figuras mais emblemáticas do rádio da Bahia, Ubaldo Cândia de Carvalho, que apresentava a Ave-Maria, na Rádio Sociedade. E ele [era] um cidadão sério. Juntei a rádio toda, para ouvir as vinhetas que Renato, de Renato e seus Blue Caps, gravou no Rio. Bota uma. “Josnel”. E vai. Ubaldo estava apresentando a Ave-Maria. Chegou depois. “Agora, a do mestre”. Aí entra a vinheta: “Mestre Ubaldo cancro do caralho”. (Risos). Renato fez essa sacanagem. Um olhando pro outro, porque Ubaldo era todo sério. Aí eu não deixei que se tornasse um problema e toquei a vinheta certa: “Mestre Ubaldo Cândia de Carvalho”. E todo mundo aplaudiu. ■

Onde tem Neoenergia Coelba, tem + Desenvolvimento

Mais de R\$ 13,3 bilhões investidos nos próximos 4 anos.

Nossa energia impulsiona o desenvolvimento da economia da Bahia.



+ Investimento

Estamos realizando o maior plano de investimento da história no estado e só em 2024 serão investidos mais de R\$ 3 bilhões.

Em 4 anos, teremos um crescimento de 20% na disponibilidade energética, promovendo assim uma Bahia cada vez mais forte e competitiva.

Em toda a Bahia já tem obra da Neoenergia Coelba acontecendo e sendo entregue.



Nova Subestação Mulungu do Morro

+ R\$ 71 milhões investidos
+ 200 mil baianos beneficiados



Novas Subestações Alto Fêmeas II e Barreiras III

+ R\$ 155 milhões investidos
+ 250 mil baianos beneficiados



FOTO: ASCOM ABI-BAHIA

Fernando Vita

A redação era um ambiente que *prendia*, que *atraía*'

Fernando Vita mudou-se de sua Santo Antônio de Jesus para Salvador em meados dos anos 1960 para trabalhar como almoxarife do Jornal da Bahia, emprego arranjado por João Falcão, dono do diário. Na primeira oportunidade que surgiu na redação virou repórter de rua. Em pouco tempo recebeu a missão de cobrir o trabalho do então prefeito Antonio Carlos Magalhães. Quando começou a briga entre ACM e o jornal, nos anos 1970, o político saiu da vida de jornalista que ascendia na redação aos cargos de subchefe, chefe de reportagem e editorialista. Mas eles se reencontrariam no momento em que Magalhães se tornou ministro das Comunicações, no governo do presidente José Sarney, em 1985, e Vita vai

trabalhar na Telebras. Dai nasce uma convivência que se transformou em amizade, permitindo ao jornalista testemunhar a trajetória de um dos políticos mais poderosos da Bahia e do Brasil. No depoimento à Revista Memória da Imprensa, Vita conta várias passagens, algumas hilárias, da vida de ACM. Redator criativo e bem-humorado, o jornalista iniciou uma vitoriosa carreira literária em 2006 com o livro "Tirem a doidinha da sala que a novela vai começar" quando já exercia o cargo de conselheiro do Tribunal de Contas dos Municípios. Mesmo tendo deixado as redações de jornais há décadas, não esquece o ambiente insalubre, mas mágico do jornalismo diário. Participaram da entrevista Ernesto Marques e Raul Monteiro.

Em que momento você entrou nesse universo da escrita, da escrita literária ou do jornalismo?

Sou um dos casos raríssimos que começou no jornalismo vendendo jornal. Em Santo Antônio de Jesus, onde nasci [1948], só recebia o A Tarde, no outro dia, de trem. O Jornal da Bahia procurava alguém que fosse correspondente e agente, para vender e, ao mesmo tempo, abastecer a Editoria de Municípios com o noticiário de lá. Minha primeira experiência como vendedor de jornal foi fatídica. No primeiro dia, 1º de abril [1964], o jornal chegou censurado como nenhum outro. A primeira página, a manchete em branco, o lugar de foto em branco. Disse: "Chegou com defeito!" (risos). E muitos moradores já estavam comprometidos, até por amizade com aquele garotinho de menos de 15 anos, encarregado de fazer esse trabalho. O primeiro cara que fui falou: "Pô! O jornal não tem nada, essa zona está bichada, está com algum problema!". Mas foi só um incidente de percurso. No outro dia, fomos entender que o jornal foi censurado pelo golpe. Fiquei nesse tempo correspondente. Quando acabei o curso ginasial, em Santo Antônio de Jesus, você tinha duas opções: ir para o Seminário Menor, em Amargosa, para ser padre ou a Escola Agrônoma ligada à UFBA, em Cruz das Almas. Eu não queria ser padre, nem plantar batata na

agronomia. Aí minha mãe escreveu para João Falcão, dono do Jornal da Bahia, que tinha sido comunista junto com meu tio Alberto, pedindo emprego. João Falcão, me arranhou um emprego como almoxarife. Isso 7 de janeiro de 1965. Eu administrava: a redação precisava de tantas dúzias de caneta Bic, tirava do estoque e mandava. E como já fazia lá do interior, escrevia alguma coisa para o jornal. Na primeira vaga que apareceu na redação fui trabalhar na revisão. E a primeira chance de migrar da revisão para a reportagem também me abracei com ela. Contei com ajuda de figuras que julgo importantes, como Gilson Nascimento, meu primeiro chefe de reportagem, Samuel Celestino, que estava começando, mas já era um pouquinho mais velho do que eu, com 17 anos. Samuel até muito recentemente dizia: "Lembra que eu lhe botava no colo para ensinar a escrever?" Eu disse, lembro que você me ensinava algumas coisas muito importantes, mas não foi no colo não (risos). No Jornal da Bahia fui repórter de rua um bom tempo. Aí migrei para subchefe de reportagem, chefe de reportagem, depois comecei a escrever editoriais, fui editor de texto e também por um tempo escrevia uma coluna de música popular. Fiquei no Jornal da Bahia 12, 13 anos. Nesse período, eu já dividia o trabalho com a Unigraf, de João Ubaldo Ribeiro, que era uma agência

de propaganda. Lá fui redator de texto, dava aula de Publicidade no Colégio Sacramentinas. Antes disso, também tive uma experiência com o Mozart Santos, que fazia um programa de televisão diário, chamado Bahia Social e Econômica, na TV Aratu, que era a Rede Globo, até que fui chamado para, mesmo sem deixar o Jornal da Bahia, (era editor de texto à noite), trabalhar de 8h até as 17h na Telebahia.

Você ficou no Jornal da Bahia no período do enfrentamento a Antonio Carlos?

Quando cheguei, já era aquele jornal marcadamente de esquerda, pelos seus quadros, pelas suas origens, ele vinha sucedendo um outro jornal que era, digamos, mantido pelo Partidão [Partido Comunista]. A primeira impressora do Jornal da Bahia foi o Partidão que cedeu. Antonio Carlos era prefeito de Salvador. E a briga dele com o jornal tinha alternâncias. Um momento estavam em relativa paz e outro, quando saía uma coisa qualquer que descontentava ACM, ele soltava a porrada em cima do jornal. Me pegaram verdinho e mandaram, uma vez por semana, ir ao gabinete de ACM. “Fernando Vita! Você é o que de Alberto Vita?”, perguntou o prefeito. Porque meu tio era um comunista famoso, foi um dos primeiros presidentes do sindicato de jornalistas. Todo mundo o respeitava, porque era pobre, porque tomou muita porrada e nunca entregou ninguém. “Sou sobrinho dele”. “Seu tio foi um comunista muito sério” (risos). E aí já não foi aquele encontro frio. Ele me recebia todo sábado de manhã para conversar sobre as coisas da Prefeitura, dava furos fantásticos e me encaminhava aos secretários. Depois disso, Antonio Carlos sumiu da minha vida e aí já fui cobrir outras áreas.

Isso ocorria apesar dessa relação conflitiva dele com o jornal?

Quando a coisa estava pegando fogo, não tinha repórter indo lá, nem Fernando Vita. Era porrada para lá, porrada para cá. A briga envolvia interesses dos mais diversos. ACM estava dando emprego a meia dúzia de jornalistas e achava que aquela meia dúzia de jornalistas não deveria dar-lhe porrada. Aí não dava o anúncio porque o jornal estava sendo independente. Naquela época, nós da imprensa, até em função da briga, assinávamos muita coisa contra ele, pedindo, por exemplo, eleições limpas na Bahia. Tudo que vinha contra, eu assinava. Quando o Antonio Carlos vira ministro, chama o presidente da Telebahia: “Vocês têm um trabalho de imprensa muito bom. O cara que está lá é até meu inimigo, assina tudo contra mim, mas veja se ele quer ir para Brasília, tomar conta da comunicação da Telebras”. A vitrine do Ministério das Comunicações era o Sistema Telebras, seu centro de pesquisa e desenvolvimento que ficava em Campinas (SP). Aí um dia chegou um engenheiro, João de Deus Pinheiro de Macedo, meu amigo, disse: “Vita, como é que você vê a possibilida-



FOTOS: AGENCIO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

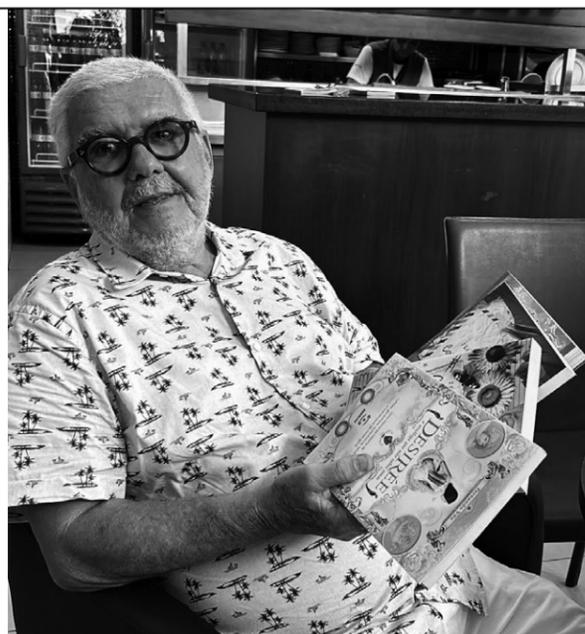
▲ Com o escritor Jorge Amado.

► Entrevistando o diretor de redação do Krokodil, jornal satírico soviético para o Pasquim.

▼ Sendo entrevistado pela equipe da ABI.



FOTO: ASCOM ABI-BAHIA



▲ Vita, escritor, com seus livros.



◀ Com os amigos da Confraria Mesa Livre.

▼ Na cidade africana de Nairobi, Quênia, entrevistando um estudante.



de de ir para Brasília?”. Eu disse: “Topo!”. “Você vai ter uma ajuda de custo para o aluguel, vai ter mais não sei o que para fazer isso e aquilo”. Rapaz, não quero saber de porra nenhuma, quero ir embora daqui. Minha manifestação de vontade foi tão grande que esqueci que tinha acabado de fazer uma casa, que ainda estava acabando de mobiliar. Esqueci que minha mulher era professora da UFBA e aí como é que fica? Tinha que ir imediatamente. Quando cheguei em casa perguntei pra minha mulher: “Você topa?”. “Topo. E eu vou fazer o quê?”. Quando passei essa preocupação a João de Deus, ele disse: “É da universidade? O ministro da Educação vai ser o Marco Ma-

ciel. Ele requisita ela para trabalhar aqui em Brasília também”. E nós fomos. O Antonio Carlos, que eu vi prefeito, fui rever ministro.

Ficou quantos anos em Brasília?

Seis anos. Antonio Carlos gostava do meu jeito de trabalhar, da minha companhia para bate-papo, porque eu sempre fui muito curioso, detalhista nessas coisas, de boas memórias. Em síntese, era uma conversa, uma companhia que ele gostava de ter, até porque em Brasília ele saía do Ministério 10, 11 horas da noite depois que via a novela do dia (risos). E principalmente nos períodos de verão, Brasília vira um cemitério. Quem tinha que ficar lá era quem estava trabalhando com ele. Fui com ele a Cuba uma vez, também me mandou à União Soviética três vezes, sempre tirando sarro comigo, dizendo assim: “Mande ele, porque é metido a comunista, vai que gosta, fica por lá mesmo” (risos).

Fazer?

Começou o governo Sarney e mesmo antes daquela época [regime militar], o Brasil não tinha rompido relações com a União Soviética. Eram relações frias, mas foram mantidas. Com Cuba, não. As relações foram cortadas. E o Brasil tinha um programa voltado para o Leste Europeu. Basicamente vendia para esses países da chamada “cortina de ferro”. E a Telebras, com seu centro de pesquisa e desenvolvimento, era considerado top no mundo, estava tendo muito sucesso com fibras óticas, com as primeiras centrais por programa armazenados, que são essas centrais digitais, que hoje já avançaram muito, mas o embrião disso aqui no Brasil, na América Latina, no Cone Sul americano, estava com a Telebras. O que era mais que se desenvolvia? Os aparelhos telefônicos públicos inteligentes, por cartão. Naquela época eram novidades absolutas e a Telebras tinha, o governo brasileiro tinha muito interesse em, junto com a Comissão do Leste Europeu, fazer essa tecnologia chegar lá. Por isso que fui três vezes à União Soviética.

Então, o Jornal da Bahia foi o seu último trabalho como jornalista em redação?

Não voltei mais para a redação. Fiquei na comunicação social da Telebras e depois, quando o Antonio Carlos foi candidato na primeira eleição direta a governador, mandou me sondar para coordenar a comunicação da campanha dele. Eu tinha preparado toda uma espécie de perfil, de como é que ele devia ser apresentado, é aquele cara que é de todas as religiões, de todas as etnias, de todas as raças, que ao mesmo tempo era Oxum e Oxumaré, porque tinha a docilidade de uma Oxumaré, mas tinha também a braveza de uma Oxum, aquelas coisas todas para criar um panorama que permitisse deslanchar os programas eleitorais. Mas eu disse: “Senador, não posso sair [três meses da Telebras]”. “Então indica

uma pessoa para ficar no seu lugar.” Indiquei Paulo Marconi a Fernando Barros. Antonio Carlos, para variar: “Pô, já tive uns pegadas com esse cara também, mas mande ele conversar comigo”. Fernando Barros pediu pra eu ligar pra Paulo que respondeu: “Topo”. E Paulo foi um assessor extraordinário no governo de Antonio Carlos.

Deram-se bem .

Paulo é muito franco, inteligente e Antonio Carlos gostava de inteligência. A coisa que Antonio Carlos mais odiava era a burrice por perto dele e a “chaleirice” também. A burrice ele suportava politicamente porque não ia ter entre seus cabos eleitorais só gênios da raça, né? A chaleirice pela mesma razão. Gostava mesmo era do cara que chegava e dizia: “não”. Ele fingia que ficava puto ou ficava puto, mas depois deixava de ficar e vida seguia. De sorte que sempre digo que algumas pessoas foram fundamentais na minha formação como, digamos assim, gestor de qualquer coisa. No jornalismo, João Carlos Teixeira Gomes e Gilson Nascimento, que eram meus chefes imediatos ali naquela hora. Na comunicação da Telebahia, o presidente Sebastião Alfa. E o Antonio Carlos. Delegava, dava palpite, às vezes achava que tinha algum receio. “Pode ser que dê merda, mas se você acha que não vai dar...” Qualquer coisa é responsabilidade sua. Voltando à campanha. Antonio Carlos ganhou em primeiro turno, mas perigava ir para segundo, não que o adversário Roberto Santos estivesse tão ameaçador, mas porque a chapa das três meninas Lídice, Salete e Bete, começou a crescer. Aí era porrada de todo tipo. Foi uma campanha assim, magnificamente bandalha e criativa, né? Sabia-se que Roberto Santos tinha pouca chance e as meninas eram força auxiliar da campanha dele. As ações junto ao Tribunal Regional Eleitoral eram imensas. Chegou uma hora, que não testemunhei, mas não tenho dúvida que o Antonio Carlos chegou, [disse]: “Suspende esta porra”, faltando quatro ou cinco programas finais.

Parou o horário político.

Não tem mais propaganda, nem rádio, nem televisão agora são os comícios finais e eleição. Para acabar de completar caiu um pé d’água em Salvador e aí os comícios foram cancelados também. Então, fala-se muito que a eleição não foi para o segundo turno, eu acho que não, que não iria, mas perigou menos de ir, por conta...

A campanha era num casarão na Waldemar Falcão. Num dia que Antonio Carlos foi gravar, lá de fora a gente ouvia os gritos dele. Com o Luiz Pedreira [juiz presidente do TRE]: “Se eu perder a eleição, é por sua causa.”

Quando o Luiz Pedreira fazia alguma coisa que desagradava, tinha que fazer em algum momento até pra dar uma aparente neutralidade, ele ficava puto, entendeu? Desativou o núcleo. Quando vou saindo, disse: “Ministro, até logo estou indo”. “O quê? Você está voltando?”. Eu digo: “É, eu voto lá [em Brasília]”. Ele: “Porra, se eu perco essa eleição por um voto, você está fudido” (risos). Eu digo: “Não, não vai perder, não”. Me piquei pra Brasília. Aí começou a outra manobra, ele queria que eu viesse para Salvador [integrar o governo]. Fiquei os quatro anos de Antonio Carlos dirigindo o Irdeb e a Empresa Gráfica com o único salário que recebia da Telebras que me cedeu para o governo baiano. Trabalhei depois com Paulo Souto, César Borges, depois mais um ano com Paulo Souto. Sempre, assim, cedido pela Telebras.

Após o governo de ACM, você assumiu a Secretaria de Comunicação de Paulo Souto.

Em tese, Antonio Carlos queria manter Paulo, onde Paulo estava, [secretário de Comunicação] e Paulo Souto queria Tasso Franco que tinha trabalhado na campanha. Uma coisa natural. Nesse impasse, o Antonio Carlos, malandramente, disse: “Não, então nem um nem outro, bota Vita”. Queria dizer, “essa área é minha. Quem manda nesse pedaço sou eu”. Lá fui eu trabalhar com Paulo Souto, a quem eu tinha visto uma vez única na vida. Justamente na campanha de Josaphat Marinho, porque quando a coisa começou a fazer água para Josaphat naquela campanha da mudança de Waldir, o Antonio Carlos sentiu que o

Antonio Carlos ganhou em primeiro turno, mas perigava ir para segundo, não que o adversário Roberto Santos estivesse tão ameaçador, mas porque a chapa das três meninas Lídice, Salete e Bete, começou a crescer.

Duda Mendonça, que tocava a campanha, tentava escondê-lo, porque achava que ACM ia tirar um pouco daquela imagem do Josaphat, independente, meio de esquerda. Antonio Carlos disse: “Estou apanhando pra cacete e ninguém me defende. Você vai pra lá pra tentar conciliar essas coisas”.

Ele queria uma intervenção, né?

Intervenção. “Porra, não vai dar certo, porque a eleição está perdida, mas eu tenho que salvar a bancada, eleger meus deputados, senão aí piora tudo”. Aí eu vim pra cá, foi a primeira vez que sentei com Souto, que era um dos coordenadores. Fiquei esse tempo todo aqui coordenando essa parte, quando aconteceu aquela tal matéria do Jornal do Brasil, sobre o apartamento de Waldir.

Em Copacabana?

Waldir tinha um apartamento fantástico. O Marcos Sá Corrêa, editor do Jornal do Brasil, era “chapa” de Antonio Carlos, como o pai dele [Villas-Bôas Corrêa] tinha sido também. Antonio Carlos se dava com a imprensa toda naquela época. Aí, ACM chegou para Marcos: “Tem uma bomba para você! Esse Waldir que anda tirando onda de pobre, aqui na Bahia, enganando todo mundo, tem um puta de um apartamento em Copacabana, num dos prédios mais caros”. Preparei o texto da matéria, muito bem documentada, com essa história. A matéria era para sair num dia no Jornal do Brasil e no outro o Correio da Bahia transcrever. Mas ele não teve paciência, botou no mesmo dia no Correio. Marcos Sá Corrêa ficou puto, porque ficou configurado que foi um release, e foi.

Como era ACM na relação pessoal?

Primeiro, ele gostava de estar cercado de pessoas inteligentes, não é o meu caso (risos), mas de pessoas interessantes, que tivessem, para usar uma palavra da moda,

[ACM] Odiava a solidão. Dizia e repetia que não conseguia comer sozinho em nenhum momento. Precisava de interlocutores.



algum tipo de narrativa que o interessasse. Odiava a solidão. Dizia e repetia que não conseguia comer sozinho em nenhum momento. Precisava de interlocutores. Eu almoçava praticamente todas as sextas-feiras com ele. Eu, Fernando Barros, Paulo, outras vezes Demóstenes [Teixeira]. Disse: “Porra, a gente precisa sair mais para comer uma sexta, num restaurante que todo mundo veja vocês, para vocês não ficarem parecendo pessoas distantes”. Aí passamos a comer no Baby Beef, no tempo que o Baby Beef era uma vitrine formidável. Quem conviveu com ele adorava, porque era um cara muito engraçado. Imitava as pessoas à perfeição. Passava trote imitando a voz de Luís Viana Filho. Ligava para Josaphat com a voz de repórter da Folha de São Paulo, para antecipar um resultado de pesquisa, fazia tudo isso, era um brincalhão absoluto. E quem tinha muita proximidade, sabia que até nos momentos em que ele estava absolutamente puto da vida com você, 90% era teatro. A melhor história, nesse particular, [foi com] Fernando Barros. Ele trabalhava com Antonio Carlos, pela Propeg, desde garotão. E ACM brigado com o genro César Mata Pires casado com Tereza Helena, filha de Antonio Carlos. O César ia casar o filho, Cesinha, com a filha de Eunício Oliveira, aquele político do Ceará. No dia do casamento, Fernando Barros, convidado para esse casamento, almoça na casa de Antonio Carlos junto com ele, eu e dona Arlete. Fernando Barros sai, pega o avião, vai para o casamento. Antonio Carlos sabia de tudo em tempo real. Não foi para o casamento do neto Cesinha. Barros foi porque era amigo de César, só que não avisou a Antonio Carlos. Ah, meu amigo, quando o casamento estava rolando em Brasília, ACM me liga:

“Este seu amigo é um filho da puta!”. Tomei um choque. “Hoje almoçou lá comigo e com o Arlete. Não disse que ia... É um escroto” (risos). “Nunca mais ele bota os pés na minha casa”. “Pô, Senador, tenha calma, isso se resolve”. “Não, não venha contemporalizando, a porra de um filho da puta e tal”. Aí passa... Fernando Barros deixa de almoçar sexta-feira, primeira sexta, segunda sexta, terceira sexta. Antonio Carlos começa a me perguntar. “Vem cá, e este seu amigo, onde é que ele anda?”. “Que amigo? O Fernando Barros? Ah, sim, não tenho visto ele”. “Escroto”. Segunda, terceira ou quarta sexta-feira: “Onde anda o Fernando Barros? O que é que ele está fazendo?”. Eu digo: “Tocando a vida dele”. Aí eu disse: “Senador, acaba essa confusão, chama esse cara pra cá logo...”. Ele: “É! Um canalha a mais, um a menos, não faz diferença não” (risos). Pronto. Voltou Fernando Barros a almoçar e até o último dos dias de Antonio Carlos, era uma das grandes amizades. ACM era assim, era um emocional, e muita teatralidade, principalmente quando tinha que criar um caso com você em público, com testemunha. Ele tem uma cena fantástica do tempo dele ministro [das Comunicações] e Mailson da Nóbrega da Fazenda.

Como foi?

Mailson deu um aumento salarial para o Banco do Brasil do tamanho da porra. E na hora que foi para dar a majoração do pessoal de telecomunicações, queria dar um percentual menor. Antonio Carlos disse: “Deu para o Banco do Brasil, vou dar para a Telebras!” Aí passou por cima do ministro da Fazenda, passou por cima de Sarney, e deu um aumento salarial igual para todos os funcionários do Sistema Telebras.

Rapaz, que impacto, hein?

E também para os Correios e a Rádiorbrás, o mesmo percentual. Aí houve uma reunião dos sindicatos, no Ministério. Tá aquele monte de líder sindical, ACM sentado, a reunião agradabilíssima, porque todos os sindicatos estavam satisfeitos, alegres, e ele feliz da vida também, porque estava ali com a esquerda sindical toda sentada, achando ele fantástico, ele adorava essas coisas. Quando acabou a reunião, do nada, ele vira e fala assim: “Agora, só tem uma coisa, quero que eu, como ministro das Comunicações, seja respeitado, não admito que ninguém venha soltar palavrão dentro de minha sala”. Aí criou aquele estupro federal, porque não tinha saído um palavrão. Ficou todo mundo estupefacto, sem saber que porra é que ele estava falando. Quando acabou, perguntei: “Que houve aí que o senhor se retou?”. “Nada. É que eles não podiam sair daqui 100% convencidos de que tudo foi muito bom”. Imagina você, isso é coisa de menino moleque.

Como que foi aquele período da prefeita Lídice da Mata? Porque ele fez uma guerra duríssima na comunicação contra ela. Tinha o Correio da Bahia na mão pra isso, tinha a televisão pra isso, naquela época...

Qual foi o seu papel nesse momento?

Estava comandando o Irdeb e a Empresa Gráfica.

Nem se ocupava disso.

Não. Eu era o cara de chegar final de semana lá em Ondina, trocar ideia, vamos fazer isso, vamos fazer os cadernos do povo, vamos fazer material escolar mais barato a partir da Empresa Gráfica. No Irdeb, nós vamos fazer isso, vamos fazer aquilo... Ele era ouvinte atento da Rádio Educadora. Qualquer merdinha que desse na Rádio Educadora... [ele reclamava]. Na Bahia estava ocorrendo surto de raiva e o jornalismo da rádio deu uma nota. Aí ele me liga: “Porra, se é para ter uma rádio falando que a Bahia está em surto de raiva, de raiva quem está é este sacana que está mandando nessa porra dessa rádio!” (risos).

Fala um pouquinho do seu período no Irdeb.

Tinha muita gente lá, cabide de emprego do tamanho da porra, gente que não ia nem lá. Gente conhecida e gente não conhecida. E ele me deu autonomia, disse: “Faça uma

limpa". E realmente eu fiz. Tinha gente que parava o carro na porta do Irdeb, saltava, batia o ponto na portaria com o cachorrinho na mão, e ia embora. Então, quem segurava aquela zorra ali era meia dúzia de abnegados, que era o quadro técnico mesmo, formidável! Montei uma equipe boa e fomos fazendo o trabalho. Quando eu saí, já estava bem melhor.

Como foi sua ida para o TCM?

Uma madrugada, voltando do aeroporto para a cidade, na carona do carro do então senador ACM, ele vira para mim: "Vita, o que é que o senhor pensa da vida? Ser deputado..." Tomei um choque. "Eu?". Jamais passou pela cabeça ser político. "Ah, sua vida eu resolvo num Tribunal desses". E a partir dali ele assumiu que eu ia para o Tribunal. Disse ao governador Paulo Souto: "Você vai fazer doutor Vita, que é muito correto com você, conselheiro de Tribunal". "Senador, sem problema!" ACM fazia isso com as pessoas que ele achava que devia respeito, consideração, gratidão. Com detalhe, e que ele sabia sérias, gente que não se locupletou no tempo que teve no serviço público.

E a literatura?

Sempre fiz o jornalismo de reportagem, tá? No Jornal da Bahia, principalmente, descobri que a minha vocação era para o texto mais, digamos...mais literário, vamos dou-rar a pílula. E isso aí me levava a gostar de fazer uma coisa que não fosse *lead*, *sublead*. Quando vou para Brasília trabalhar com Antonio Carlos ministro, o Tasso Franco, que estava no A Tarde, disse "Vita, por que você não escreve uma coluna?". Topei. Vou escrever gaiatamente sobre coisas sérias e seriamente sobre coisas gaiatas, era esse o propósito. Estou um dia lá no meu trabalho e chegou uma menina da sucursal do A Tarde em Brasília, disse: "Vita vejo aqui as coisas que você escreve para o A Tarde na coluna Ultraleve e o Jaguar do Pasquim, está querendo alguém que escreva de Brasília para lá. Você topa?". "Topo!". Fiquei amigo do Jaguar, convivi muito pouco, mas tive o prazer de almoçar um dia com o Millôr, com o Ziraldo, com essa rapaziada toda. E escrever para o A Tarde e para o Pasquim, me levou a ambicionar um pouquinho mais no quesito literatura. Aí fiz o primeiro livro chamado "Tira a doidinha da sala que vai começar a novela", que era uma coletânea de 13 contos que juntos formavam um pequeno roman-

ce. Passo para James Amado, irmão de Jorge, com quem eu trabalhei na Unigraf, fazer o prefácio. Aí James: "Não, prefácio eu não faço, eu faço o posfácio." Fez um posfácio melhor que o livro. Como melhor do que o livro também são as "orelhas" que Gilson Nascimento escreveu, falando que eu, como a jabuticabeira era um tipo de árvore que demorava a florescer e a produzir. Eu digo, porra, as únicas coisas que prestam no livro são as orelhas e o posfácio. Aí fiz um outro livro, depois o "Avião de Noé" e "República dos Mentecaptos". Agora deve sair "1964 - O Golpe, o Capitão e o Pum do Maestro".

Como você vê a imprensa que a gente faz hoje?

Nós trabalhávamos numa redação que tinha uma linha telefônica. Então, o repórter tinha que ir para a rua, conviver com as pessoas. Isso já era um diferencial muito grande, porque até a própria função do repórter se perdeu... Havia um glamour em ser jornalista, por mais insignificante que o filho da puta fosse. Tínhamos consciência desse glamour. Era uma tropa de mal pagos, mal vestidos, queixosos dos seus órgãos empregadores, mas que adorava andar nas redações mesmo quando não era pra estar lá. A redação era um ambiente que prendia, que atraía. Aque-la confusão ali, aquele movimento, aquelas máquinas fazendo barulho, aquele cheiro de cigarro, às vezes cheiro de maconha, o cacete, aquilo era um ambiente que lhe encantava. Hoje, as redações, eu vou pouco a elas, são muitas assépticas, não ouve barulho de nada, as pessoas não saem, é tudo na base da rede, e aí o jornalismo perdeu um pouco do encanto para as pessoas, não para o leitor que talvez não tenha percebido essa mudança, mas para as pessoas, sim.

Você estava falando da diferença na reportagem. Parece que hoje está se prescindindo da figura do repórter. Você acredita em jornalismo sem reportagem? Continuo não acreditando que seja possível. Você fica muito na superfície, ninguém apura nada. Os jornais já não têm como pagar boas equipes, já não tinham no passado, menos agora. Então hoje são poucos os repórteres, muitos, os chamados editores de si próprios, que estão ali recebendo aquela carga de informação. Pegando a situação da imprensa da Bahia, é visível que a Tribuna da Bahia, que foi um puta jornal inovador, vive momentos muito difíceis. A Tarde, [an-

tigamente] tinha uma edição de domingo com 130 mil exemplares em papel, auditados, vendidos. O Diário de Notícias, o Estado da Bahia desapareceram, o Jornal da Bahia foi embora, alguns jornais semanais, o IC, o Esporte Jornal também. Hoje você tem A Tarde, a Tribuna e o Correio, numa cidade que já teve muito mais jornais.

Ainda existe um problema, em relação à imprensa, que é o fato de a sociedade se desagradar com aquilo que a imprensa traz ou revela, digamos, a verdade. Quer dizer, as pessoas vivem nas suas bolhas... As pessoas que têm lado, só que estranhamente só tem dois lados.

Essa indignação, esse ódio mesmo à imprensa, ao jornalismo. Isso está cada vez mais forte. Se entra nas redes sociais, é só ataque!

Meu irmão trabalhava numa empresa de auditoria, a Ernst & Young. Aí sai lá uma matéria, não me lembro sobre o quê. Digo, essa matéria interessa pra ele. Peguei guardei para ele ler. Na hora que eu dei a revista, a primeira coisa que a pessoa que estava com ele perguntou: "É isenta?" (risos). Achei aquilo estranho, porque o cara podia até discordar, "não, essa matéria aqui está jogando duro com fulano, essa nota foi injusta", mas eu nunca vi ninguém questionar com tanta certeza a isenção dos veículos.

Fale sobre sua experiência agora, mais recente, no rádio.

Quando eu me aposentei do TCM, em dezembro de 2023, no dia em que eu completava 75 anos, Mário Kertész fez uma entrevista comigo e disse: "Você está intimado a fazer um comentário por semana para a Rádio Metrôpole, sobre o que você quiser". Passou o período natalino... "Porra cara, você não mandou nada!" Aí comecei a mandar toda semana. Dentro do mesmo espírito que eu fazia as coisas para o Pasquim e A Tarde, tipo assim, tratar de forma meio esculachada o que é sério e meio sério o que é esculacho. E é assim que eu tenho feito, me distraio pra cacete. Se meu pai fosse vivo, ele morreu aos 99 anos uns 4 ou 5 anos atrás, ia falar assim, "porra, quem viu Fernando... Agora é até artista de rádio". Porque era assim, artistas de rádio como Jota Luna, Manoel Canário, Ubaldo Cândia de Carvalho. Então, hoje se me perguntarem o que sou? Artista de rádio! (risos). ■

HÁ MAIS DE 20 ANOS CONECTAMOS VOCÊ ÀS MELHORES PAUTAS DO EMPREENDEDORISMO.

Desde 2002, a Agência Sebrae de Notícias é sua fonte confiável para o empreendedorismo em todo o país. Na Bahia, atuamos em todas as regiões, oferecendo conteúdos jornalísticos de qualidade para impulsionar negócios. Conte com a nossa credibilidade, responsabilidade e compromisso para se manter informado e empreender com sucesso.

Acompanhe a Agência Sebrae de Notícias Bahia no site: ba.agenciasebrae.com.br





FOTO: ASCOM ABI - BAHIA

Helô Sampaio

Minha função,
durante anos, foi
***atenuar
a briga***
da edição, *do redacional
com a publicidade*

Heloísa Sampaio entrou no jornalismo depois de passar pela Faculdade de Comunicação da UFBA, já com a bagagem de professora, formada na sua cidade natal, Ibicarai, sul da Bahia. Expansiva, alegre e extremamente curiosa, foi aprendendo todas as etapas da produção de um jornal ao começar um estágio no A Tarde, em 1973. Passou da reportagem policial para a diagramação e como entendia de todo o processo jornalístico, costumava ser responsável pelo fechamento e reabertura das páginas em horários críticos de *deadline*, mesmo sem a presença eventual do editor. Tinha a confiança de todos. Por mais de 30 anos trabalhou no A Tarde ajudando nas mudanças que ocorreram ao longo do tempo, como chefe do departamento gráfico do jornal. Por mais de três décadas também foi professora de diagramação na Facom, formando gerações de jornalistas. Nesta conversa com antigos colegas do A Tarde e do Sindicato dos Jornalistas da Bahia, entidade que presidiu por longo período, ela conta a sua trajetória. Participaram da entrevista Reynivaldo Brito, Cleidiana Ramos, Olenka Machado e Ernesto Marques.

Como surgiu o jornalismo na sua vida?

Nasci em Ibicarai. Meu pai, médico recém-formado, começou a trabalhar lá e foi o primeiro prefeito da cidade. Nasci em 48, a terceira filha [de uma prole de cinco]. Fiz o curso primário em Ibicarai, o ginásio e o normal em Ilhéus. Me formei em professora, e vim pra Salvador. [Dois dias após a chegada] Sofri um acidente, tive fratura da perna direita, fêmur, coxa, um estrago. Fui pra cama em dezembro e só voltei a me sentar em abril. Vi quando o médico disse a meu pai que talvez não voltasse a andar. Ou se voltasse a andar seria de muleta e tal. Graças a Deus, tô aqui linda, loura, ótima e maravilhosa.

E o jornalismo?

Depois do acidente fui para Ibicarai, para ser a secretária do ginásio de lá. Ocorre que a diretora do ginásio, uma pessoa maravilhosa, teve problema de saúde sério. Aí chamei a entidade que geria o ginásio e disse: "Ela não pode, na hora que mais precisa de apoio, perder o trabalho. Ela continua sendo a diretora, eu a secretária, agora tomo conta de todo o trabalho". Assumi, na verdade, a direção do ginásio, só que oficialmente era ela. Enfim, foi um período muito bom. Escrevia para um jornalzinho de lá, o Correio de Ibicarai. Depois de um tempo resolvi fazer vestibular. Quando tô em casa, um dia de manhã, uma amiga grita: "Helô! Você passou no vestibular da UFBA!". Tive que preparar uma pessoa para ficar em meu lugar no ginásio. Amo a minha profissão, escrevia muito bem,

porque minha mãe era uma pessoa que gostava muito de livros. E eu lia tudo também, costumava pegar os livros dela, mesmo os proibidos pela igreja que ela escondia no guarda-roupa.

Quem foram seus colegas de turma da Facom?

Fernando Rocha foi o meu grande professor. Era editor do A Tarde e percebeu que eu escrevia muito bem, que tinha uma formação cultural, digamos, mais desenvolvida e disse: "Você podia começar a tentar fazer logo o seu estágio em A Tarde". Aí comecei lá.

Como foi essa passagem do Fernando Rocha lá na Facom para o jornal A Tarde?

Ele chamou. Cheguei lá e me bati com Reynivaldo Brito. Doutor Jorge Calmon também prestou atenção nessa "foquinha". Meu texto chamou a atenção ainda de Cruz Rios. Em vez de três meses, fiquei até quando eles puderam contratar. Eu era editora gráfica porque gostava muito de diagramação. Entrei em 5 de julho de 1973. Curiosa, enfiava a cara em tudo que era lugar. Pra começar, como repórter, fui cobrir Pronto-Socorro, Nina Rodrigues e [Delegacia de] Furtos e Roubos.

E aí como é que você foi se meter com a diagramação? Até hoje uma área muito masculina.

No jornal, fazia amizade com as pessoas. Quantas vezes fiquei lá no fotolito, na área de fotografia, ia em todos os setores porque era curiosa. Isso, pra mim, foi fundamental. Porque quando tinha qualquer proble-



► Posando junto da antiga máquina de linotipo do A Tarde.

▼ Com o professor Edivaldo Boaventura e Raimundo Lima.

Eu era editora gráfica, mas qualquer coisa na área redacional, resolvia. Ficava lá até o fechamento, 23h e meia-noite.



▲ Discursando em Jequié como presidente do Sindicato dos Jornalistas.

◀ Visita com colegas ao então governador César Borges.



ma, que o editor não estava lá, eles iam me chamar pois eu entendia de diagramação, de redação. Se havia uma matéria que precisasse cortar e não tivesse um editor superior a mim, fazia a correção e ligava, olha, tô mudando isso aqui, assim, certo? Eu era editora gráfica, mas qualquer coisa na área redacional, resolvia. Ficava lá até o fechamento, 23h e meia-noite.

Como foi a mudança do jornal aqui da Praça Castro Alves pra Tancredo Neves e essa parte gráfica e a entrada da informática? Trabalhei ainda no chumbo, no linotipo, entendeu? Eu ia pra oficina, a gente montava a matéria toda no chumbinho.

Você ensinava aquela coisa do jornal totalmente artesanal, a régua de paica, uma calculadora. Não lembro da equação, mas era um negócio extremamente complicado.

Você tinha que contar o número de linhas, multiplicar pelo número de toques datilografado da matéria, aí você encontrava o total de toques. Aí você ia dividir pela quantidade de toques que dava na linha depois de composta no corpo que foi composto.

Se era 9, 10... (risos)

O ideal era o corpo 10. Na verdade, devia ser 10 sobre 12, a gente botava 10 sobre 11, mas como também tinha que economizar, às vezes eu botava sempre 9 sobre 10, porque aí cabia mais texto. A gente não podia aumentar o número de páginas. Então, eu achava que o leitor precisava ter o maior volume de informação. A matéria tem que responder a todos os anseios do leitor. O corpo ideal para leitura em jornal era o 10.

Quando acabava de diagramar, chegava a área comercial com um quarto de página [de publicidade] para meter na página depois de tudo diagramado. Você perdia o trabalho todo.

Era um sufoco.

Eu [Reynivaldo] tinha brigas homéricas, quando editor-geral, com essas empresas de publicidade. Eles faziam de propósito, deixavam para a última hora a fim de pegar a melhor página.

As páginas ímpares, é claro.

Os diagramadores precisavam calcular tudo de novo.

Porque de tarde a gente fechava os suplementos, Caderno 2. E à noite fechava o primeiro caderno. Então aí tinha algumas páginas que a gente podia adiantar, páginas do editorial, blá, blá, blá. Mas só entrava anúncio pago pra aquelas páginas 1, 2 e 3. Imagina, primeira página, nem sonhar. Mas na página 2 e 3, podia botar anúncio. Às vezes botava quando chegava um cliente novo ou quando tinha um anunciante que dizia, "eu tô precisando muito e tal". Porque aí ele tinha um retorno grande, continuava anunciando. Mas as páginas 1 e 3, pra mim, eram sagradas. Na página 5 também eu preservava pra poder na hora que botar ter o retorno. Então os anúncios melhores ia botando na página 7, 9, 11, as páginas ímpares, as preferidas. Eu tinha muito critério nesse ponto e eles respeitavam muito. Porque sabiam que eu, quando colocava um anúncio na página 2, por exemplo, colocava para ajudar o anunciante. Não estava comendo dinheiro não. Que teve um tempo que andaram comendo um dinheirinho por lá, não foi Rey?.

Não lembro não. (Risos)

Andavam cobrando um dinheirinho por fora...

E a mudança para a informática?

A gente começou primeiro, mantendo o sistema tipográfico. Fazia a cópia das páginas, prensava a página e aí fotografava essa página, mas a composição era em chumbo. O espaço das fotos ficava lá em branco, aí fazia um fotolito da página com os espaços em branco das fotos e depois a gente ia botar já no definitivo, o fotolito grande e montava as fotos. E aí ela já ia pra impressão. Não era mais impressão no papel, impressão *offset*. Mas foi uma mudança muito intensa. Tinha um rigor grande pois o fotolito captava tudo. Tivesse qualquer problema na foto, saía no jornal. Não podia brincar com isso. Nós vivenciamos isso tudo e conseguimos, felizmente, com sucesso, passar por todas essas mudanças.

Você podia falar um pouquinho da linotipo? Que era uma máquina enorme.

Você fazia o texto na máquina de datilografia, esse texto era mandado pra oficina, aí o tipógrafo ia redigitar esse texto na linotipo, digitando as linhas de chumbo com os textos. Quando estava diagramando, tinha que calcular o espaço que essa lauda datilografada ia ocupar depois que passasse pelas linhas

de linotipo. Então, quantas linhas de linotipo esse texto ia gerar no corpo 9 sobre ou no corpo 10.

Heloísa era uma grande boêmia. E aí se interessou pela gastronomia e passou a escrever sobre gastronomia. Fale primeiro da boemia, do Silva Filho, que era um irmão pra ela, Genésio Ramos, Machado, Jeová de Carvalho...

A menina pura e casta do interior, que veio fazer jornalismo, quando chega no A Tarde na Praça Castro Alves, se depara com umas figuras, Reynivaldo, Genésio Ramos, Silva Filho, e eu sempre fui uma pessoa muito dada, num instante conquistei todos. Na hora que a gente terminava o trabalho, ficava sentada esperando, saía com eles e A Tarde tinha o Cacique ao lado. Depois ia pra Rua Rui Barbosa, que tinha os barzinhos, a cerveja era gelada, o ambiente era ótimo. A Ladeira da Praça, o Varandá.

E qual era a comida da época?

Final de semana tinha o famoso mocotó, a feijoada, a dobradinha. A gente só alternava, porque não ia comer os três de uma vez só. Mas a gente ia pra [feira de] Sete Portas, era

um *point* assim pra gente ir desde sexta-feira ou sábado.

Eram poucas ainda mulheres em redação. E quantas também frequentavam essas rodas e participavam da boemia junto com a maioria masculina?

Poucas. Não lembro de muitas. Eu era uma das raras que saía com eles

Então, quando você começa escrever sobre gastronomia?

Quem começou a coluna foi Bel Machado, eu ia diagramando e tal. Um dia, chegou na hora de fechar o jornal, cadê a coluna? Falta só a coluna dele. Ele disse, vou fazer, vou fazer. Quando deu a hora, eu falei, perai. Aí, liguei pra uma tia. "Tia Vanda, me dê uma receita de comida que eu gosto". Fiz o texto, botei a receita e fechei o espaço. Ele disse: "Gostei da coluna, gostei do texto, você pode, você leva jeito". Outro dia ele veio: "Faça um texto aí que tô muito abafado, não sei o quê". Aí fiquei fazendo a coluna.

Agora, sua irmã já a entregou, disse que você não sabe fritar um ovo!

Não sei fritar um ovo, mas sei comer e dar



► Com o governador Antonio Carlos Magalhães.

▼ O sorriso, marca de Helô.

▼ O beijo no colega de redação e de farra, Valmir Palma. E num momento de descontração com Jorge Calmon.



▲ Bebericando com amigos.



receita (risos). Chegava nos restaurantes e avisava logo ao *chef*: “Sou a colunista de gastronomia do A Tarde, adoro comer bem! Agora, não sei pra que lado vai cozinhar. Então, você vai me explicar com detalhe, dou a receita e preciso que pessoas que não sabem cozinhar, possam fazer essa receita”. Por eu não saber cozinhar, as coisas deram certo.

Como é que você foi parar na presidência do Sinjorba? Por sucessivas gestões. (risos)

Raimundo Lima me botou no sindicato. Eu tinha interesse, porque era professora e precisava ver o problema do estágio para os meninos que estavam fazendo o curso de jornalismo. Entrei para o sindicato, pra poder regular isso aí. Eu mexia com a universidade e com o jornal. Queria botar os meninos nos jornais, mas também não era pra cobrar do estagiário uma responsabilidade que ele não podia ter.

Helô, você ganhou uma eleição para presidente do sindicato, porque teve uma cisão na turma da esquerda, duas chapas, você ganhou correndo por fora.

Nunca misturei a política com a minha profissão. Usava a política para atender as necessidades da profissão. Mas no sindicato, todo mundo sabia que eu era suprapartidária. Tinha respeito de todos, porque nunca fui petista, cutista, udenista, nunca fui *ista* nenhum. Eu apoiava candidatos que considerava sérios, corretos e, de preferência, a gente procurava ver que não fossem candidatos da direita, para não entregar também os coleguinhas, a gente tinha cuidado. Mas não tinha essa coisa de partido. Eu lutava pela profissão.

A sua atuação no Sinjorba, e ao mesmo tempo você não se afastou da atividade profissional no jornal, né?

Nem da faculdade.

Isso criava algum tipo de situação desconfortável pra você dentro do jornal? Até porque você estava no cargo de chefe do departamento gráfico.

Não tinha problema nenhum. Porque doutor Jorge [Calmon] e todos me respeitavam.

Mesmo nos embates salariais?

Mas aí já era com a parte financeira, com o Arthur Couto e ele me respeitava muito. Era flexível. Porque a gente, na verdade, cresceu

junto no jornal. Aí chegava: “Olha, Arthur, a gente não pode ficar assim. O jornalista precisa ter um conjunto salarial!”. Ele também ia brigar pela gente.

Mas, mesmo a gente no sindicato lutando por salário, os jornais sempre pagaram mal. Sempre tinha de buscar um outro emprego para sobreviver.

Era um salário que “malmente” dava para sobreviver. A gente sempre tinha dois trabalhos. Eu era professora da universidade e editora de A Tarde. Também fazia *freelance* pra tudo que era empresa. Eu tinha uma vida sacrificadíssima. Não me arrependo porque fazia o que gostava. Mas trabalhava de 7 da manhã até 11 horas da noite.

Foram 33 anos de Faculdade de Comunicação. A sua área é exatamente a combinação, não apenas da técnica, mas de arte. Tem de haver um olhar diferente. Quem fazia as disciplinas geralmente ligadas a planejamento gráfico, por exemplo, era uma leva de estudantes de Belas Artes, do curso de Desenho Industrial, para ocupar aquele espaço pois, geralmente, os que estavam fazendo jornalismo não iam, tanto fotografia como planejamento gráfico. E você foi uma figura que esteve exatamente nas várias fases do planejamento gráfico. E levando pra ocupar o espaço.

Muita gente pensa que dominar os programas, os softwares é fazer planejamento gráfico, a gente sabe que não é, continua extremamente técnico. Como você vê o jornalismo impresso perdendo esse espaço que é onde estava essa arte?

Os seres humanos, cada um tem uma aparência. A gente precisa pensar no produto de uma maneira especial, mas que não perca a característica. Então, por exemplo, quando entrei no A Tarde, o jornal tinha um *design* tradicional, manchete, texto. Comecei usando as fotos também como meio de informação. Um dia fui abrir uma foto no Caderno 2, que ia pegar de lado a lado. Aí, meio mundo: “Perdendo espaço da informação!”. Não, a foto também é informação. Agora, tem que ser uma foto expressiva, que tenha força de passar a mensagem. A foto vai atrair o leitor.

Como era a relação entre o departamento comercial e a redação?

O jornal precisa da publicidade para se man-

ter. Mas o jornal precisa da informação para ter a publicidade. Se ele não tiver a credibilidade do leitor, o anunciante também não vai. Então você tem que casar, coordenar isso. Era o que a gente fazia. Às vezes precisava tirar ou reduzir matéria para poder entrar o anúncio. Se o anúncio não for publicado, você joga dinheiro no lixo e ele não volta. A minha função, durante muitos anos, foi coordenar, foi atenuar essa briga da edição, do redacional, com a parte publicitária.

Como era a convivência com dr. Jorge Calmon?

Ele foi uma pessoa importantíssima em minha vida. Primeiro porque quando cheguei no jornal, não tive “padrinho”. Como falei, Fernando Rocha viu que eu tinha um bom texto e me levou pra estagiar no jornal. Eu escrevia as matérias de polícia de uma maneira que foi chamando a atenção de doutor Jorge. Aí um dia ele precisou de um repórter, não me lembro qual foi o fato, e como eu estava na redação fui fazer a matéria. E ele começou a valorizar. Doutor Jorge era uma pessoa que eu respeitava muito. Primeiro porque ele era extremamente inteligente, profissional e habilidoso. Ele dava oportunidades.

Quem trabalha com gastronomia ou quem faz cobertura de festa desse segmento de arte, entretenimento, sempre existe aquela história do jabá. Como é que você conduziu isso escrevendo sobre gastronomia, tendo esse tipo de assédio?

Vi muito! Ninguém nunca teve coragem de me oferecer. Fico até pensando que eu podia ter ganhado dinheiro. Primeiro, porque nunca dei margem. Se você faz coisa boa, falo tudo de bom. Mas, finalizando, eu queria agradecer à ABI essa lembrança, esse prestígio. Nunca pensei em minha vida que seria entrevistada. Queria agradecer muito a vocês e esperar que a gente tenha um registro da história da Bahia. Comecei essa história desde o terceiro ano de ginásio ou de faculdade e até hoje a gente vive todos os dias pensando jornalisticamente. Tive a graça, a honra e a glória de ser professora da universidade, na Faculdade de Comunicação, com meus anjinhos que me respeitavam. Que nos querem bem, que acompanhavam a gente. Enfim, pra mim foi muito importante ter essa conversa com colegas tão queridos e resgatar essas lembranças de trinta e tantos anos. ■

PRÊMIO
ABAPA
DE JORNALISMO

DESDE 2019
PROPAGANDO A BOA

INFORMAÇÃO



O propósito do Prêmio Abapa de Jornalismo é **valorizar a cobertura jornalística da cotonicultura baiana**. A premiação reconhece os **jornalistas profissionais que vão além do algodão**, produzindo conteúdo aprofundado sobre a cadeia produtiva da fibra e as transformações que promove no estado. O Prêmio Abapa de Jornalismo ainda se estende à universidade, **incentivando a produção dos futuros jornalistas**.



Escaneie o QR Code e saiba mais.

Conheça as iniciativas da Associação Baiana dos Produtores de Algodão: abapa.com.br

abapa
Associação Baiana dos Produtores de Algodão

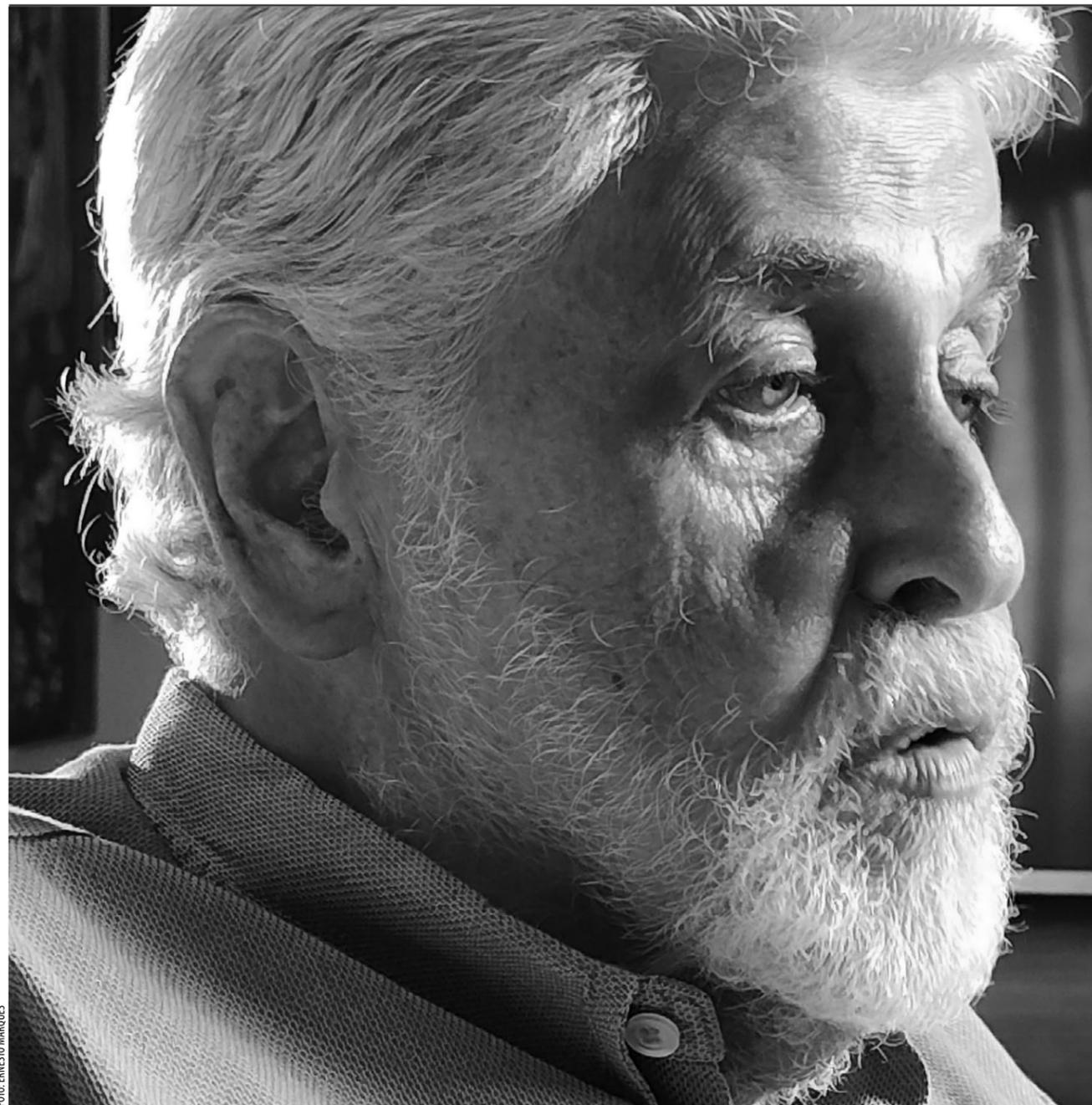


FOTO: ERNESTO MARQUES

Raimundo Vieira Machado Filho é uma unanimidade entre a classe jornalística baiana. O bom humor e generosidade tornaram sua trajetória na profissão uma aventura divertida, apesar de alguns percalços que só serviram para lhe dar mais ânimo a prosseguir. Começou no Diário de Notícias, final dos anos 1960, na editoria de Internacional, convivendo com as antigas máquinas de recepção de matérias de agências noticiosas. Em pouco tempo passou para a reportagem policial usando métodos criativos e malandros para obter notícias exclusivas. Mas seu ápice foi a editoria política, área em que exerceu as funções de repórter e editor. Colecionou as fontes mais importantes da classe política baiana e testemunhou acontecimentos históricos ao longo da carreira. Machado é um legítimo representante do jornalismo boêmio, que considerava mais importante o ambiente de trabalho do que até um salário mais vantajoso. E conseguia se divertir, ajudar os colegas e enfrentar, sem abaixar a cabeça, a difícil tarefa de ser um jornalista político. Participaram da entrevista Ernesto Marques, Paixão Barbosa, Paulo Bina, Alberto Freitas e Bira Paim.

Raimundo Machado

“Ser editor em qualquer jornal é um *negócio espinhoso*”

Em que momento você encontrou o jornalismo.

Nasci no Matatu, em Brotas, em 1938. Em 1946, aos 7 anos, minha mãe que estava grávida do 5º filho, morreu no parto junto com o bebê. E nós tivemos essa infância sofrida pela ausência da mãe, que é uma coisa que eu gostaria de frisar que era até pior mesmo do que qualquer lance de bullying. Porque eu era jovem e qualquer coisa que eu queria fazer, vinha sempre a recomendação: “Lembre-se que você não tem mãe!”. E aprendi essa coisa. Meu pai casou-se [pela segunda vez] em 1948. Cursei o nível médio no [Colégio] Salesiano. Entrei em política estudantil já no Instituto Normal da Bahia, que depois veio a ser o Isaías Alves. Trabalhei numa loja de parentes, mas vi que não dava para o comércio. E um dia, conversando com Bêu [o irmão Roberto Machado], já no jornal A Tarde, ele disse: “Por que você não tenta o jornal?”. E me indicou ao Diário de Notícias, a Clementino Heitor de Carvalho. Fui no dia 14 de março de 1969. A primeira vez a entrar em uma redação de jornal, designado para a equipe de [editoria] Internacional. Era uma sala contígua à redação, três máquinas datilográficas: Neomar Cidade, a segunda de Lázaro Guimarães e eu. Dois radioamadores, através do Código Morse, pegavam o noticiário resumido da Agência Meridional. E havia também uma da UPI. Do Código Morse passou para o telex, um avanço. Então, acompanhei toda essa evolução para chegar hoje. Celular na mão, WhatsApp, Google...

Como passou para a reportagem?

Um dia houve o primeiro assalto em Salvador, na Vera Cruz, companhia de cigarro, e os caras na redação: “Primeiro assalto, tem que ir, cadê o repórter?”. Todo mundo já tinha saído. Eu me prontifiquei. Fui para a Delegacia de Furtos e Roubos, na Piedade, e lá encontrei o investigador Boni, um cara que jogava em um time nosso da Vasco da Gama. Ele narrou o assalto e um detalhe chamou a atenção: os assaltantes disseram que depois do assalto, o carro de quem eles tinham roubado seria deixado em frente à Feira de São Joaquim. Perguntei se a polícia foi em São Joaquim ver o carro. Ele: “Você acha que o cara vai dizer onde deixará o carro?”. Chamei o fotógrafo e fui, e lá estava o carro, abandonado. Demos um furo na própria polícia, e o pessoal se entusiasmou. “Machado, você vai para a reportagem policial”. O Diário não pagava salário [em dia]. Você levava dois, três meses, para eles pagarem um salário. Mas a coisa da redação, era uma farrá. Afora a beleza do pôr do sol, a oficina onde você tinha o famoso compositor Batatinha, e outros tantos. Então era tudo que dava o prazer de trabalhar. E a inocência do Mundinho, que era o boy da oficina, alegria de todos nós. Veja a inocência do Mundinho. Foi assaltado e não tinha dinheiro, mas fez um acerto com o ladrão e veio me contar “Machado! Eu falei [para o ladrão]: ‘seu Florentino (que era o superintendente do Diário), disse que ia pagar hoje, mas não pagou, dizem que vai pagar amanhã, se

pagar, o senhor me espera aqui! Machado, você acha que eu devo ir lá? Que o assaltante tá me esperando.”

E a ida para o A Tarde?

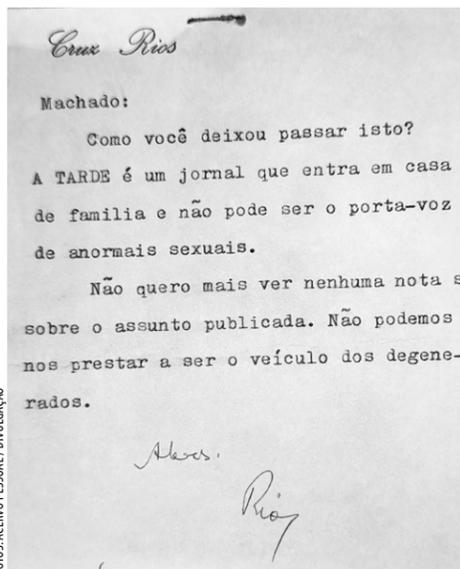
Em 71, tive convite de Otacílio Fonseca. Fiquei lá de 71 a 73. Um fato curioso de minha época no A Tarde, é que começaram a acontecer os primeiros assaltos comuns em ruas de Salvador. Eu fazia cobertura do posto policial e do pronto-socorro, estava sempre com as vítimas de assalto e publicava. No dia seguinte a delegacia negava. O delegado era Edgar Medrado que procurava o doutor Jorge Calmon [editor-chefe do jornal] para desmentir. Um dia o dr. Jorge me mandou um bilhete dizendo que o delegado negava os assaltos, que eu procurasse o livro de ocorrência da delegacia. Em conversa com policiais que não gostavam do delegado, me confidenciaram que havia um livro secreto com o registro dos assaltos. E eu tramei de roubar esse livro. Ficava na gaveta da mesa do comissariado. Escolhi uma hora, 18 horas, mudança do plantão. E chamei o cara que ficava com a chave da gaveta pra tomar uísque no bar que ficava entre a delegacia e o prédio da secretaria. Quando eu vi que o chaveiro ia cair, eu disse: “Agora ou nunca!”. Peguei o chaveiro e disse que ia no sanitário da delegacia. Entrei correndo, tremia mais do que a zorra, abri a gaveta do comissário, peguei o livro e saí correndo até o jornal. Fizemos fotos do livro, matéria de página inteira, com o livro etc. No dia seguinte, para minha surpresa, recebo um bilhete do dr. Jorge, parabenizando, mas dizendo que o meu modo de agir fugia às normas de A Tarde. E aí Valmir Palma, que não perdoava ninguém, disse “Os caras dos Estados Unidos roubaram o livro do Pentágono, estão aí na manchete de todo mundo, e você tomando esporro!”

E o livro foi devolvido?

Tinha uma ordem de prisão para mim na delegacia! Quando chegasse com o livro, era prisão em flagrante. Comecei a bolar como entregar esse livro. Pegamos o livro, embrulhamos em papel, pedimos uma caminhonete de A Tarde. Encontro o comissário Calazans na porta da delegacia. Perguntei: “Calazans, o Brandão tá aí?”. O Brandão era um policial que ia fazer vestibular. “Não, ele está de plantão amanhã”. “Fiquei de trazer umas apostilas para ele estudar”. “Deixa comigo que amanhã eu entrego a ele”. Mal Calazans segurou o livro, o motorista deu

► “Quebra-queixo” com Luiz Inácio Lula da Silva.

▼ Bilhete, de conteúdo homofóbico enviado por Cruz Rios, reclamando de matéria sobre homossexuais.



► Bate-papo com Fernando Gabeira.

FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



▼ Entrevistando o lendário Ulysses Guimarães, o “Senhor Democracia”.



uma arrancada na caminhonete que, se eu seguro firme, Calazans vinha (risos). E aí, cheguei com a cara mais sem vergonha no dia seguinte. “Gente, eu soube que o livro apareceu!”. O delegado titular retado comigo, já tinha me cobrado, parou uma vez em uma viatura na rua, saltou: “Moço, cadê meu livro?”. “Que livro?”. Eu tive a perspicácia de fazer uma matéria falando do livro secreto e antes de ouvir qualquer pessoa da delegacia, fui ouvir o secretário de Segurança, Joelbo Figueiredo, que negou veementemente, disse que na administração dele não admitia que nada fosse secreto. Então, baseado

nesse aspecto, eu levei o livro, um livro que não existia. E quando o delegado me cobrou: “O meu livro!”. Eu disse assim: “Mas tem livro? Eu publiquei, o secretário disse que não existe”. Podia ter tomado um tiro.

Machado, na sua passagem pelo Diário de Notícias, existe aquela história da manchete que você deu, da queima de drogas, de maconha?

A polícia tinha apreendido drogas e anunciou que iria incinerar toda a droga apreendida tal dia...[Manchete] “A polícia queima maconha” (risos). Foi um desastre.

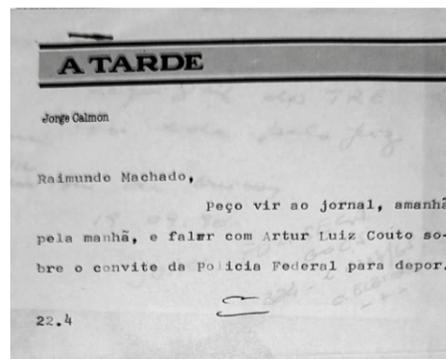
É verdade que às vezes havia alguma operação comercial e você recebia o salário atrasado três, quatro meses em re-lógio, corte de tecido, sapato?

Faziam permutas e o pessoal aceitava. Eu nunca recebi nada disso, recebia só o salário quando eles pagavam. E agora você veja: fui para A Tarde, que era o salário garantido etc, mas me decepcionei com outras coisas. Em determinado dia me tiraram de polícia para fazer cobertura de aeroporto. Então, eu ia para o aeroporto pela manhã, ficava até 4, 5 horas da tarde para pegar pessoas importantes que chegassem a Salvador. E era de minha responsabilidade, também, passar nos principais hotéis de Salvador, felizmente, eram pouquíssimos, para ver as figuras que estavam lá hospedadas, para fazer entrevista. Então, com essa experiência toda, mas salário em dia, que A Tarde pagava quinzenalmente, afora caixinha di-

ária, (que era como eu, com filho recente, nascido, mulher grávida, mantive as coisas em casa) recebo o convite do Diário para retornar e assumir a editoria de polícia. Lá fui eu pro Diário, ganhando três vezes mais...

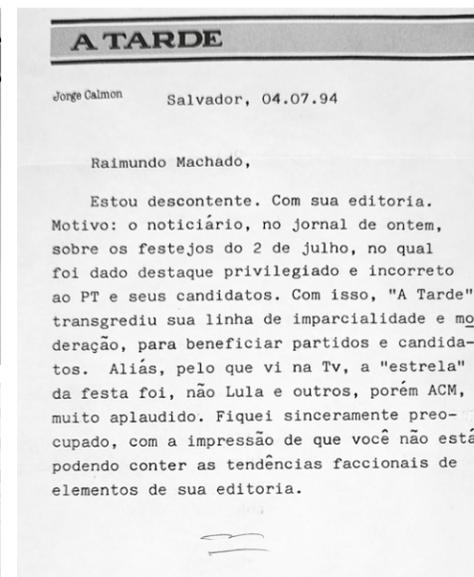
Mas não recebia... (risos)

Quando fui comunicar a Jorge Calmon, ele disse: “Você não pode nos deixar”. Falei sobre o salário, problema familiar, e ele me disse: “Então você vai fazer uma coisa por todos nós, uma carta para ser levada à direção mostrando que você vai sair pelo baixo salário”. E eu, prontamente, quero ajudar os demais. Sentei na máquina, estou redigindo, Genésio Ramos passa e diz: “Machado eu soube que você vai embora do A Tarde”. “Vou voltar para o Diário”. “E o que está fazendo aí?” Eu disse: “É uma carta” e expliquei. Genésio arrancou e lascou: “Jorge quando quer dar esporro na gente, é patrão,



▲ Bilhetes de Jorge Calmon enviados a Machado.

◀ Entrevistando o então candidato a presidente Fernando Collor.



Quando cheguei ao A Tarde, senti umas coisas diferentes. Por exemplo, não saía o nome de Jutahy Magalhães, por causa do [pai] Juraci Magalhães. Jorge Hage nem pensar. Ele [como prefeito] começou a fazer o calçadão em frente ao A Tarde, tirou o estacionamento e cobrou impostos atrasados do jornal.

mas nessas horas, dá uma de funcionário. Se você fizer essa carta e mandar, seu retorno no A Tarde está bloqueado. Você jamais voltará para A Tarde. Ainda vai lhe perseguir nos outros jornais”. E realmente, eu não fiz a carta, saí e fui para o Diário.

Quando você voltou para o A Tarde, você voltou para a polícia?

Voltei para a polícia. Em determinado dia, O dr. Jorge me chama e diz assim: “Vou precisar de você. Fazer política”. O quadro está completo, eu disse. “Não, não é isso não. Viajar, para fazer aquelas matérias no interior durante a campanha de Roberto Santos com Antonio Carlos [Magalhães]”. Eu comecei a viajar.

Só para situar no tempo, você sai do Diário em que ano e volta para o A Tarde em que ano?

Saí do Diário, a primeira vez em 70, início de 71 ou meados de 71, e fui para o A Tarde. Em 73, voltei para o Diário. Fiquei até fechar [1980] e aí voltei para o A Tarde.

Essa campanha das viagens, foi a de Roberto Santos em 82, que teve a morte de Clériston Andrade [candidato de ACM ao governo do estado].

Antes da morte de Clériston, fui fazer matéria pra A Tarde em Feira de Santana. Conheci o pai de Porquinho, [jornalista Roberto Messias] pai de santo Velho. Fui a um caruru na casa dele e, quando cheguei lá, estavam todos os candidatos a prefeitura. Sentei junto do pai Velho e disse: “O senhor que sabe tudo, quem ganha a eleição, Clériston Andrade ou Roberto Santos?”. Ele bateu em minha perna, sacudiu e disse: “Nem um, nem outro.” E eu: “Como nem um, nem outro? São os dois candidatos mais fortes!”. Ele disse: “Passe aqui dia 1º”. Eu não levei aquilo em consideração, quando estava em Senhor do Bonfim, morre Clériston Andrade no acidente [1º de outubro de 82]. E eu me lembrei logo do Velho. Que filho da mãe, nem um nem o outro. E esse fato realmente me chamou a atenção, foi o primeiro fato curioso e sobrenatural em política.

Voltando à sua viagem ao interior.

Cheguei numa cidade, encontrei um candidato a prefeito que estava bem nas pesquisas, eu disse: “Vim aqui fazer uma entrevista com o senhor”. “Não, não bote que eu abri a boca!”. “Por que essa coisa?”. “Já não tenho mais dinheiro, meu amigo”. Eu

disse: “Quem lhe pediu o dinheiro?”. Ah, rapaz, o homem retou. “Então o senhor acha que o senhor vem aqui em minha casa, fazer uma entrevista para sair no jornal de Salvador e não veio cobrar nada?”. Eu disse que não vou cobrar nada. “E quem paga o senhor?”. Eu disse: “O jornal.” Tive que dar a explicação ao homem e ele deu a entrevista dizendo a toda hora: “Eu não vou gastar um tostão!”. Depois resolvi ir a Pau Brasil. Kléber, que era o cara da sucursal de Feira, quando soube que a viagem era para Pau Brasil: “Machado, não vou não, lá é barra pesada”. Eu fui. Contratamos um táxi para me levar com o fotógrafo e o taxista fazia questão de que eu jurasse que era jornalista e que ia fazer matéria. “O senhor jura que não vai matar ninguém, porque lá só se vai para matar.” Quando retorno do interior, dr. Jorge disse: “Você vai continuar em política. Vai substituir Eliezer Varjão na Assembleia Legislativa”.

Havia ponto de cada grupo de jornalistas para beber?

Tinha. O Cacicque era prolongamento do A Tarde. Quando se baixou uma ordem de bater ponto. Valmir Palma toda hora que saía e voltava, ele batia o ponto. Tomava uma no Cacicque, PLUM! Voltava, PLUM! O cartão de Valmir era aquela coisa. E Valmir era incrível, porque ele não discutia com ninguém. Ele sabia tudo de polícia, só botava no jornal o que ele queria e o que ele tinha combinado. Tanto que, quando o Manoel Quadros [chefe do esquadrão da morte na Bahia] foi preso, o Valmir estava correndo de delegacia em delegacia para fugir. Ele sabia que estavam procurando ele. Quando ele entra na Furtos e Roubos, o comissário gritou: “Valmir, ele está aqui”. “Valmir, A Tarde quer falar com você”. Pega o telefone e fala com dr. Jorge: “Valmir, o comissário Quadros foi sequestrado, você já soube?”. Aí Valmir: “Não foi sequestrado, não, foi preso”. “Preso o quê, Valmir? Não está vendo! O comissário Quadros preso? Isso é absurdo!”. “Ah, é...” Não discutia com ninguém. Desligou e foi pra casa. Sabia que Calmon ia descobrir logo depois. Começava uma discussão e Valmir dizia: “Até logo”.

Você disse que tinha duas curiosidades sobre o sobrenatural na política. Qual foi a segunda?

Fernando Santana [na época deputado do PMDB, mas comunista histórico] me relata o seguinte: Tancredo Neves, manda chamá-



FOTO: ERNESTO MARQUES

-lo: “Fernando, estou precisando do apoio do governador da Bahia [João Durval].” E Fernando Santana começa a expor o quadro da política da Bahia. “Antonio Carlos é muito vivo. Ele, como está com Sarney, está com Tancredo, mas marca posição do outro lado. Deixou João Durval ficar com Maluf. Aí, para o senhor conseguir apoio do governador só com o Rasputim na Bahia, o médico gastro, Newton Pinto, que João Durval só faz o que ele diz”. Tinha a fama de ler a mão.

Tirou o medo de avião de João Durval.

Resultado. Tancredo pede para falar com o Newton Pinto. Fernando apresenta a Tancredo, e deixa os dois a sós conversando. Na saída, Fernando pega o Newton Pinto, bota no carro e leva para o aeroporto, e pergunta a Newton: “Como foi?”. “Na mão dele, Fernando, já tem que ele é presidente. Só que tem um negócio que está me encucando, onde tem mostrando que ele é presidente da República, tem um círculo fechado com abertura pequena, significa que ele é presidente eleito, mas não toma posse”. E aí, Fernando: “Machado, eu estou aqui conversando com você como amigo, não é o jornalista. Nós, eu, você e Dr. Newton somos responsáveis pela democracia, porque se a gente espalhar uma coisa dessa, o pau quebra”. E aí assumimos o compromisso, com o compromisso também de depois de Tancredo ser eleito, assumir etc, a gente publicar essa coisa. E aí, rapaz, não é que na véspera, Seu Tancredo dá aquela? [Não assume devido à crise de diverticulite] Liguei

Um dia Barbosa Romeo [amigo de ACM] me chamou: “Meu filho, aprenda uma coisa, nunca se aproxime demais de Antonio Carlos Magalhães, para não ficar um homem sem personalidade, como eu”.

pra Fernando e disse: “Fernando, a vaca foi pro brejo”. E aí comecei a temer. Quando chega o dia da morte de Tancredo, fui pro Palácio para ouvir João Durval, a segunda pessoa que eu liguei, Fernando. “Fernando, vou soltar aquele negócio, que fiz a matéria”. Que negócio filha da mãe. Incrível.

Havia muita interferência na editoria política do A Tarde?

Ser editor em A Tarde. Qualquer jornal... É um negócio espinhoso. A Tarde foi pior ainda, porque tinha dr. Jorge Calmon, com aquela seriedade dele, de poucas palavras, e dr. Rios, que era muito mais aberto, mas muito mais tendencioso. Não que o dr. Jorge não o fosse. Ele já tinha uma certa mágoa do então governador ACM, que vinha da época da candidatura do irmão dele, Pedro Calmon, a governo do Estado [em 1954] contra Antônio Balbino. E ACM espalhou muita coisa com aquele jeito dele. Dr. Jorge foi o caixa da campanha de Pedro. Essa coisa criou uma mágoa. Quando cheguei no A Tarde, comecei a sentir umas coisas diferentes, horríveis. Por exemplo, foto de Antônio Balbino, só saía uma. Ele vestido de marinheiro. Por quê? Porque foi opositor de Pedro Calmon. Não saía o nome de Jutahy Magalhães, por causa de Juraci Magalhães. Jorge Hage nem pensar. Ele [como prefeito] começou a fazer o calçadão em frente ao jornal A Tarde, tirou o estacionamento e cobrou impostos atrasados do jornal, entendeu? Tudo isso criava um cenário horrível. Um dia pensei do barco virar. Dr. Rios, que era

um carlista doente na época, (depois tornou-se anti-carlista, por motivos pessoais, porque foi acusado no início do governo Waldir Pires de usufruir benefícios do Desenbanco e ganhou na Justiça uma indenização altíssima de milhões do governo do estado, e Antonio Carlos, governador, não pagou) me mandou uma matéria que só faltava mandar construir uma igreja para ACM. Quando eu já estava com aquilo na garganta, recebo um telefonema de dr. Jorge: “O Rios lhe deixou uma matéria para publicar sobre Antonio Carlos Magalhães?” Sim. Ele disse: “Não publique! Agora não é para dizer a ele que fui eu!”. Assim, secamente. Rios me chamou: “Mas você não publicou? Foi o Jorge?”. Justifiquei que era falta de espaço. Tinha coluna de Samuel Celestino. “Eu deveria ter lhe demitido!”. Respondi: “Sabe porque o senhor não me demite? Porque o senhor não é o Antonio Carlos Magalhães, não usa do mesmo método!”. Comecei a brincar e ele dava risada e passava. Mas tinha esses lances assim. O dr. Sepúlveda Pertence, que foi o presidente do Tribunal Superior Eleitoral, veio fazer uma palestra na Bahia sobre maneiras de se interferir em campanha eleitoral. E ele citou diversas maneiras. No final, disse a ele: “O senhor desconhece algumas e eu vou lhe citar uma, por exemplo. O senhor ser editor de página, visita do candidato do PT à presidência da República. O senhor chegar no jornal e a página está cheia, de cima abaixo de anúncios e tem um espaço desse tamanhinho [para a matéria]”. Era o que eu achava quando o Lula vinha à Bahia. Enchiam a página de publicidade e deixava aquela “zorrinha”. Sofri também no A Tarde com Raulfoc Bocayuva, sobrinho da dona do jornal. Uma matéria sobre o célebre grampo da governadoria. César Borges era o governador. E foi uma matéria que tive o cuidado todo especial de sempre não acusar ninguém sem ter provas. O sr. Raulfoc viu a matéria, na minha ausência, tirou e botou que César Borges estava implicado. César, no dia seguinte, me liga, indignado. Eu disse a ele, mande um material se dizendo surpreso com isso, que eu vou publicar. Ele me disse: “Eu vou mandar, mas vai sair no espaço do leitor?”. Eu disse: “Não. Entrego o meu cargo. Vai sair na página!”. Botei na página e saiu. Fui criticado pelo próprio Raulfoc depois. “Ah, não deveria ter feito aquilo. Ficou ruim para o jornal.” E eu deixei para lá. Então, você engole sapo, engole tudo, entendeu? E tem que, às vezes... Agora, nunca abaixar a cabeça. Eu publicava o nome de Jorge Hage, de Jutahy etc.

Cruz Rios, que era um carlista doente na época, me mandou uma matéria que só faltava mandar construir uma igreja para ACM.

Como era a sua relação com Antonio Carlos? Como editor de política e relação pessoal?

O interessante é que muita gente tomava as dores por Antonio Carlos, com medo. Eu, por exemplo, publiquei uma matéria de um petista, dizendo que Antonio Carlos era diplomado em medicina, nunca tinha clinicado, nunca tinha dado uma aula e era professor aposentado da universidade. Dr. Jorge me chamou no dia seguinte e disse: “Essa matéria foi horrível! Então, a partir de hoje, você, Machado, passa a ser editor de Economia”, - que eu nunca sei nem para onde vai -, “e Alberto Oliveira, editor de Política. Antonio Carlos estava em Londres para fazer uma cirurgia dos rins. Jorge Calmon, como medida preventiva, fez a troca para dizer que a medida foi adotada. Mas como não houve reclamação, voltou tudo ao normal. Então, a coisa era assim.

Mas você conversava com ele, tratamento cordial?

Eu ficava meio impressionado com a disponibilidade de Antonio Carlos comigo. Mas vim descobrir isso muito tempo depois, na morte de meu tio José Campos França. Fui ao sepultamento e estávamos em uma roda conversando com ACM. De repente, ele se vira e diz assim: “Machado, seu tio foi que me conseguiu o meu primeiro emprego”. Pedro Melo, fundador do Sistema de Identificação, era meu tio-avô botou tio Augusto funcionário de lá. E tio José, através de tio Augusto, conseguiu o primeiro emprego pra Antonio Carlos. Então, talvez por isso [me tratava bem]. Certa feita, ele candidato a governador, disse: “Olha vai encerrar essa fase nossa, então, vamos fazer o seguinte, todo fim de semana vá pra Ondina, e a gente pode até tomar um banho de piscina e fazer as matérias necessárias, discutir política”. Um dia Barbosa Romeo [amigo de ACM] me chamou e disse: “Meu filho, aprenda uma coisa, nunca se aproxime demais de Antonio Carlos Magalhães, para não ficar um homem sem personalidade, como eu”.

Esses convites para ir a Ondina, eram também uma forma de sedução, chegou a ir à piscina?

Não, nunca fui. Só fui ao Palácio de Ondina uma vez e me arrependi. Eu e Paixão [Barbosa], o governador era Nilo Coelho. Nilo não podia beber, mas dizia: “Eu recebi um vinho aí...”. Induzindo a gente... terminou os três embriagados. Nilo foi dormir e tinha, no outro dia, uma coletiva de imprensa com a imprensa nacional. Quando desce Nilo com a cara de ressaca retada, o vozeirão da porra... “Ah, o culpado é Machado, Machado e Paixão. Saíram daqui de madrugada e me deixaram embriagado”. Filho da mãe!

Machado, você que sabe de tudo. Afrísio [Vieira Lima] deu um tapa em Antonio Carlos?

Deu. Fui o primeiro a saber. Ele chegou esbaforido no Consórcio Rodoviário, na antessala da presidência, sentou: “Escapei da morte!”. E eu: “Como, rapaz?”. Ele

GOVERNO PRESENTE FUTURO PRA GENTE

A Bahia cresce cada vez mais. E não é só por nossa cultura, que a cada dia é mais valorizada, nem por nossas belezas naturais bastante preservadas. Aqui, a gente se desenvolve porque também é uma terra que combate o preconceito e a fome, que apoia e confia na nossa agricultura familiar e investe em estrada boa e transporte moderno e confortável pra gente.

**Na Bahia é assim:
nossa maior obra é cuidar de gente.**



APOIO À
AGRICULTURA FAMILIAR



COMBATE
À FOME

VALORIZAÇÃO
DA DIVERSIDADE
CULTURAL



TRANSPORTE
MODERNO E CONFORTÁVEL



RECORDE
DE TURISTAS



GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE

me contou: “Mas vai ficar aqui entre nós, não passa pra ninguém!”. Disse que começou a conversar com ACM. E, de repente, eles se desentenderam. E o Antonio Carlos pulou em cima dele e começou a engarguelar. “Eu tinha que tomar uma atitude, o cara estava me engarguelando. Aí eu falava, Tuninho, Tuninho, sou eu, Afrísio, tentava lembrar, mas o cara estava fora de si. Aí dei um murro nele na ponta de queixo e ele caiu. Quando ele caiu, a segurança ouviu a zoadá, abriu a porta, viu ele no chão, meteu a mão etc., Antonio Carlos disse, épa épa! Fecha a porta: ‘só um de nós dois sai vivo daqui!’”. Antonio Carlos foi se acalmando, se acalmando. Na hora que abriu a porta para Afrísio sair ele andou cerca de três metros, Antônio gritou: “Afrísio! Não conte nada sobre o que conversamos!”. Aí Afrísio disse: “Não, não senhor!”. A Tribuna foi que deu, sabe quem? Marcelo Nonato. Passou a mando de Jonival Lucas, que ele foi para contar a Jonival, que Jonival não ia perder aquela, que Antonio Carlos tomou o murro.

Como foi a história do Domingos Souza no Diário de Notícias?

Domingo Souza levou dias sem aparecer no jornal. Já estava lá o auto de demissão dele. E um dia, se trabalhava na redação, aconteceu o gemido: “ô,ô,ô...” Alguém saiu para ver: Domingos Souza subindo as escadas. Entra na redação e diz que foi violentamente agredido, que eu nunca entendi isso, violentamente agredido, assassinato brutal (risos). Violentamente agredido por um soldado do Exército. Acho que foi Reis, mandou que fizesse essa matéria. Todo mundo se recusou a fazer e o [Antonio] Lins, coitado, foi fazer. E aí sentava, fazia o *lead*, lia para ele e ele dizia que não estava bom. “Não está bom, tira daí.” E aí o Lins procurou saber se Domingos tinha condição de redigir. Tem. O Dominginho passou para a cadeira, botou o papel na máquina, soltou o dedo. No *lead*, ele tomou porrada três por duas. “O jornalista Domingos Souza foi barbaramente agredido às tantas horas, dia tal, no bairro da Liberdade etc”. Eu sei que no *lead* ele foi massacrado! Aí no *sublead*, companheiro... é o herói. “Cidadão ordeiro e pacato (risos), o jornalista manteve-se calmo durante todo o desenrolar da briga”. Já passou a ser briga, não mais agressão. “O jornalista manteve-se calmo durante todo desenrolar da briga, aplicando somente um rabo de arraia que atingiu toda a região

peitoral da vítima”. O soldado passou a ser vítima. Salvou a demissão, mas ganhou a suspensão (risos).

Fale da postura de Jorge Calmon, da conduta, como chefe da redação.

Eu vou fazer um adendo. A Tarde entrou em uma maré descendente, exatamente depois que ele saiu.

Ele era o ponto central do jornal. Não se fazia nada sem autorização dele. Mas atinha seu trabalho com a redação. Como ser humano, o doutor Jorge era espetacular. Tinha suas predileções, claro, todo mundo as tem. Gostava muito de Béu [Machado], de Aurélio Velame. Não era a pessoa de gritar, ele chamava. Os bilhetinhos dele eu tenho alguns ainda, letrinha miúda. A assinatura é quase que um V, totalmente diferente do dr. Rios. Fiz uma matéria sobre Chico Pinto, que era o nome nacional. “Machado, quando você tiver de dar presente ao Chico Pinto, compre o presente e dê em sua casa, não utilize o jornal para isso.” Esse era Cruz Rios. Escolhambava assim, Ou você levava na gozação e continuava o seu trabalho, ou você se retava e ia dar em uma demissão. Então, você tinha que relevar.

Como foram os seus últimos dias e, sobretudo, o dia em que você deixou a redação?

Deixei a redação depois de umas férias. Começou tudo a degradingolar depois que o dr. Jorge saiu, quando vieram os meninos novos da família Simões. O jornal A Tarde, tinha uma vantagem muito grande. Nós tínhamos uma independência de trabalho. Éramos responsáveis e, por vezes, também irresponsáveis. Nós parávamos na redação, íamos para o estacionamento tomar um uísque toda semana, que chamávamos de SOS. E Ranulfo no início participava do SOS, depois botou ordem, proibiu. Começou a dar uma de colégio primário e eu me sentia mal. Só vai faltar agora a gente pedir para sair para fazer o xixi. Tive um arranca-rabo com ele. Nunca tive com ninguém assim uma briga na redação. Uma coisa que eu gosto de ressaltar é que nunca demiti ninguém. Outra coisa, acho, e sempre trabalhei pensando assim, mesmo quando não era editor, que editor é um cargo de confiança, você tinha por obrigação que estar presente. Mas é bem comum o repórter dizer assim: “Eu não sou pago para isso, para trabalhar fora de horário.” Lembro que pedi a determinada repórter nossa, uma paulista, fazer uma

cobertura no aeroporto. Ela: “Não, o jornal não me paga para isso não”. Simplesmente eu: “Tá, tá ótimo”. Ela foi embora para casa e eu, como editor, peguei o carro, fui para o aeroporto e fiz a entrevista. No dia seguinte, ela viu a entrevista. E aí, foi toda sem jeito, pedir desculpa. A vida é assim. Acho que você ensina mais assim do que se tomasse uma medida drástica. Então, vi que a coisa estava degradingolando. Aí apareceu o PDV [Programa de Demissão Voluntária].

Depois da vinda do Ricardo Noblat.

Trouxeram Noblat para o cargo de Cruz Rios, Cruz Rios ainda lá. Noblat procurava o apoio da redação. Marcou comigo, inclusive, uma vez, para a gente conversar. E eu vi que a coisa não ia andar. Eu digo: “Olha, vou ter que sair”. É o momento exato. Assinei o tal do PDV. Entrei de férias e, quando voltei, Silvio Simões soube, mandou me chamar. E havia uma aproximação muito estreita entre mim e o Silvio, porque ele era muito apaixonado por Béu, meu irmão. Quando entrei na sala dele, a primeira coisa que ele fez foi trancar a sala e desabar no choro, e me abraçou chorando: “Você não pode sair!”. Eu disse: “Eu vou sair!”. “Então você vai prometer uma coisa. Todo ano, pelo menos no aniversário do jornal, você vem.” Promessa que eu nunca cumpri. Nunca mais eu voltei no jornal. Aliás, fui uma vez na redação, mas já encontrei totalmente diferente.

Essa forma de sair o deixou triste?

Não, triste de ver A Tarde morrer. A certeza era absoluta que A Tarde seguia pro fim. E essa impressão eu passei para [Eliezer] Varjão e para [Antonio] Matos, que coitados dos dois, resolveram continuar e passaram coisas horríveis. Porque no A Tarde você trabalhava e se divertia, havia o lado até crítico mais humorístico, mais intelectualizado, dava gosto de você trabalhar, entendeu? Havia o companheirismo, havia as festas de fim de ano, os almoços, o “conversamento” etc.

Você sempre foi generoso. Arrumava emprego para colegas. Não conheço nenhum inimigo seu. Existem poucas unanimidades no nosso meio, que tem muita gente fofoqueira, mas você está concentrado em uma delas.

Agradeço a Deus ter colocado vocês no meu caminho, mas essa coisa de emprego é competência de cada um. ■



Fundada em 2001

A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE FAVELAS DO MUNDO

- Minidoor Social
- Jornal A Voz da Favela
- Instituto de Pesquisa Data ANF
- Editora ANF
- RACC (Rede de Agentes Comunitários de Comunicação)



agenciadenoticiasdasfavelas



agenciadenoticiasdasfavelas



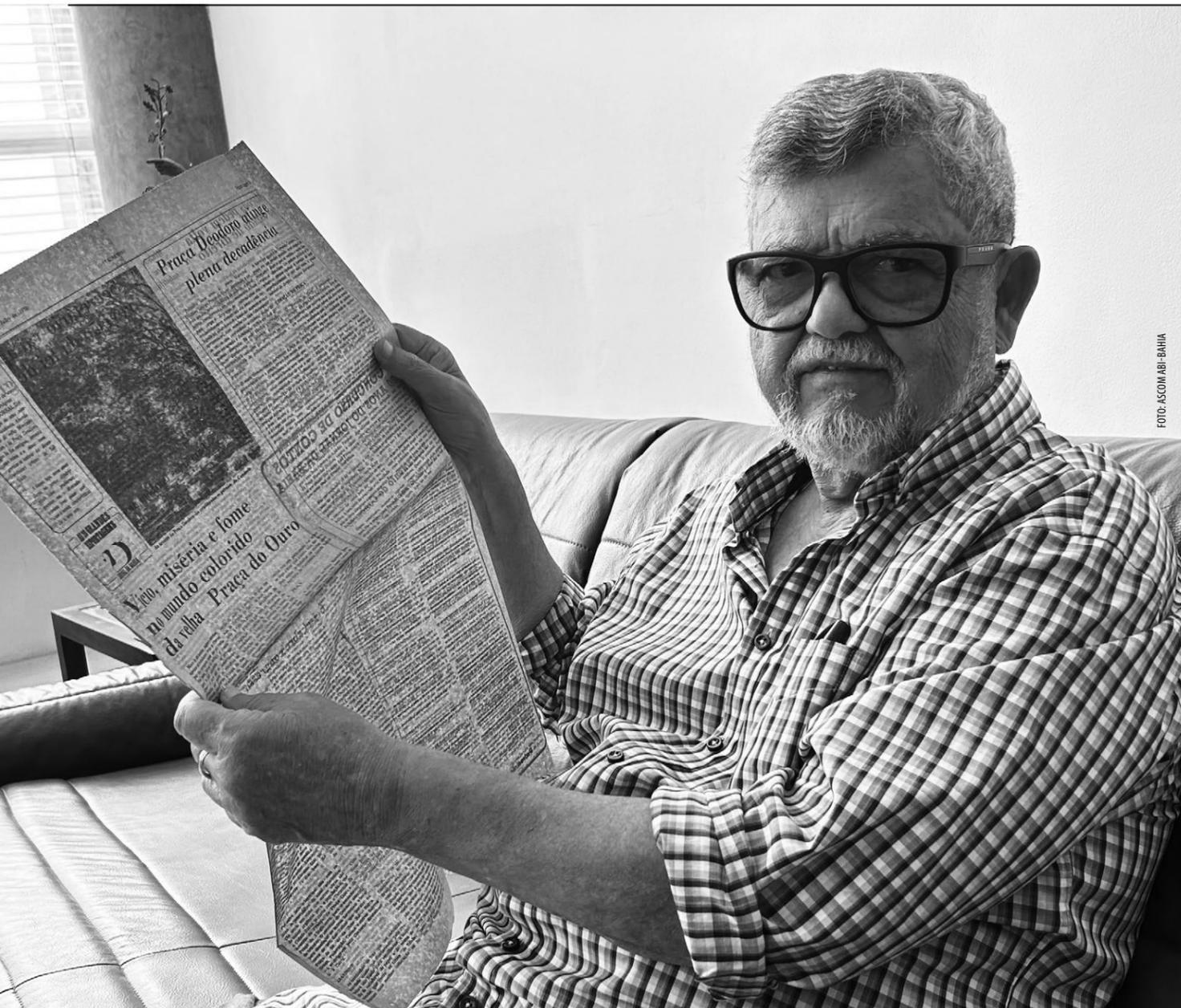
www.anf.org.br



jornalismo@anf.org.br



Rua da União, nº 05. Bairro da Paz. Salvador- Bahia.



Tasso Paes Franco nasceu na cidade de Serrinha em 1945 e cresceu num ambiente favorável à profissão de jornalista. O pai era dono de livraria e de um jornal. Mas ele resolveu fazer o vestibular de Jornalismo na UFBA por achar que não tinha base escolar pra passar em cursos mais concorridos como Medicina e Engenharia. Entrou num mundo estranho e fascinante. Estudante, foi aconselhado a procurar trabalho nos jornais de Salvador para aprender a prática da profissão porque na faculdade só receberia teoria. Começou no Jornal da Bahia e foi galgando degraus. Passou pela Tribuna, Diário de Notícias e participou em 1986 da campanha de Waldir Pires, candidato a governador, um marco do marketing político na Bahia. Depois atuou na campanha do governador Paulo Souto e do prefeito Antonio Imbassahy de quem foi secretário de Comunicação por oito anos. Tasso também ajudou a criar o Bahia Hoje, primeiro jornal digital do Brasil. Nos últimos anos, mantém o site Bahia Já, um dos pioneiros do gênero em Salvador e desenvolve uma fecunda atividade literária tendo como inspiração Serrinha e a história de Salvador. Ele foi entrevistado por Ernesto Marques, Jaciara Santos, José Barreto e Nestor Mendes Júnior.

Tem que *saber escrever, ter responsabilidade e cuidado* na difusão *da notícia*'

Qual a lembrança mais remota que você tem do seu encontro com as letras, com o jornalismo, você que é filho de um jornalista importante de Serrinha?

Eu praticamente nasci [em 1945] dentro de uma tipografia, e de uma livraria. Meu pai tinha uma tipografia, uma livraria, e ao mesmo tempo editava um jornal, O Serrinhense. Fiz o ginásio, mas não tinha o curso científico [o equivalente ao atual ensino médio] em Serrinha. Pedi a meu pai para morar em Salvador e fazer o científico e um curso superior. Meu irmão se formou tenente da PM e tinha um apartamento no bairro de Roma, então fui morar com ele. Comecei o científico no Colégio da PM e concluí no Colégio João Florêncio Gomes. Mas não tinha base escolar para fazer um vestibular de Medicina ou de Engenharia. Então, fiz Jornalismo. Meu pai reagiu: "Rapaz você vai fazer jornalismo? Não tem futuro..." E eu: "Mas é o que tenho condições de enfrentar". Quando entrei na faculdade, em 68, foi aquele ano tumultuado no Brasil, com Costa e Silva, o A-15 [Ato Institucional número 5]. A faculdade era a de Filosofia, que tinha

vários cursos, na Universidade Federal da Bahia. Os professores disseram: "Você vai aprender um pouco de Sociologia, um pouco de técnica de jornalismo, um pouco de humanas, português, mas essa prática se quiser aprender, procure uma redação de um jornal, uma emissora de televisão, ou se você tem aptidão pra rádio, uma emissora de rádio". Em 68 teve poucas aulas, toda hora era uma greve. No segundo semestre procurei o Jornal da Bahia.

Aquele estereótipo de jornalista andar de sandália com bolsa a tiracolo, isso é mito? Ou tinha de andar de paletó e gravata?

Quando a Tribuna saiu, Quintino de Carvalho [editor-chefe] estabeleceu que todos os jornalistas da casa tinham que usar paletó e gravata. Só quem usava terno era o pessoal de política, que cobria a Assembleia. O resto à vontade. E tinha esse modelo [estilo] cangaceiro, com a bolsa de couro, muito prática, botava caneta, livro. Usei muitos anos. Mas Quintino disse: "Aqui vamos acabar com isso. É um jornal que vai ter uma mentalidade nova". A Tribuna além disso, do ponto

de vista técnico, trouxe muitas inovações, porque nós estávamos no ano de 69, o jornalismo era impresso a quente, a composição era em máquina de linotipo, chumbo, calandra...Você entrava na oficina, aquele cheiro de fumaça, era uma coisa terrível...Inclusive muitos tomavam leite para não se ter doenças e muitos ficaram doentes. Tribuna saiu em *offset*, tipo de impressão limpa, foi uma revolução na época. Aí, os outros veículos tiveram que correr para se modificarem e isso só foi acontecer na década de 70. A Tarde fez a mudança quando saiu daqui [Praça Castro Alves] e foi para a Avenida Tancredo Neves.

Fale daquele episódio do Quintino proibir jornalista receber presentes em uma entrevista.

Nessa época o governador era Luís Viana Filho. No final do ano, ele e os anteriores davam uma recepção para a imprensa, no Palácio da Aclamação. Eu nunca tinha entrado no palácio, era repórter de cidade, mas Quintino decidiu que eu faria a cobertura, e outros jornalistas iam participar. Quando cheguei lá, a mesa posta com tudo: presunto, peru, queijo. Pensei, meu Deus do céu, onde eu estou?! Os jornalistas comentando, comendo e bebendo. Teve a entrevista com o governador e quando chegamos na redação, algumas pessoas chegaram um pouco "baleadas". Quintino disse: "Quem tem alguma coisa aí no bolso uva, maçã, charuto, pode jogar no lixo!"

Quintino dizia: "Quem aceita um charuto, está abrindo porta para aceitar propina". Não era essa a filosofia dele?

Essa fase de encontro [de políticos] com a imprensa durou muitos anos. Mas, há algum tempo, acabou...

Você vivenciou essa mudança no jornal que foi paradigmática, um marco na imprensa baiana. A Tribuna pagava o paletó ou cada um tinha de comprar?

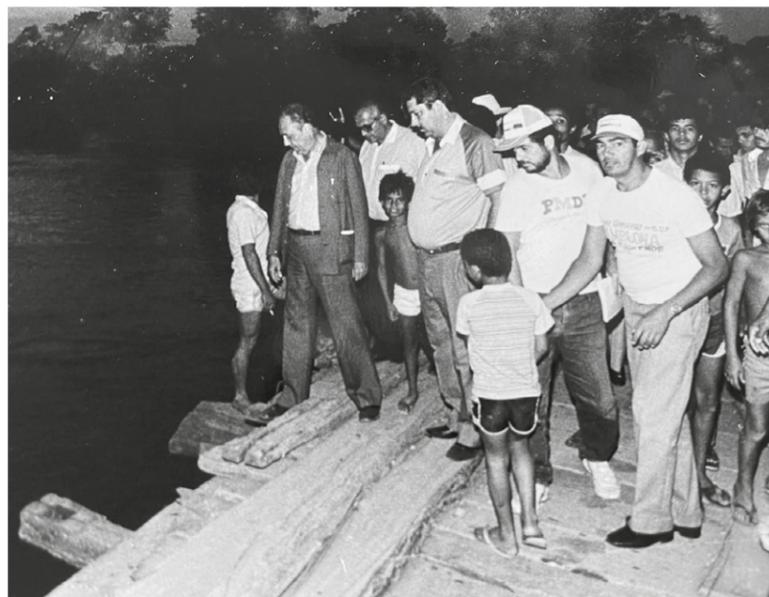
Tinha que comprar. E era uma coisa interessante porque você tinha poucos recursos. Passei um ano ou mais com um paletó. Mas eu vinha do interior e agora tinha a carteira assinada na Tribuna, um valor muito significativo para mim e para outros também. Naquela época o crédito no comércio não era como é hoje que você tem uma série de ofertas. Era muito limitado. Ter uma carteira assinada dava para chegar numa loja e comprar alguma coisa. Antes, passei uns quatro anos sem comprar nada, tudo que usava era meu pai que comprava. Quando comecei na Tribuna houve essa mudança, comecei a poder comprar alguma coisa e decidi mudar da pensão onde morava para um apartamento com três colegas. Também comprei uma cama e um rádio e eu ainda não tinha me formado. Um dia vi uma placa do lançamento de uns prédios. Resolvi comprar um apartamento. O cara me disse: "Vamos lançar uns apartamentos, se você quiser vou lhe dar essa papelada aqui e você enche

e arranja um avalista e tudo bem. E aí em 70 eu já tinha um apartamento, graças à carteira assinada. Dois anos depois, em 72, recebi as chaves, era o Edifício Beta, lá no Chame-Chame.

É uma postura mais profissional de uma empresa que teve impacto grande na comunicação toda.

Embora o dono não fosse da área jornalística, a Tribuna tinha característica de uma empresa jornalística, ela nasceu com esse espírito, como A Tarde. Não fiquei na Tribuna muito tempo porque o jornalismo tinha outras opções. Achou outra oportunidade, você saía para ganhar um pouco mais. Saí da Tribuna, fui fazer um trabalho de pesquisa com o professor Valentín Calderon na UFBA, departamento de Antropologia. Quando Roberto Santos foi nomeado governador, seu amigo Othon Jambeiro [professor da Faculdade de Jornalismo] me chamou um dia: "Não tenho condições de fazer assessoria para Roberto Santos, queria que você fosse". Eu: "Mas Othon sou muito jovem, será que tenho condições de enfrentar uma barra dessas?". "Você tem". E aí fui. A primeira vez que tive contato com os políticos. Conheci Jorge Hage, chamado para ser prefeito de Salvador, Luís Viana e tal. Quando Roberto assumiu, levou como secretário de imprensa Isidro Octávio do Amaral Duarte e eu o sub, fiquei lá um tempo. Depois, no Cacique, ponto de encontro dos jornalistas, encontrei com David Raw, Carlos Alberto e o irmão dele, Isaiás Raw, querendo fazer um upgrade no Diário de Notícias, que estava caindo das pernas. Foi uma aventura, mas insisti. Montei uma equipe moderna, uma reforma no Diário de Notícias. Mas o jornal, com pouco tempo, fechou. Nessa época Nelson Pereira dos Santos veio pra Bahia fazer o filme

▼ *Trabalhando na assessoria de imprensa na campanha de governador de Waldir Pires, em 1986.*



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO



FOTO: ASCOM ABI-BAHIA

Eu não era um jornalista daqueles que ficavam muitos anos num jornal. Achei uma oportunidade, mudava. Quando o Diário de Notícias fechou fui convidado para ir para o Jornal da Bahia com carteira assinada.

Tenda dos Milagres e usou o cenário do Diário e alguns jornalistas como personagens. Fui o "Peçanha", Navarrinho [Carlos Navarro] foi outro, [Raimundo] Machado outro e uma das cenas foi rodada na redação do jornal.

Como foram suas transições do Jornal da Bahia, Tribuna, Diário de Notícias.

Eu não era um jornalista daqueles que ficavam muitos anos num jornal. Achei uma oportunidade, mudava. Quando o Diário de Notícias fechou fui convidado para ir para o Jornal da Bahia com carteira assinada e tal. Essas mudanças eram muito rápidas nesse tempo. Hoje está muito complicado.

Chegou a trabalhar em alguma sucursal?

Não. Fui para a sucursal do Jornal do Brasil quando era estudante, em 1970, mas fiquei lá como estagiário porque a equipe era Vitor Hugo, Paolo Marconi, Isidro

Duarte, Pancho Gomes, então, tinha quatro repórteres e o chefe era Florisvaldo Mattos. Fiquei quase um ano como *freelancer* do Jornal do Brasil, mas não fui contratado.

Você veio da escolinha de Quintino e fez a escolinha Tasso Franco, acha que ainda existe espaço para fazer escolinhas nas redações?

Espaço existe, mas as coisas se modificaram muito. Hoje você tem uma predominância de jornalismo on line. Uma coisa que não modifica é a notícia, a apuração e a divulgação. Você tem que saber escrever, ter responsabilidade com a notícia e a difusão tem que ser uma coisa cuidadosa. Então uma escolinha para ensinar isso não altera o conceito geral. Hoje as coisas se modificaram porque todo mundo acha que pode ser jornalista, bota um site, um blog e começa a escrever, e é essa barafunda que você está vendo aí. Se você colocasse uma escola para ensinar a ética, os princípios do jornalismo, a técnica jornalística, cuidado com a notícia, a apuração da notícia. Isso não perde. Talvez você mesma [Jacira Santos] que foi minha repórter e [José] Barreto que também trabalhou comigo, achassem que eu era meio exigente. Não era rigoroso, é que o jornalismo tem que ser assim, não pode ser uma coisa frouxa. Ninguém falava na década de 80 em *fake news*. Antigamente as pessoas tinham mais cuidado no apurar notícia, no divulgar notícia. Uma matéria da Tribuna, A Tarde e Jornal da Bahia, tinha repercussão na sociedade, tinha resposta, tinha debate. Hoje fica uma coisa, assim, jogada.

Naquela época os releases da prefeitura e tal, iam para o lixo, talvez servisse para uma pauta. Hoje, no jornal, são usados na íntegra.

Uma coisa importante na década de 80 para o mercado baiano foi o marketing [político]. Com a abertura, Waldir Pires voltou do exílio e, depois de ser ministro da Previdência no governo de José Sarney, resolveu disputar o governo da Bahia. Cláudio Barreto, da [agência] D&E, me chamou para participar da campanha. Fizemos, pela primeira vez, um conselho de jornalistas para analisar uma campanha política.

Quem era desse conselho?

Eu, Navarrinho, Florisvaldo Mattos, Joca [João Carlos Teixeira Gomes], Antônio Jorge Moura, Wilter Santiago. Eram discutidas as pautas de Waldir e o que ele falava no programa de televisão. O jornalismo dava o subsídio para o marketing, o arcabouço, dava o conteúdo. Na Bahia, nós tivemos jornalistas que se dedicam até hoje ao marketing, como Joel Santana, Marcelo Simões, Alexandre Augusto, Pascoal, essa turma toda saiu do jornalismo. E isso foi importante porque deu para nós um upgrade financeiro. A turma da publicidade sempre ganha muito mais do que a turma do jornalismo, mas sem jornalismo não existe marketing político. Se fizer sem o jornalismo fica inconsistente.

O Fernando Barros, com a Propeg também se apropriou disso.

Na época o Barros, da Propeg, também entrou para fazer a campanha de Josaphat Marinho. Depois da eleição de 86 fui para a Inglaterra, em 87, e fiquei nove meses lá.

Na sua volta, a implantação do Bahia Hoje, até me corrija, foi a primeira redação 100% digital do país?

Jornal completo foi o primeiro do Brasil. Porque a Folha de São Paulo já tinha, O Globo já tinha, mas em determinados setores, em determinadas editorias. Porque o Bahia Hoje era um jornal pequeno com 16, 20 e poucas páginas. Integral acho que foi o primeiro. Eu falava: isso aqui não tem retorno. Ninguém mais vai voltar para a máquina de escrever. Passamos 30, 40 anos batendo máquina e a mudança para computador foi rápida.

O impacto nos leitores?

Acho que o público recebeu muito bem. Foi um impacto inicial de vendas muito forte. O problema é que Pedro Irujo [dono do Bahia Hoje] não era do mercado. O negócio dele eram empresas de transporte, onde ganhava dinheiro, e depois na hotelaria. Então o jornal não teve a continuidade que se esperava. Mas as agências de publicidade não sabiam trabalhar ainda direito com as cores. Então foi um impacto geral. Tudo foi uma mudança que aconteceu muito forte nessa parte do mercado.

O Bahia Hoje precisava de alguns anos para maturação?

De fato. Chamava ele [Irujo] e dizia que a gente precisava fazer uma interação, rádio, jornal, televisão para sobreviver. E ele não dava a menor atenção. Tinha feito o jornal, no meu ponto de vista, para ser uma peça política e pensou que assim podia se sustentar. Quando começou a ter que tirar do bolso para sustentar o jornal, começou a afundar, entendeu.

Para onde você foi depois que saiu do Bahia Hoje?

Em 93 fui para a campanha de Paulo Souto. Eleito, trabalhei na direção da Empresa Gráfica da Bahia. Em 96 surgiu a candidatura do Antonio Imbassahy para prefeito de Salvador. Entrei na campanha e eleito, ele me convidou para ser o secretário de Comunicação. Levei Barreto para subsecretário e ficamos lá oito anos, entre 97 e 2004. Quando saí fui morar em Barcelona. Voltei e decidi botar o [site] Bahia Já. Samuel Celestino tinha lançado um pouco antes o dele. Aí todo mundo foi entrando. E é esse mercado que estamos vendo aí. Completamente descontrolado porque estima-se hoje que existem mais de mil sites e blogs na Bahia.

Você não acha que a desobrigação de ter formação específica para jornalismo piorou esse quadro?

Do ponto de vista da democratização da comunicação

é excelente. Mas, ao mesmo tempo, tem um sistema aí de compadrio, imagine você um site de uma pequena cidade do interior que se sustenta com apoio da prefeitura e da câmara, tem que fazer concessões.

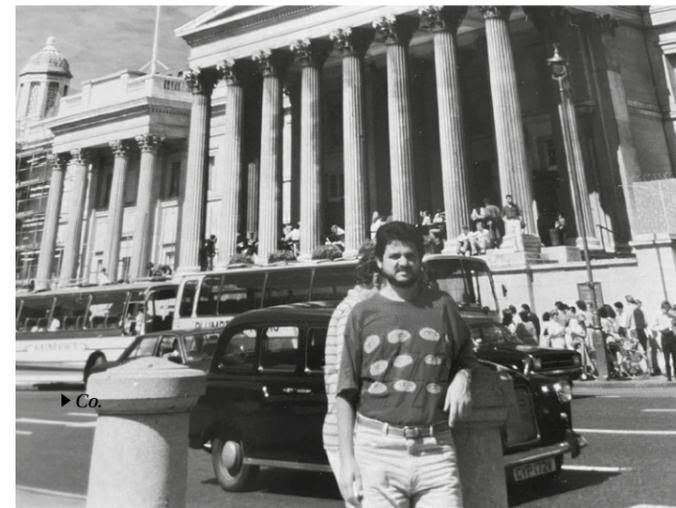
No seu livro "A Cadeira e o Algoritmo - Onde vamos parar?", você usa a imagem da mesa entre o computador e a cadeira, como se a produção jornalística se desse nesse lugar, um jornalismo sem reportagem. Eu vou lhe devolvendo a pergunta, onde nós vamos parar?

Por exemplo, os debates na Assembleia Legislativa, uma boa parte fica fora da realidade do estado e a Câmara é a mesma coisa. Ficam discutindo uma série de temas até de dimensão federal sem ter um olhar para a cidade, o estado. A cidade de Salvador tem tantas coisas aqui, ninguém fala nada. Coisas simples que fazem parte da cidade. E aí as pessoas ficam discutindo gênero, raça, racismo, governo federal, temas nacionais. Quando podia discutir um pouco mais a



FOTO: ASCOM ABI - BAHIA

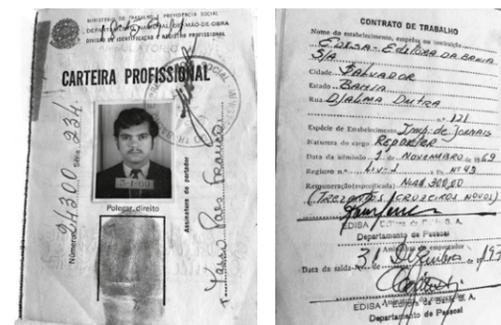
Chamava ele [Irujo] e dizia que a gente precisava fazer uma interação, rádio, jornal, televisão para sobreviver. E ele não dava a menor atenção.



◀ Em Londres, 1987, na Tate Gallery, escrevendo matérias de Cultura para o A Tarde.



◀ Entregando para o abade de São Bento, Dom Emanuel d'Able do Amaral, cópia da certidão de batismo de Catarina Paraguaçu, personagem do seu livro: "Catarina Paraguaçu, a Mãe do Brasil".



▶ Carteira de Trabalho do primeiro emprego na Tribuna da Bahia, assinada em 1º de novembro de 1969.

▶ Os livros de Tasso, que têm como inspiração as histórias de Serrinha e de Salvador.



FOTOS: ACERVO PESSOAL / DIVULGAÇÃO

cidade. A Praça da Sé cheia de problemas. Os alicerces da igreja inicial não têm uma placa. O Colégio Jesuíta não tem uma placa. Então essas coisas que parecem que não são relevantes.

Mas vamos falar de sua produção de livros.

Teria vontade de largar o jornalismo para me dedicar à literatura, mas não tenho a condição financeira. Ou seja, eu não tenho talento literário pra dizer assim, "olha, agora eu vou parar o jornalismo e vou cuidar só da literatura". Quem é que fez aqui na Bahia? Só João Ubaldo saiu do jornalismo e foi para a literatura. Mesmo assim ficou no columnismo. Não largou de todo o jornalismo. A literatura é uma atividade difícil. Pra fazer, divulgar, ter receptividade. Você conseguir emplacar um livro nacionalmente é muito difícil. Minha literatura foi sempre muito mais regionalizada. Muita coisa sobre Serrinha, que é minha fonte

de inspiração. Estou fazendo agora um livro sobre a Avenida Sete, um livro trabalhoso, coisa de quase um ano, difícil de fazer porque tem muitas entrevistas, muitas andadas. Eu ando aqui na Avenida Sete, não sei quantas vezes por semana. Eu pretendo fazer 40 capítulos, não é fácil. Aí depois que você fizer isso tudo, conseguir passar essa informação para o público, agradar o público, é complicado.

Se o Sr. Bráulio (pai) tivesse outra condição financeira, você teria escolhido outra coisa que não fosse jornalismo?

É provável. E vários colegas nossos. Fizeram jornalismo e depois fizeram Direito e não voltaram mais. E como falei no início, tinha muitos estudantes de Direito na redação. A maioria abandonou o Jornalismo e foi ser juiz, desembargador. Hoje é muito difícil julgar. Mas eu não sei o que faria. ■

Romaria

noturna

Fotos **Valter Lessa**
Recorte da poesia escrita
por **Jehová de Carvalho**,
no Bar de Cearense,
em 1955

Este primeiro ensaio fotográfico da revista é mais um movimento do Projeto Memória da Imprensa para reconhecer e reverenciar o lugar da fotografia e dos repórteres fotográficos no desenvolvimento da imprensa baiana.

Na estreia, o decano Valter Lessa, cearense de Itapipoca, renascido na velha Cidade da Bahia muito antes de a Câmara Municipal lhe fazer justiça com um título de Cidadão Soteropolitano.

Lessa nos presenteia com fotos inéditas de *Salvador à noite*, livro pronto e ainda não publicado. A cidade que encantou o cearense mais de 60 anos atrás já não existe, mas, entre o fotógrafo e as cores da cidade, o amor é eterno como a poesia.

Jehová de Carvalho foi contemporâneo de Valter Lessa e parceiro em muitas incursões noturnas, quando o poder político, a força da grana e a sedução da boemia habitavam os mesmos imóveis do nosso Centro Histórico de hoje.

Os versos de *Romaria noturna* trazem as cores de uma Salvador que inspirou boêmios, jornalistas e artistas de todas as línguas possíveis. Uma cidade mágica, que merece ser revisitada em suas paisagens e personagens, como os dois amigos.

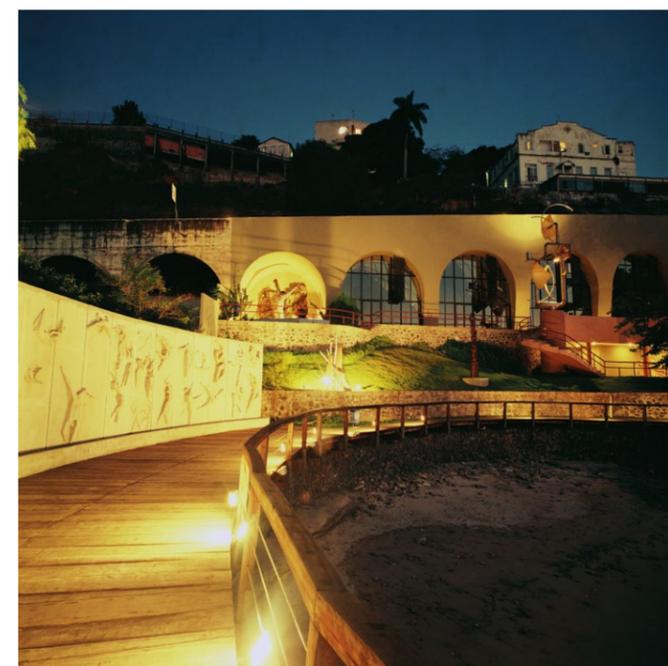
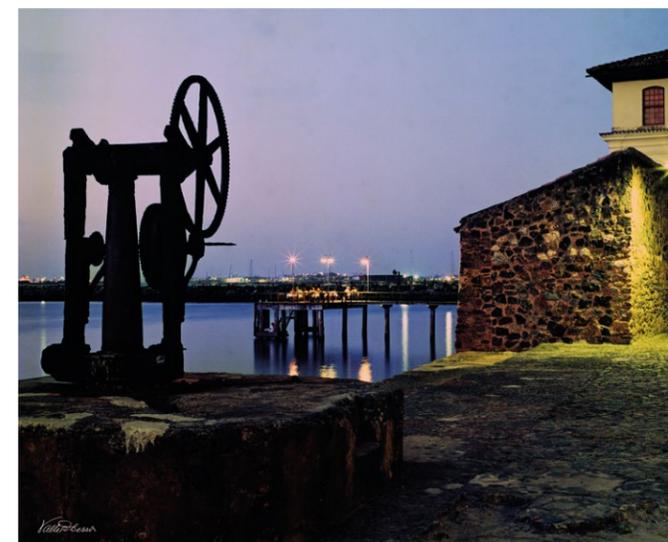
A cidade que não dorme, de Jehová, merece ser lido por quem só soube do Tabaris e do Rumba Dancing pelos relatos dos decaños da boemia.

Salvador à noite, o ainda inédito de Valter Lessa precisa ser editado. O ensaio não deixa dúvidas: nós, soteropolitanos nascidos aqui ou em qualquer parte do mundo, merecemos esse presente.



*A noite ventre de aurora
eterno imenso fecundo
toca os seus cabelos negros
no corpo exausto do mundo.*

*Me larga sono me deixa
que este murmúrio e este açoite
levam a noite de minh'alma
à alma negra da noite.*



flutua rua

*Escuto meu passo de ontem
que me apavora e me assombra
errando como um duende
perdido dentro da sombra.*

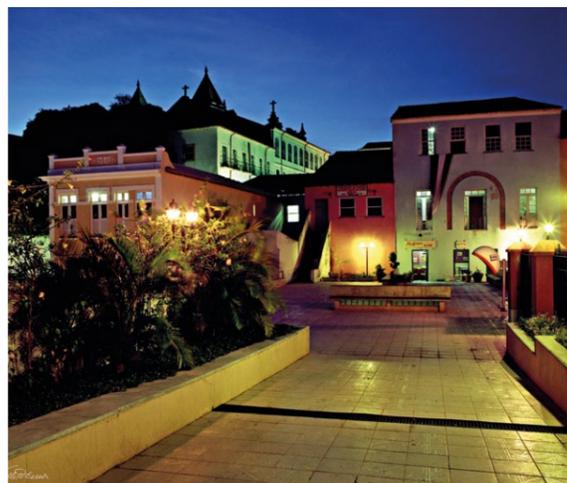
*Há um gemido incoerente
que sobre o asfalto flutua
antigas dores do tempo
n'alma de pedra da rua.*

destinos portos

*Na praça de uma cachoeira
do espo de João Saul
há balanços de saviros
e sopros de vento sul.*

*Na rua dos desalentos
angústias de leijos mortos
e apitos de carqueiros
sem destinos e sem portos.*

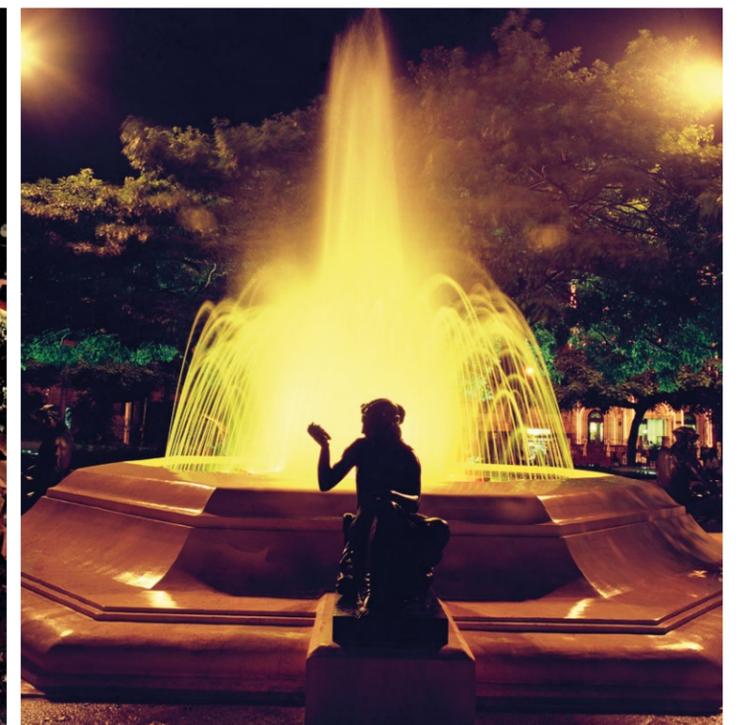




*Marcam meus dedos noturnos
pesadelos maternos
seivas de estrelas pingando
de peitos universais*

*Ó noite! Ventre de aurora.
Eterno, Imenso, fecundo.
Toca os teus cabelos negros
No corpo exaustão do mundo.*

fecundo mundo





Aguirre Talento
Jornalista formado pela Facom-UFBA. Colunista do UOL, passou pelas redações dos jornais Folha de S. Paulo, O Globo, A Tarde e das revistas Época e IstoÉ. É coautor (com Bela Megale) do livro "O Fim da Lava-Jato: Como a atuação de Bolsonaro, Lula e Moro enterrou a maior e mais controversa investigação do Brasil".

Desmistifique-se a lenda

No clássico *western* dirigido por John Ford "O Homem que Matou o Facinora", um repórter descobre a verdade sobre o autor de um famoso assassinato e se vê diante de um dilema: manter a versão fantasiosa, muito mais atrativa para o leitor, ou revelar a história verdadeira. O personagem Maxwell Scott cunhou uma frase para justificar sua opção pela fantasia: "Quando a lenda se transforma em um fato, publique-se a lenda".

Essa questão, retratada em 1962, tem se tornado cada vez mais atual para o jornalismo depois que as redes sociais se consolidaram como um terreno fértil para a disseminação de informações falsas.

De um lado, os veículos de imprensa perderam a primazia na divulgação de informações. Políticos, por exemplo, podem falar diretamente com seus eleitores sem passar pelo filtro do jornalismo. Ao longo dos últimos anos, uma teia alternativa de disseminação de informações foi se formando com o uso das redes sociais. Isso, a princípio, poderia significar uma maior democratização da circulação de conteúdo. Mas, na prática, formaram-se verdadeiras milícias digitais usadas no Brasil para ataques à democracia.

As investigações conduzidas pela Polícia Federal, sob supervisão do Supremo Tribunal Federal, têm apontado como a divulgação de informações falsas a respeito do processo eleitoral brasileiro e das urnas eletrônicas durante diversos anos foram minando a credibilidade dessas instituições para criar um ambiente propício a iniciativas golpistas.

Mas a disseminação de notícias falsas tem sido um fenômeno mundial, intensificado nas campanhas eleitorais dos últimos anos.

No último mês de agosto, por exemplo, Donald Trump, publicou imagens falsas da estrela *pop* Taylor Swift e de fãs dela dando apoio à sua candidatura à Presidência dos Estados Unidos. As imagens haviam sido geradas por inteligência artificial, usando o rosto da cantora em uma montagem e mostrando seus fãs usando camisetas em defesa de Trump, quando na verdade eram manifestações de apoio à candidata democrata Kamala Harris. Coube, então, ao jornalismo apurar e mostrar que as publicações não corresponderam à realidade.

Informações falsas também foram usadas em abundância nas últimas campanhas eleitorais brasileiras, exigindo uma resposta rápida tanto da Justiça Eleitoral como dos veículos de comunicação, que criaram agências de checagem nos últimos anos justamente para combater as *fake news* e informar corretamente seus leitores.

Um dos exemplos, em 2018, foi uma imagem da então candidata à vice-presidência da República, Manuela d'Ávila, usando uma camiseta com a frase "Jesus é travesti". Ela própria disse que se tratava de uma montagem, também desmentida pelos sites jornalísticos.

Mas a circulação de uma informação falsa como essa nas redes sociais pode atingir uma grande quantidade de leitores, e não é possível ter certeza de que desmentir a notícia falsa vai chegar ao mesmo público.

Todo esse cenário de desinformação tornou ainda mais importante e desafiador o papel do jornalismo na publicação de notícias bem fundamentadas.

Não vamos lidar apenas com diálogos forçados ou teorias da conspiração sem nenhuma fonte confiável. Com o avanço da inteligência artificial e a criação de conteúdos em áudio e vídeo simulando fatos reais, a tentativa de transformar a fantasia em realidade ganha cada vez mais corpo.

Somente a atividade jornalística executada de acordo com seus princípios basilares de apuração e checagem vai ser capaz de entregar ao seu leitor fatos reais, sem viés ideológico nem invenções absurdas. Esse talvez seja o momento mais relevante na história para nosso ofício, em que o jornalismo se torna o único repositório de informação confiável para uma sociedade abastecida com conteúdo o tempo todo.

Maxwell Scott, ao defender a publicação da lenda em vez da realidade no filme citado no início do texto, disse que era assim que o jornalismo funcionava no Velho Oeste. O reino fantasioso das redes sociais do século XXI aparenta funcionar da mesma forma como John Ford retratara em 1962.

As lendas não têm mais lugar no jornalismo. Os fatos são os fatos, e devemos nos guiar sempre e apenas por eles em nosso ofício diário. Quando a lenda se tornar um fato, desmistifique-se a lenda. ■

AMPLIE SEU OLHAR PARA TRANSFORMAR O MUNDO



SEJA UM DOADOR.
ACESSE O SITE:



INSTITUTODECEGOSDABAHIA.
ORG.BR/DOEAGORA

INSTITUTO
DE CEGOS
DA BAHIA



André Curvello

Formado em Comunicação Social pela UFBA, foi repórter no Correio da Bahia, redator do Sistema Globo de Rádio e coordenou várias campanhas políticas. Atualmente é o secretário de Comunicação do Governo da Bahia.

Notícias falsas, uma ameaça crescente à democracia

No Brasil, a ausência de uma legislação específica para regular esse fenômeno tem contribuído para a proliferação de conteúdos falsos e a manipulação da opinião pública. Neste cenário preocupante, a comunicação estatal pode surgir como um aliado no combate à desinformação, apesar de enfrentar desafios significativos.

O Conselho Nacional de Secretarias de Comunicação e a Associação Brasileira de Comunicação Pública têm enfatizado a importância de fortalecer a comunicação pública para disseminar informações precisas. Contudo, a capacidade do setor público em responder a esse desafio ainda é limitada.

A falta de um marco legal que regule e estabeleça normas claras para a produção e disseminação de informações nas plataformas digitais é um dos principais obstáculos.

Por outro lado, a escassez de critérios para a criação de veículos de comunicação e a não obrigatoriedade de diploma específico para jornalistas abrem caminho para que informações falsas ou mal apuradas se espalhem, causando inúmeros prejuízos a indivíduos e instituições.

O Supremo Tribunal Federal (STF) tem desempenhado um papel importante ao procurar equilibrar a liberdade de expressão com a responsabilização tanto dos disseminadores de notícias falsas quanto daqueles que lhes dão espaço, mas ainda há um debate inconcluso sobre essa questão.

Para enfrentar esse desafio, é essencial que o Brasil adote um marco legal que defina regras claras para a produção e disseminação de informações. Esse marco deve garantir a liberdade de expressão, mas também impor limites à disseminação de informações falsas e proteger a reputação de indivíduos e instituições.

As consequências dos abusos e excessos na comunicação são diversas e graves, muitas vezes incitando o ódio, prejudicando a saúde pública e minando a confiança nas instituições.

O papel das redes sociais na disseminação de *fake news* é significativo. Algoritmos que priorizam o engajamento e a viralização, junto à facilidade de criar perfis falsos, criam um ambiente favorável à propagação de mentiras danosas à sociedade.

Enquanto isso, a mídia tradicional enfrenta uma crise de credibilidade, criando um campo livre para os aproveitadores.

Combater a desinformação requer uma resposta coordenada de diversos atores sociais. Medidas como educação midiática, desenvolvimento de ferramentas de verificação de fatos e fortalecimento

do jornalismo de qualidade são fundamentais.

As consequências dos abusos e excessos na comunicação são diversas e graves, muitas vezes incitando o ódio, prejudicando a saúde pública e minando a confiança nas instituições. Para combater essa ameaça, a sociedade civil, o setor público e o Congresso Nacional fariam um bem inestimável se trabalhassem em conjunto para conter práticas inescrupulosas que provoquem fissuras na democracia brasileira. ■

ABI
94
anos

Edifício Ranulfo Oliveira

Ícone da arquitetura modernista no predominantemente barroco Centro Histórico de Salvador, o Edifício Ranulfo Oliveira, sede da Associação Bahiana de Imprensa, foi construído graças à obstinação do então presidente da ABI que deu nome à edificação e ao engajamento de toda a sociedade baiana.

A ABI investiu quase R\$ 1 milhão para modernizar as instalações elétricas e hidráulicas e para instalar sistemas de combate a incêndio e de proteção contra descargas atmosféricas. A segurança em primeiro lugar!

Até o centenário da ABI, em 2030, a modernização chegará às fachadas, incorporando tecnologias sustentáveis para recompô-las. O Ranulfo Oliveira vai chegar aos 70 com um corpinho de 30.





Leonardo Nascimento
Psicólogo, doutor em sociologia, cientista de dados e coordenador do Laboratório de Humanidades Digitais da Universidade Federal da Bahia.

Internet: liberdade e extremismos

No começo de 2014, eu havia recém defendido minha tese de dissertação e tinha conseguido uma vaga como bolsista de pós-doutorado na Universidade Federal da Bahia. Um dia, no intervalo entre as aulas que eu ministrava sobre Sociologia Digital, encontrei um antigo e muito querido professor de química. Além de ser um excelente professor, ele era assíduo militante político e participou, indiretamente, da minha formação crítica sobre o cenário político brasileiro na década de 90. Conversamos um pouco sobre o passado e aproveitei para revelar a ele a minha preocupação do quanto a política havia mudado por conta das tecnologias digitais. Eu estava ainda no “modo professoral” de sala de aula e afirmei categoricamente que o *Whatsapp*, o *Twitter* e o *Youtube* estavam (naquele momento) sendo forças importantes de diversas dinâmicas sociais. Ele me olhou incrédulo, limpou os óculos multifocais e me disse que “o povo não estava nas redes sociais”. E completou que “seria muito difícil substituir o corpo a corpo da política” pelo que acontecia nas redes sociais.

Eu não queria, naquele momento, afrontar um velho professor que havia anos que eu não encontrava e terminei a conversa concordando com ele. Nós nos despedimos e eu voltei desapontado para minha aula. Decidi lembrar essa história, não para expor um querido e amigo professor (cuja identidade omiti cirurgicamente), mas para lembrar que, poucos anos depois, todos sabemos o que aconteceu no cenário político brasileiro. Progressivamente e irreversivelmente, as plataformas digitais se tornaram uma peça fundamental das engrenagens político-partidárias, especialmente nos períodos eleitorais. No momento em que eu escrevo este texto, um pequenino e sem expressão candidato a prefeito de uma das maiores cidades do mundo, São Paulo, está em vias de ser eleito. Tudo isto gra-

ças, em certa medida, às dinâmicas das plataformas digitais. Qual foi a saída encontrada pelas autoridades para frear a situação? “Puxar a tomada” das redes sociais do candidato com o objetivo de impedir que o “jogo sujo” das dinâmicas algorítmicas interferisse — mais uma vez — no andamento da saúde das democracias.

Quando nos debruçamos sobre as postagens multiplataforma que este candidato está disseminando, uma conhecida fórmula reaparece: informações incompletas ou distorcidas além de mentiras mais ou menos óbvias surgem entremescladas com muito humor, promessas de ganhos financeiros para aqueles que “organicamente” ajudem a “viralizar” as mensagens. Por último, nós temos,

mais uma vez, a famigerada “luta pela liberdade” contra a tirania dos poderes estabelecidos. De acordo com a antropóloga Leticia Cesarino, estamos diante de uma “gramática política muito elementar”. Qual o plano de fundo ou contexto ampliado onde tudo isto ganha sentido? Uma profunda e generalizada crise de confiança em todas as instituições sociais que até então garantiram a estabilidade do pensamento. Não é o meu objetivo fazer uma análise pormenorizada deste caso, eu gostaria apenas de esboçar alguns aspectos do que pode ser feito

para ampliarmos a compreensão social não apenas este caso em específico — cujo desfecho ainda aguardamos — mas, especialmente, para os muitos outros e talvez ainda piores que estão por vir.

No começo de seu livro *Futuro Passado*, o historiador Reinhart Koselleck evoca “o diferente ritmo dos processos de modernização”. Ele descreve as fileiras de casas antigas alternadas com os edifícios mais recentes e a superposição e assimilação dos diferentes meios de transporte. Sua ideia é mostrar como passado, presente e futuro não são momentos estanques, apartados. Na verdade, o que temos são “instâncias” justapostas, é possível ver, mesmo com

dificuldades, a criança no homem velho, o homem velho sendo gestado ainda no adolescente e ainda esperando para se tornar um adulto. Nas palavras dele, nós temos uma “justaposição de diferentes espaços da experiência e o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro, ao lado de conflitos ainda em germe”. Na mesma toada, o sociólogo Norbert Elias, ao descrever as transformações nos transportes a partir do século XIX como uma etapa dos processos de civilização, nos diz que “um surto de tecnização vem geralmente acompanhado de um surto de civilização”. Entretanto, alerta Elias, “frequentemente um estágio de tecnização recém-alcançado conjuga-se a um contra-surto, em direção à descivilização”.

Tais ideias nos sugerem algumas reflexões. O profundo entusiasmo da internet e das redes sociais - e, mais recentemente, da inteligência artificial - vem alterando os planos de integração da cadeia de interdependência dos indivíduos em todo o mundo. A progressiva superação de barreiras linguísticas e de acesso à internet sugere aquela sensação que tivemos nos anos 90 e seguintes de uma “interconexão global”. Entretanto, após uma pandemia marcada pela hiperconectividade e marcada pelo medo e desconfiança com a ciência, nos vemos diante de uma crise econômica alternada com episódios cada vez mais frequentes de catástrofes ambientais. Além disso, a maior possibilidade de trocas e contatos digitais parece exacerbar a percepção das diferenças entre os grupos culturais. O medo do outro, daqueles culturalmente diversos ou diferentes, tem se tornado cada vez mais presente, ainda mais quando esse outro expressa alguma pretensão em defesa dos seus direitos a uma existência minimamente digna.

Como reação, grupos extremistas têm se organizado em todas as democracias mundiais. Seus protestos, em grande parte violentos, ampliam ainda mais a complexidade histórica e as tensões de nossa época. Entre as pautas que eles defendem, nós temos um conhecido cardápio: a defesa das crianças, das mulheres, da família, da nação e contra o desemprego, causado pelos imi-

grantes. Tais grupos organizados manifestam o desejo de lutar por um mundo livre das supostas aberrações ao mesmo tempo políticas, econômicas, sexuais e étnicas que os atormentam. Um cenário de amigos e inimigos, de luta entre os “iguais” contra a “diferença”, tudo isso orquestrado segundo uma velocidade exacerbada pelas mudanças tecnológicas. Um mundo de ansiedades, medos e mudanças imprevisíveis. Guardadas as devidas proporções, tal sensação não é algo novo na história do mundo “ocidental”.

A historiografia descreve a transição do século XIX para o XX como um momento de grande euforia em toda a Europa. Poucas décadas depois, sabemos que esta emoção cedeu espaço aos horrores da guerra e do Holocausto. O historiador Peter Gay nos fala de uma “época de esperança sem precedentes e de ansiedades desconhecidas”. Uma definição que poderia, sem sombra de dúvida, ser aplicada aos nossos tempos. Também no momento em que escrevo este texto, diversas guerras estão em curso e eleições importantes estão prestes a acontecer. Mesmo com os perigos do anacronismo, não posso me furtar ao raciocínio comparativo entre estas épocas e o enclave histórico da destruição em massa. O que pode ser feito para que a compreensão social de toda uma geração evite que desdobramentos terríveis retornem? A minha opinião é a conhecida saída pela coletividade mediante a ampliação dos laços sociais e comunitários que nos sustentam. No meu caso específico, dentre as muitas instituições sociais, eu preciso mencionar a escola e, em especial, as universidades.

As universidades são marcadas por crises contínuas e por momentos de renovação. Pesquisadores foram capazes de

dar respostas de excelência em momentos difíceis e de muitas dúvidas e conseguiram, com isso, evitar tragédias maiores. Isso aconteceu nas grandes guerras e, mais recentemente, com o enfrentamento à COVID-19. Acontece que toda essa crise que descrevi está afetando as universidades. Docentes, técnicos, estudantes e servidores terceirizados enfrentam uma luta diária contra os episódios de doença mental, a falta de recursos e, pior ainda, o assédio moral e institucional. Os quadros técnico-institucionais que deveriam ser capazes de analisar e mitigar muitos dos problemas que enfrentamos se encontram completamente desguarnecidos. Não podemos considerar tal problema como sendo parcial ou particular a uma determinada “categoria”. Trata-se de mais um perigo para toda a sociedade. A capacidade ao mesmo tempo crítica e tecnológica de uma sociedade está sediada em grande medida nas universidades. Indivíduos massificados são seduzidos pela barbárie e se tornam incapazes de refletir sobre suas necessidades, e este é um solo fértil para a emergência de tendências destrutivas como temos visto cotidianamente. É missão da universidade formar pessoas, cidadãos e seres humanos contra a barbárie ou apesar dela.

As plataformas digitais e os intrincados processos de ataque contínuo à integridade da informação só poderão ser compreendidos e efetivamente combatidos com uma ciência fortalecida, e, por isso, precisamos das universidades. Isso implica não apenas recursos financeiros — óbvio que isso é importante —, mas sobretudo respeito ao espírito crítico. O dissenso, a divergência e a dúvida aliados à transparência das ideias, dos argumentos e dos debates são elementos fundamentais para

vencermos muitos dos medos e ansiedades descritos acima. É típico do pensamento autoritário querer abolir a complexidade dos valores, das pessoas e das situações. Se isso está acontecendo lá fora, não podemos permitir que as universidades reproduzam este modelo. ■

A progressiva superação de barreiras linguísticas e de acesso à internet sugerem aquela sensação que tivemos nos anos 90 e seguintes de uma “interconexão global”.

As universidades são marcadas por crises contínuas e por momentos de renovação. Pesquisadores foram capazes de dar respostas de excelência em momentos difíceis e de muitas dúvidas e conseguiram, com isso, evitar tragédias maiores.

O cotidiano de Vitória da Conquista nas páginas dos jornais

Fábio Sena

Historiador, mestre em Museologia/Patrimônio pela UFBA, graduando em Jornalismo pela UESB. Atualmente, coordena o Arquivo Público de Vitória da Conquista.

Isabela Sena

Estudante de Jornalismo da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Acertou o filósofo franco-argelino Albert Camus ao argumentar que o jornalista é o historiador do instante, o escritor da história imediata, o narrador do acontecimento diário. Nas páginas dos jornais, a vida das sociedades se manifesta e se evidencia em suas múltiplas dimensões, com todos os discursos e silêncios, todas as narrativas, esbulhos, artimanhas e armadilhas, e todos os interesses em jogo: econômico, sociais, políticos, filosóficos, religiosos.

Verba volant, scripta manent. Palavras voam, a escrita permanece.

Os veículos de comunicação impressa têm seu lugar na história da humanidade. Nos jornais, estão impressas e entrelaçadas nossas memórias ancestrais e contemporâneas, articulando um conjunto heterogêneo de informações, emprestando sentidos a episódios e fatos, conectando temas aparentemente desconectados como poder, força, violências, disputas, amores, doenças, tragédias, encontros e desencontros.

O jornalismo regional — aquele exercido nos rincões do mundo e dos Brasis — deve, como qualquer outro das capitais e das metrópoles, integrar a política de conservação por se constituírem também, seus

exemplares impressos, em patrimônio cultural merecedor de toda proteção do Estado e da sociedade. Afinal, é esse jornalismo que cria e reforça identidades, que assegura a manifestação de pensamento e de composição de uma história política local.

Sem negar, por óbvio, a força do poder econômico por trás desses veículos e saber das intencionalidades postas em cada linha e parágrafo a serviço de grupos políticos e familiares dos poderosos que se altermaram no poder, nem por isso se pode desprezar o quanto essas mesmas páginas podem oferecer de informações sobre as contradições das elites, sobre as lutas populares, sobre desigualdades sociais e, principalmente, sobre a ética reinante em cada época.

Cravada no centro-sul baiano e terceira maior população do Estado, Vitória da Conquista é uma cidade privilegiada quando o assunto é jornalismo impresso. Nessas plagas, triunfaram diversos periódicos desde o início do Século XX — alguns longevos, como O Combate e o Tribuna do Café, outros de vida breve, mas todos indiscutivelmente importantes para melhor compreendermos o que pensaram, o que construíram e o que destruíram nossos ancestrais.

Como na maior parte do Brasil, em Vitória da Con-

quista, grupos políticos se uniam para viabilizar-se economicamente e fundavam jornais que serviam de porta-vozes de seus interesses, arguindo em suas páginas ideias contra seus opositores, que — organizados em torno de outro periódico — vociferavam contra seus desafetos, às vezes com ofensas morais graves, xingamentos e denúncias. Mas não é disso que trataremos.

O objetivo é demonstrar que este jornalismo do interior, exercido muitas vezes a duras penas, documentou e trouxe a lume fatos sociais que, uma vez inventariados, podem explicar questões centrais relativas ao desenvolvimento urbano, político, econômico e social de um determinado local. No caso concreto, não resta dúvida quanto ao volumoso acervo de informações contidas nas milhares de páginas produzidas há mais de um século em Conquista.

Parte considerável desse acervo hemerográfico está abrigado no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, órgão criado em 1978 que guarda milhares de documentos públicos, como plantas arquitetônicas a partir da década de 1930, atas da Câmara, projetos de lei, leis, portarias, decretos, cartas, ofícios, contratos administrativos, multas de trânsito, atestados de óbitos, processos administrativos, entre outros.

Nas estantes e armários do Arquivo Público estão acomodados exemplares de centenas de jornais como A Conquista, A Notícia, A Vanguarda, O Combate, O Sertanejo, Jornal de Conquista, O Conquistense, Tribuna do Café, Tribuna do Sertão, Folha do Sudoeste, Folha de Conquista, Diário do Sudoeste, Impacto, Hoje, Fantástico, O Município, O Fifó, Dimensão, Tribuna da Conquista, Folha Popular, entre outros.

Aníbal, o narrador

Para falar da imprensa em Vitória da Conquista e região, antes é preciso reverenciar, com todo o respeito, Aníbal Lopes Viana, jornalista, memorialista, editor do Jornal de Conquista e autor de uma das mais importantes obras sobre a história local: a Revista Histórica de Conquista, cujos

dois volumes são resultado de um monumental esforço pessoal para compilar eventos fundamentais à história da sociedade conquistense.

Em suas quase 700 páginas, a Revista Histórica narra os primórdios do território denominado Sertão da Ressaca, desde os povos originários, Botocudos e Mongoiós, aos bandeirantes e novos ocupantes da terra, à criação do Arraial da Vitória, elevada a Vila, depois cidade. A história social, enfim, contada em todas as suas graças e desmazelos, suor e sangue, grandezas e mesquinhas, típicas de qualquer outro lugar.

“Fonte inesgotável de saber e erudição,” — escreveria outro grande memorialista, o imortal José Mozart Tanajura — “será raro, entre os pesquisadores da história local, aquele que não dependeu deste documento tão essencial para alcançar aquela informação, aquela data, aquele nome, aquela notícia”. Aníbal é formidavelmente minucioso, detalhista, rico. Entrega o que pode. Sabe da importância daquilo que, para outro, passaria despercebido.

Aníbal Viana chegou criança a Vitória da Conquista, no ano de 1917. Significa que experienciou muito daquilo sobre o que fala em sua obra. Se não testemunhou, foi contemporâneo de extraordinários eventos locais, como a Tragédia do Tamanduá e a guerra entre Meletes e Peduros. Conheceu intendentess e prefeitos, conversou com antigos vereadores — ele mesmo viria a se tornar um mais tarde.

Presenciei os acontecimentos de maior destaque de sua história ocorridos de 1918 até a presente data (junho de 1983). Tive a ideia de editar um jornal que tivesse as características de porta-voz do povo conquistense. Fundei-o e dirigi “O Jornal de Conquista”, pelo espaço de tempo de 22 anos sem interrupção, vendo assim realizado o meu desejo de não passar pela minha terra adotiva como figura inexpressiva e servir, embora de modo diminuto, ao seu grande povo (Aníbal Viana, na Revista Histórica).

Em 1958, Aníbal Viana fundou, com seu irmão Asdrúbal Lopes Viana, o Jornal de Conquista, periódico que circularia durante 22 anos, em cujas páginas abrigaria textos de proeminentes intelectuais como os poetas Camillo de Jesus Lima, Íris Silveira, Erathósthene Menezes, Bruno Bacelar de Oliveira e Clóvis Lima. Jornal noticioso, abrigava também um tal Severo Sales, caneta espinhosa, pseudônimo de que Aníbal se valia para melhor assegurar sua liberdade de expressão.

O Jornal de Conquista manteve, na vida da comunidade, papel semelhante ao dos jornais O Combate e o Avante: foi sempre um veículo de cultura e civilização. Combateu tudo que era contrário ao interesse da coletividade conquistense; divulgou e comentou os fatos objetivamente, condenando-os ou elogiando-os, conforme a sua dimensão social; enfim, instruiu e educou o povo, como operante e único mestre. (Mozart Tanajura).

A disputa entre Meletes e Peduros

Coronelismo, mando e poder político estão intrinsecamente associados ao jornalismo regional nas primeiras décadas



► A história dos jornais de Conquista pode ser consultada no Arquivo Municipal

do século XX. A Primeira República é marcada por antagonismos intestinos, inclusive entre parentes, como a que ocorreu em Vitória da Conquista, envolvendo duas facções políticas cujas disputas pelo poder alcançaram o status de conflito armado e que teve a imprensa como principal instrumento de disseminação de ideias.

A guerra entre Meletes e Peduros é bastante demonstrativa de que, não raramente, antes do conflito armado, há o combate das palavras, sendo a imprensa o palco por meio do qual as ideias circulam e as divergências ganham corpo. O ano era 1919 e a tensão político-eleitoral acirrava os ânimos dos coronéis e seus partidários. As maiores fortunas do Sertão da Ressaca disputavam o Paço Municipal.

Afortunados coronéis — todos com forte parentesco entre si — mantinham-se em quebra de braço para assenhorar-se do poder local. O poderoso José Fernandes de Oliveira, o Coronel Gugé, líder carismático, mantinha algum controle sobre a situação, mas sua morte, em 1918, pôe fim à relativa tranquilidade que sua figura ensejava. Das palavras às armas, foi um pulo. A rivalidade entre os grupos, no entanto, teve como palco, antes, os jornais.

Os Peduros — facção antes liderada por Gugé — mantinham sua interlocução com a sociedade por meio do A Palavra. Os Meletes controlavam O Conquistense. A batalha pela imprensa era travada com virulência: denúncias de parte a parte e violência verbal agitavam a política local. Advogados, professores, escritores — todos travestidos de jornalistas — manifestavam suas opiniões e engrossavam o caldo da rivalidade.

E, como não poderia ser diferente, foi justamente uma nota de jornal, assinada por Maneca Grosso, o estopim para o conflito armado. A dureza de um artigo ensejou retaliação em forma de espancamento do jornalista e assassinato do amigo que o acompanhava numa área rural denominada Baixa do Arroz. A truculência do episódio causou comoção e os gestos de solidariedade se disseminaram na região resultando em luta sangrenta.

O artigo de denúncia de Maneca Grosso contra o Juiz de Direito e o Promotor Público intensificou as divergências que, há muito, transbordavam da política para a rivalidade figadal entre muitas pessoas. Jagunços já eram empreitados por ambos os grupos. A caminho de sua fazenda, Baixa do Arroz, em 5 de janeiro de 1919, Maneca Grosso e seu amigo Cirilo Rodrigues foram surpreendidos por um grupo de pessoas armadas, que muito espancou o primeiro e assassinou o segundo.

Ascendino dos Santos Melo (Dino Correia), descendente direto dos Santos e dos Fernandes, avisado da situação, dirigiu-se à Baixa do Arroz, em visita de solidariedade a Maneca Grosso, de quem fora aluno, ficou informado dos fatos e resolveu comandar reação armada contra os partidários de Maneca Moreira, os chamados Meletes; passou a organizar a distribuição de armas e a locação estratégica de partidários e jagunços do grupo de Leônicio Satyro dos Santos Silva, os Peduros. O embate entre as duas facções - Meletes e Peduros - generalizou-se e tornou-se conflito armado (Ruy Medeiros).



Capa do jornal A Conquista, o primeiro tipografado de Vitória da Conquista, conforme Aníbal Viana. A primeira edição saiu em 14 de maio de 1910.

O primogênito

Aníbal Viana nos narra que o primeiro jornal tipografado de Vitória da Conquista foi o A Conquista, pois o anterior — denominado A Palavra —, “idealizado, escrito e redigido pelo inconfundível educador e intelectual Prof. Ernesto Dantas Barbosa”, foi um manuscrito “do qual não restou nem um número para comprovar a sua existência”. Coube aos advogados Bráulio de Assis Cordeiro Borges e José Desouza Dantas instalar a tipografia Minerva e fazer circular a primeira edição do A Conquista no dia 14 de maio de 1910.

O “hebdomadário independente” era órgão do Partido Republicano Conservador e tinha como redatores Desouza Dantas e seu irmão Euclides Dantas, além de Manoel Dantas, filho de Ernesto Dantas. Em sua segunda fase, foi dirigido por Climério Pinto, descrito por Bruno Bacelar como “persistente e intemorato, um corpo mirrado, de inteligência viva, à frente de um jornal numa terra longínqua, sem nenhum sinal de progresso”.

Chamado de “herói dos mais admiráveis”, Climério Pinto assumiu a direção do primogênito semanário em ambiente e circunstâncias bastante hostis e espinhosas, numa cidade provinciana, “meio civilizada e meio taboara”, segundo palavras do jornalista Laudionor Brasil. O fim precoce e trágico do jornal decorreu da publicação de uma notícia sobre um caso de sedução envolvendo um músico da Filarmônica Vitória. É Aníbal Viana quem narra:

Em janeiro de 1916, o jornal em tela publicou, com fundamento, a notícia de que um músico da “Filarmônica Vitória” havia cometido um crime de sedução. Era presidente da sociedade musical o Cel. Paulino Viana de Oliveira, conceituado comerciante, de muito prestígio popular, bastante respeitado, corajoso e de poucas letras. O Cel. Paulino Viana era uma personagem irascível (...) e tomou a infeliz resolução de procurar o jornalista Hormindo Cunha para rasgar o jornal e atirá-lo no seu

resto e fê-lo com muita audácia, no trágico dia 31 de janeiro de 1916, em frente à redação do semanário, ao encontrar com Hormindo Cunha, que reagiu na defesa de sua integridade moral, bruscamente atingida, dizendo: “tome a resposta, coronel”, e o alvejou com um tiro de revólver. Viana tombou sem vida, tendo o acontecimento abalado profundamente a sociedade conquistense por nele estarem envolvidas duas das mais ilustres pessoas de real destaque. Porém, a opinião pública foi favorável a Hormindo Cunha, que praticara o ato na legítima defesa de sua honra.

Depois de consumado o fato, Hormindo Cunha, que era afilhado do Cel. José Fernandes de Oliveira Gugé, chefe político de grande valor, o procurou na sua residência a pouca distância do local, expondo-lhe o doloroso acontecimento. Depois de ouvi-lo, o Cel. Gugé mandou “que fosse se entregar à prisão e, dentro da lei, seria seu defensor”. Isto aconteceu. Hormindo Cunha foi regularmente processado, esteve preso, e submetido a julgamento no júri; foi absolvido, sendo brilhantemente defendido pelo ilustre advogado Dr. Luiz Gomes de Oliveira, sobrinho do Cel. Gugé. Hormindo Cunha ausentou-se desta Cidade para o Estado de Minas Gerais e assim deixou de existir o primeiro e bem-feito jornal con-

quistense, que foi uma estrela que se apagou, mas deixando um rasto de luz na sua trajetória e que tem guiado o jornalismo conquistense.

Ainda segundo Aníbal Viana, Vitória da Conquista viu circular os chamados minijornais, a exemplo de O cravo e do A rosa. O primeiro nasceu em 15 de novembro de 1912 e impresso na Tipografia Minerva. De natureza humorística, teve como fundadores o Cel. João Pereira da Silva e Anacleto Aleluia e apresentou-se assim ao público: “Tímido, receoso e humilde aparece hoje ‘O Cravo’ na arena da publicidade. Ele surge modesto e desprezioso como elemento recreativo, não como rival da ‘A Rosa’, mas como seu amigo. ‘O Cravo’ não pode e nem deve ser rival da ‘Rosa’”. Depreende-se, portanto, que A Rosa, que circulou até novembro de 2015 e era dirigido pelo escritor Deoclides Pereira de Novais, é anterior ao O Cravo.

Em 1916 — com o fim do A Conquista —, O Conquistense é fundado por Alziro Prates e Odilon Silva, tendo Ernesto Dantas como colaborador. A tipografia funcionava na antiga Praça da República, atual Tancredo Neves. Jornal declaradamente político, fazia clara oposição ao Partido Republicano Democrata

QUE TAL VOLTAR PRA CASA?

Quem já fez parte da Associação Bahiana de Imprensa, e se afastou, tem boas razões para se recadastrar e voltar a fazer parte da mais tradicional e abrangente entidade da comunicação baiana:

01

Basta preencher o formulário de recadastramento. Isso pode ser feito numa visita à sede, ou através do nosso site.

02

Novo cadastro estruturado para garantir uma comunicação direta e eficiente com associados e associadas, que estarão sempre por dentro de tudo que estiver acontecendo na ABI.

03

Anistia parcial de débitos equivalentes ou superiores a 5 anos de contribuição mensal.

04

O processo de readmissão é rápido e resolvido diretamente pela Secretaria – para profissionais ativos e legalmente habilitados.

05

Dados cadastrais trabalhados dentro de uma política de privacidade claramente definida e rigorosamente dentro do que prescreve a LGPD.

06

Acesso prioritário para eventos culturais, técnico-profissionais e acadêmicos realizados pela ABI.

07

Em eventos realizados, co-realizados ou apoiados pela ABI, gratuidade ou condições especiais.

E o mais importante:

Quem é da ABI faz parte de uma entidade que guarda a memória da imprensa baiana e faz história há 92 anos, sempre na defesa da democracia e do livre exercício do jornalismo profissional.

Quer mais?

Associados e associadas efetivas recebem a versão impressa da revista MEMÓRIA DA IMPRENSA em casa e antes de todo mundo.



Associação
Bahiana de
Imprensa



da Bahia, liderado pelo Coronel Gugé, chefe da facção popularmente denominada de Peduros, em permanente combate com os Meletes. Semanário polêmico, suas páginas estão repletas de textos críticos aos adversários políticos. A edição de 2 de novembro de 1917 traz um artigo, endereçado ao “Sr. Intendente”, cujo conteúdo é revelador do nível de tensão da política local e que desembocaria na luta armada dois anos depois:

Ao Sr. Intendente

“Queremos provas, precito, queremos provas!” Isto que ahi vê, sr. Intendente, é a reprocação graphica de uma daquellas fanfarronices estampadas na secção paga d’A Palavra de 28 de Setembro, tendo por móbil o colectivo “O Plano Sinistro”, colectivo que parece ter sido, por miseranda ingenuidade, considerado imprópria e inconscientemente por nós empregado, em vista d’esta presumpçosa interrogativa: “ou ladroeira?”

Fírmes no proposito de não darmos pábulo aos vesânicos acessos de seu capanga, Sr. Intendente, deixámos que lhe respondesse o silêncio do nosso desprezo. Mas, reiterando-nos vários amigos a observação de ser indispensável uma categórica resposta aquelle reptu hypocrita, cuja arrogância revela intuítos de amendrontar, convencemo-nos de que, realmente, poder-se-ia interpretar a continuação do nosso silêncio por uma vergonhosa confissão de calúnia, agravada por abjectos sentimentos de médo; e, portanto, ainda que tardiamente, vamos dizer alguma cousa sobre o assumpto.

Sabemos, sr. Intendente, que ladroeira é o acto, assim como ladroagem é o vício do ladrão. Mas ladroagem não tem só esta accepção: significa também uma collectividade de ladrões. Não é ladrão unicamente aquelle que, às occultas ou violentamente, furta ou rouba dinheiro, cavallos, &; também é ladrão o tratante, o homem sem consciência. Furta e é ladrão aquelle que, por meio do terror ou fraudulentamente, subtrae a coisa ou o direito de outrem. Furta e é ladrão o que apresenta como seu qualquer objecto ou direito aleheio. Furta e é ladrão quem falsifica papéis ou documentos, quer particulares, quer públicos, para proveito próprio e em prejuízo de alguem. E onde há ladroagem, há ladroeira.

Estabelecidas estas preliminares, passemos à exposição de factos que plenamente justifiquem termo “ladroagem” que empregamos; para este fim, sufficientes são os factos occorridos na eleição de 14 de Novembro de 1915.

O Conquistense deixou de circular logo após o conflito armado entre as duas facções políticas.

Em 23 de junho de 1917 circulou em Vitória da Conquista o primeiro número do A Palavra, noticioso dirigido pelo comerciante Demóstenes Alves da Rocha, partidário da facção política dos Peduros. A empreitada de montagem de um jornal contou com o apoio de vários amigos, união de esforços que permitiu a compra, no município de Condeúba, de uma tipografia que percorreu os 150 km que separam as duas cidades em carros de bois. Foram 20 dias de viagem. As máquinas foram instaladas no bonito

sobrado do coronel Paulino Fernandes, atualmente sede do Banco do Brasil, na Praça Marcelino Mendes.

Intransigência e bravura são os termos utilizados por Aníbal Viana para identificar a postura editorial do A Palavra na defesa do grupo político liderado pelo carismático coronel Gugé. Os Peduros abrigava os artigos ácidos do poeta e jornalista militante Manoel Fernandes de Oliveira, o afamado Maneca Grosso, cuja pena cirúrgica magoava o ego dos adversários, principalmente pelo teor das denúncias. Ninguém escapava incólume à ferocidade das palavras declaradas por Maneca, nem mesmo o juiz de Direito da Comarca, alvo de um artigo cáustico publicado na edição do dia 25 de dezembro de 1918, intitulado “Situação de Conquista”.

O escrito provocou a ira dos Meletes, “que tentaram o empastelamento do bravo jornal”, segundo Aníbal Viana, o que só não foi possível graças à comitiva de amigos que se uniram na redação para defender a integridade física dos jornalistas e redator-chefe Demóstenes Rocha. Dentre os defensores estava o professor José Lopes Viana, pai de Aníbal e que se tornaria, mais tarde, redator auxiliar do A Palavra, que teve entre seus colaboradores também Ernesto Dantas e Euclides de Souza Dantas. Bruno Bacelar e Newton Lima tiveram seus pendores literários revelados nas páginas de A Palavra.

Este corajoso jornal, um dos melhores que têm circulado nesta cidade, não só pela compostura, pela retidão, pela pureza de linguagem que causa inveja a muitos “jornalistas” do presente, deixou de circular, silenciando a sua voz que sempre foi na defesa das boas causas e do povo, em abril de 1920. Deixou, porém, o belo exemplo aos que teimam editar jornais no interior, que a força de vontade, a seriedade, a verdade e o critério são poderosas armas nas mãos daqueles que por idealismo fundam jornais para bem servir a comunidade, não os transformando em veículo de repudiante picaretagem (Aníbal Viana, na Revista Histórica de Conquista).

Obstinado, Alziro Prates não se paralisou com o fim de O Conquistense, cuja circulação foi interdita pelas razões políticas já narradas acima. Fundou um novo semanário — A Notícia —, cujo primeiro número circulou em janeiro de 1920, tendo entre seus redatores jornalistas já reconhecidos como Ernesto Dantas Barbosa, seu filho Flaviano Dantas e Euclides de Souza Dantas. O “brilhante jornal sertanejo” durou dez anos e seu fim tem relação com a Revolução de 1930. Isso porque, segundo Aníbal Viana, seu desaparecimento decorre da perda de força de Luís Régis Pacheco como líder político.

O nascimento de um jornal, em geral, ensejava o surgimento de um outro, por causa da necessidade que as facções políticas locais tinham de fazer circular suas ideias, mas, principalmente, de assacar contra a honra de seus adversários. Daí que o A Notícia ganhou seu oponente, o popular A Semana, cuja primeira edição circulou em 22 de junho de 1923. Fundado pelo comerciante e delegado de polícia Deoclides Pereira de Novais e dirigido pelo coronel Deraldo Mendes Ferraz, mantinha ligação

com o grupo político chefiado pelo então intendente Justino da Silva Gusmão. As polêmicas entre os dois jornais se encerraram no final de 1930, quando o A Semana também fechou as portas.

Dois outros jornais tiveram vida curta em Vitória da Conquista, mas marcaram sua presença na vida da sociedade. O se-

manário A Vanguarda foi fundado em 1926 e era editado e dirigido pelo escritor Yolando Fonseca, “na época jovem intelectual”, segundo palavras de Aníbal Viana. Já O Sertão foi a terceira tentativa editorial de Alziro Prates, depois do desaparecimento de O Conquistense e A Palavra. Circulou menos de um ano e fechou as portas.

▼ Primeiras páginas do jornal A Semana onde seu fundador Deraldo Ferraz detratava adversários.



Belo Campo, que pertenceu a Vitória da Conquista até 1962, também editou seu jornal. Em 1912, os irmãos Napoleão Ferraz e Cicero Ferraz de Araújo levaram adiante a ideia de criar um periódico e assim nasceu O Belo Campo, “bem apresentado, bem escrito, combatente, e que pug-

nava com bravura pela transformação dos costumes políticos e sociais do povo deste Município”, descreve Aníbal Viana. Era um jornal polêmico, pelo afã de combater as injustiças e o analfabetismo político. E foi justamente por esta postura firme e corajosa adotada no jornal que Napoleão

e Cícero foram emboscados e mortos no dia 5 de abril de 1915: “Barbaramente assassinados por celerados que estavam emboscados perto do povoado da Panela”, segundo palavras de Aníbal Viana. A morte dos jornalistas significou também a morte do periódico.

Política e literatura

O jornalismo regional tem uma história que merece, talvez mais que muitas outras, seu devido reconhecimento graças à qualidade editorial, mas, sobretudo, à longevidade. É o caso do A Voz do Povo, editado no vizinho município de Itambé, cujo número 1 circulou pela primeira vez no dia 15 de outubro de 1935. Por ocasião do lançamento da Revista Histórica, em 1985, ainda estava em circulação “talvez o jornal mais velho do interior baiano”, segundo palavras de Aníbal Lopes Viana.

Fundado “por um homem idealista, cheio de estoicismo a quem se ajusta perfeitamente o título de herói”, diria Aníbal, A Voz do Povo era dirigido pelo jornalista Antônio Marques Martins Silva, que já havia assumido anteriormente a direção d’O Itambé, primeiro jornal editado naquela cidade por Yolando Fonseca, fundado em 1927. Em 1923, com menos de quinze anos de idade, quando trabalhava no Jornal de Itabuna, fundou com alguns amigos O Trombone. Ainda em Itabuna, em 1925, fundou O Eco. A partir de 1926 tornou-se correspondente de jornais e revistas de Salvador e São Paulo.

O Combate, usina de luz
Laudionor de Andrade Brasil, um dos mais consagrados intelectuais de Vitória da Conquista, nascido em 1901, desde cedo demonstrou talento para as letras, tendo sido um dos fundadores do famoso Grêmio Dramático Castro Alves. Da literatura ao texto jornalístico foi um passe: assim, aos 28 anos, fundou um dos mais importantes jornais da história de Vitória da Conquista, O Combate, que circulou de 1929 a 1964.

O semanário deu voz a praticamente todos os “homens de letras” de sua época, com especial destaque para um dos maiores poetas brasileiros, Camillo de Jesus Lima, por muitos anos redator-chefe d’O Combate, em cujas páginas abrigou parte considerável de sua obra em prosa como ensaios literários, críticas literárias, poemas e matérias jornalísticas. Não à toa, o jornal era chamado de “usina de luz”, afinal, de fato, iluminava a consciência da cidade.

Político nato, Laudionor Brasil integrou, em 1930, o time de fundadores do diretório do Partido Liberal, presidido pelo coronel Deraldo Mendes, do qual foi secretário quando este go-



PLANTA DA NOVA IGREJA MATRIZ

◀ O Itambé, primeiro jornal daquela cidade, fundado em 1927.

◀ A edição de 15 de abril de 1934 do jornal O Combate apresenta a planta da nova igreja matriz e faz um apelo veemente à comunidade católica de Vitória da Conquista; na verdade, uma repremenda: “A igreja não é propriedade dos padres. É dos católicos. Dos cristãos. Não devemos esperar do vigário a edificação da Nova Igreja Matriz”.

vernou a cidade. Anos depois, passou a fazer parte do partido Autonomistas, liderado por Régis Pacheco, mais tarde prefeito, deputado federal e governador da Bahia. Laudionor fez o Combate parte integrante da vida cultural e política de Vitória da Conquista.

Circulou pela primeira vez no dia 11 de agosto de 1929. Como indicava seu nome, fora, realmente, um combatente, um defensor da liberdade, da democracia e dos direitos do homem. Enfrentou e venceu barreiras, grandes polêmicas políticas, sempre vitorioso, porque seu leme era a verdade. A redação de O Combate era situada na antiga Praça 15 de Novembro (antes de ser dividida) onde está atualmente (1983) uma lavanderia. Ali, se reuniam em torno de Laudionor Brasil os vultos de maior destaque cultural da época, como sejam Euclides Dantas, Flaviano Dantas de Oliveira, Clóvis Lima, Camillo de Jesus Lima, Mário Padre, Padre Nestor Passos, Rostil Matos, Drs. Argemiro Silva, Raymundo Brito, Erathósthene Menezes e Argeu Ferreira. A redação do jornal retratado era uma espécie de usina dos intelectuais daquele tempo, uma usina de luz. (Aníbal Viana).

Morto Laudionor em 1950, seu irmão Claudionor Brasil passa a dirigir o semanário, tendo como redator o Dr. Raymundo Oldegar de Azevedo. Entre 1955 e 1958 foi dirigido por Orlando Leite (que assumiria o mandato de prefeito em 1964, com a deposição de José Pedral pelo regime militar) e Nilton Gonçalves (também futuro prefeito, mas pelo voto popular). Nessa gestão, assumiu a chefia de redação d'O Combate o polêmico e talentoso padre Luiz Soares Palmeira. O time ainda contava com os poetas Jesus Gomes dos Santos, Flávio Jarbas e o próprio Aníbal Viana.

Entre 1959 e 1964, Reginaldo Carvalho Santos, genro de Laudionor Brasil, assumiu a direção d'O Combate. Com o golpe militar, o semanário – cujos redatores e colaboradores eram identificados com as propostas antagônicas às dos militares – foi duramente combatido, inclusive com a prisão de seu diretor e do poeta e escritor Camillo de Jesus Lima. Diante da truculência dos militares e de seus asseclas locais, não restou alternativa senão baixar as portas d'O Combate.

Avante: fogo no jornalismo

Em 27 de maio de 1931 circulou o primeiro número do Avante, semanário dirigido e redigido pelo jornalista Bruno Bacelar de Oliveira, então com 32 anos de idade. Sobreviveu até 3 de novembro de 1933, quando uma tragédia, produzida pela truculência humana e pelo desejo de censura, pôs fim à sua existência. O Avante combatia as lideranças políticas defendidas pelo jornal O Combate, daí as polêmicas envolvendo a ambos.

A primeira tentativa de fazer definhar e calar o jornal foi a acusação de seus adversários de um suposto

envolvimento de Bruno Bacelar com a Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, que ele estaria propagando nas páginas de seu jornal. Preso em 9 de julho de 1932, o jornalista foi levado para a Casa de Detenção em Salvador, onde passou muitos dias. As denúncias de seus delatores foram julgadas improcedentes e ele libertado.

Amedrontado, temendo pela própria vida, decidiu não retornar imediatamente a Vitória da Conquista, “exilando-se” em Minas Gerais por algum tempo. Sentindo superada a tormenta, volta à cidade e retoma a publicação de seu jornal, mantendo as mesmas características de combate aos grupos que ostentavam o poder naquela ocasião. O pior aconteceu: seus inimigos políticos atearam fogo em sua tipografia, situada à praça 9 de Novembro.

Este revoltante crime que feriu profundamente a sensibilidade sadia da maioria do povo conquistense foi consumado na triste noite de 3 de novembro de 1933. A justiça daquela época fechou os olhos e deixou na impunidade este ato criminoso, praticado pelo arbítrio e direito da força. Estavam vingados os poderosos descontentes com a linha de conduta do jornal que condenava os erros dos detentores da situação política daquela época, em Conquista. Mataram “AVANTE!”, mas não fizeram Bruno morrer. Ele continua vivo, já em idade avançada, porém, com o mesmo idealismo de bem servir a sua terra como sua história viva, deixando o bom exemplo à mocidade atual, do quanto vale a força de vontade aliada à firmeza de caráter e de atitudes, quando se luta pelo bem de uma comunidade. Continua Bruno vivo, cercado pelo conceito do povo, admirado como elemento de valor, não só jornalístico, como também por ser conhecedor da história de Conquista, cujas lições constantemente ministra a tantos quantos o procuram na sua residência (Aníbal Viana, Revista Histórica de Conquista).

Não seria possível, por óbvio, traçar uma linha cronológica elencando todos os periódicos que triunfaram em Vitória da Conquista, e por uma razão bem simples: careceríamos de um volume bem maior de páginas para assegurar, por exemplo, informações sobre a Tribuna do Café, que exerceu papel fundamental nas décadas de 1970 e 1980 e que hoje é referência para pesquisas acadêmicas sobre este período de nossa história regional.

O compromisso, que acreditamos ter cumprido, foi demonstrar que houve um jornalismo impresso regional cuja história e memória são merecedores de salvaguarda, de pesquisa e produção acadêmica, mas sobretudo de reconhecimento público. Neste sentido, a nossa quase centenária e monumental Associação Bahiana de Imprensa/ABI vem cumprindo um extraordinário papel de realçar o valor dos bravos jornalistas do passado que, a duras penas, constituíram um patrimônio cultural. ■



Carta de Serviços da ALBA

É a Assembleia Legislativa on-line para você.

Sugestões

Reclamações

Elogios

E muito mais

Agora é muito mais fácil conferir e acessar todos os serviços que a **ALBA** oferece. **Na Carta de Serviços**, você conhece melhor cada um deles e fica sabendo como solicitá-los e utilizá-los. Entre programas educativos, assistenciais, informativos, culturais e muitos outros, há muitas formas da **ALBA** te apoiar para você exercer a sua cidadania.

Acesse o site e conheça a Carta de Serviços da ALBA.

www.al.ba.gov.br

BAHIAGÁS 30 ANOS. SOMOS ENERGIA. SOMOS BAHIA.

TEMPO / 10p



Energia que renova e que se renova a cada dia. Energia que contagia. É essa energia boa da Bahia que inspira a Bahiagás há 30 anos. Foi assim que a Companhia se tornou a maior distribuidora de gás natural do Norte-Nordeste e uma das maiores do país. É energia mais limpa, que impulsiona o desenvolvimento do estado e melhora a vida das pessoas. E vem mais por aí. Mais sustentabilidade e mais inovação rumo à transição energética. É a Bahiagás celebrando o calor de nossa gente baiana e devolvendo em forma de chama que nunca vai se apagar.

SAC: 0800 071 9111 | www.bahiagas.com.br

 [bahiagasoficial](#)  [bahiagasoficial](#)  [companhiadegasdabahia](#)

30
ANOS



BAHIAGÁS
COMPANHIA DE GÁS DA BAHIA

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA

GOVERNO
PRESENTE
FUTURO
PRA GENTE